PLÍNIO SALGADO

MINHA SEGUNDA PRISÃO E MEU EXÍLIO

seguido de

Diário de Bordo

e

Poema da Fortaleza de Santa Cruz

VOZ DO OESTE

ESTE LIVRO, ESTE HOMEM.

A prisão em São Paulo. A Fortaleza de Santa Cruz. As orações diárias na igreja de Santa Bárbara. O poema. A partida no "General Artigas", com a despedida em que todos choram e em que ele não derrama uma só lágrima: "todos esses sofrimentos me lembrarão sempre que tenho um dever para com a Pátria; não tenho o direito de chorar quando há viúvas e órfãos de companheiros assassinados pela Tirania". O navio atravessa a barra da Guanabara na hora regulamentar em que se hasteiam as bandeiras nos quartéis e fortalezas, e, diante delas, que acenam na despedida, ele ergue o braço. Segue a viagem. Sucede-se o exílio. E o seu diário.

Diante deste livro, talvez tocado pela atmosfera mística do pequeno templo azul de Santa Bárbara, ocorre-me a abertura do sermão de Vieira na Capela Real de Lisboa, no transcurso de um ano novo: *"Desejar bons anos, dificultoso empenho"*...

O diário é a privacidade de um homem, o registro de sua mais interior e particular vivência, com o seu calor e "dificultoso empenho".

Há vidas que se configuram em sagas, engendradas pela misteriosa mão da Providência, gloriosas e terríveis. Quando percorremos os seus meandros, na íntima linguagem da alma, sentimos o quanto nos falta, em perspectiva e isenção, para o conhecimento e interpretação daquelas vidas. Ocorre que diante das grandes figuras assumem-se geralmente posições distantes, com respeito ou veneração tendentes a transformar essas personagens em monumentos de frio bronze. Quanto mais as valorizamos, mais nos afastamos delas. Aquilo que poderia evoluir para uma comunhão anímica, dilui-se, na prática, num repertório de referências e exemplos nem sempre conexos, expresso em remotas lembranças, nostalgia e citações.

Até que ponto nós podemos entender um homem?

Nada revelaria melhor Plínio Salgado do que a visão e emoção que ele próprio teve de sua vida e da sua própria história. O seu universo interior, uma sucessão de descobertas e surpreendentes encontros, ao correr da pena sensível e precisa na adversidade inexplicável.

Todas as posições são assumidas, quando as pessoas se colocam diante daquele que abisma as suas perplexidades, e que aparece, na difusa e incoerente paisagem humana, com a sua obra, o seu ideário e a sua monolítica postura — única, fiel e verdadeira. Fala-se de tudo, enquanto não se encontra o essencial. Ele, porém, vem nos dizer da sua essencialidade, de sua humanidade e dos mais recônditos sentimentos. Nesta memória de heróica e sofrida saga, Plínio abre na História do Brasil um capítulo ainda não inserido em sua correta dimensão e sobretudo em sua essência e sentimento. É que, em nossa ilógica e mesquinha história política, há muito a depurar, principalmente quanto às inutilidades oficiais, quanto às versões convenientes e quanto à insensatez que glorifica múmias e cega frente àqueles que rompem caminhos para a inteligência das nações, com a coragem e sabedoria rara dos que proferem o verbo criador.

Somente o tempo elevará o cronista à visão ampla dessa vida, em toda a sua força e beleza. Este livro, como parte de um conjunto, talvez acelere o processo e leve o nome de Plínio Salgado a identificar-se indissoluvelmente com a pátria e a gente que ele engrandeceu em cultura e em espírito.

Por simples e elementar razão o Brasil precisa de Plínio: sua consciência e altitude moral, sua brasilidade e universalidade, suas energias e extraordinária força de caráter. Que o Brasil o encontre, que o conheça e o entenda, a tempo de poder comemorar bons anos ainda por vir. Os bons anos que, para o Padre Vieira, naquele sermão, seriam uma expectativa, a buscar-se na Graça Divina. Numa expectativa semelhante, desejar o pensamento redivivo, e falar em Plínio, que o pensou, é, hoje, o mais "dificultoso empenho"...

Rio, novembro, 1980

Ronaldo Moreira

Minha Segunda Prisão e Meu Exílio

seguido de

Diário de Bordo

e

Poema da Fortaleza de Santa Cruz

ESTE LIVRO FOI DIGITALIZADO POR
INTEGRALISTAS
@NucleoJoinville
JOINVILLENSES

VOZ DO OESTE

CAPA: Letras de Regina Helena Garcia Dorea sobre fotografia tirada na Fortaleza de Santa Cruz, em 1939, pelo Cel. Carlos Faria de Albuquerque.

Última capa: retrato da Fortaleza de Santa Cruz (cujo contorno lembra, também, o mapa do Brasil), foto de Genésio Pereira Filho.

Reservados os direitos para a língua portuguesa, e de tradução, reprodução e adaptação para qualquer veículo de comunicação. *Copyright by* Carmela P. Salgado. Direitos de publicação do presente volume reservados pela EDITORA VOZ DO OESTE LTDA, C.P. 4.623, CEP 01000 — São Paulo, S.P. — Brasil

PLINIO SALGADO

Minha Segunda Prisão e Meu Exílio

seguido de

Diário de Bordo

e

Poema da Fortaleza de Santa Cruz

EDITORA VOZ DO OESTE
São Paulo
1980

OBRAS DE PLÍNIO SALGADO LANÇADAS PELA EDITORA VOZ DO OESTE

VIDA DE JESUS

(20.ª edição, com reproduções da arte sacra baiana (esgotada), e 21.ª, com reproduções da arte sacra missionária)

COMO NASCERAM AS CIDADES DO BRASIL

(5.ª edição, com prefácio de Euro Brandão, ricamente ilustrada — esgotada)

A VOZ DO OESTE

(5.ª edição, com prefácio de Otacílio Colares, da Universidade Federal do Ceará)

O RITMO DA HISTÓRIA

(3.ª edição)

PRIMEIRO, CRISTO!

(5.ª edição)

O CAVALEIRO DE ITARARÉ

o romance das revoluções brasileiras

(5.ª edição)

TEMPO DE EXÍLIO

(correspondência familiar-1)

Introdução de Maria Amélia Salgado Loureiro

SUMÁRIO

— Biobibliografia de Plínio Salgado XI
— Minha segunda prisão e meu exílio 1
— Diário de bordo 81
— Poema da Fortaleza de Santa Cruz 113

Reproduções fac-similares:

— Carta de Carlos Albuquerque XXI
— Assinaturas do almoço de despedida na Fortaleza 71
— Carta de Plínio Salgado à sua filha Maria Amélia 77

BIOBIBLIOGRAFIA DE PLÍNIO SALGADO

(Organizada por G. R. D.)

I

SÍNTESE CRONOLÓGICA

1895 — Nascimento, a 22 de janeiro, na cidade paulista de São Bento do Sapucaí, filho do farmacêutico Francisco das Chagas Esteves Salgado e da professora dona Ana Francisca Rennó Cortez.
Quando criança, juntamente com seus irmãos, ouvia preleções de seu progenitor, chefe político do município, em torno de Caxias e outros grandes vultos da história pátria. Lia muito, principalmente os clássicos da língua.

1911 — Aos 16 anos, com o falecimento de seu pai, e estudando no Ginásio São José, em Pouso Alegre (Estado de Minas), teve de voltar para São Bento do Sapucaí a fim de cuidar de sua progenitora e dos quatro irmãos mais novos.

1913 — Aos 18 anos, cria o Partido Municipalista, juntamente com Gama Rodrigues, Machado Coelho, Agostinho Ramos e Joaquim Cortez, "para combater a ditadura do governo estadual". Esta foi a primeira organização política brasileira a se voltar para a defesa do município. Aplica-se em sua cidade a diversas atividades, dirige um clube de futebol, um grupo teatral, pronuncia conferências, é orador oficial em todas as solenidades, é defensor de réus quando faltavam advogados, funciona como topógrafo judicial e ocupa o cargo de inspetor escolar no município. Lança o semanário local "Correio de São Bento".

1918 — Casa-se com a senhorita Maria Amélia Pereira, descendente de tradicional família sãobentista, a qual veio a falecer após um ano, deixando uma filha, Maria Amélia, com apenas 15 dias, que passou a ser zelada pela avó e tios.

1919 — Muda-se para São Paulo onde ingressa como suplente de revisor, ascendendo logo a redator, no "Correio Paulistano", porta-voz do governo estadual na época. Aí trava conheci-

mento com inúmeros intelectuais e políticos, a muitos ligando-se por sólida e profunda amizade.

1922 — Realização da Semana de Arte Moderna, cujos principais participantes "apontaram novos caminhos, libertações integrais, nacionalismo espontâneo". Leitura absorvente de Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Cendrars.

1924 — Indicado como Secretário da Coligação Paulista, presidida por Altino Arantes.

1926 — Publicação de *O Estrangeiro*. Preocupação com problemas políticos: leituras de Marx, Sorel, Lênin, Trotski, Riazanov, Plekanov, Fuerbach.

— Falecimento de sua progenitora.

1927 — Insistentemente convidado pelo Presidente Júlio Prestes, candidatou-se a deputado estadual e é eleito com grande votação.

1928 — Cria a Prefeitura Sanitária de Campos do Jordão e consegue leis favoráveis à agricultura paulista. Funda, com Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo e Motta Filho o Movimento Verde-Amarelista.

1929 — Em 31 de julho, como primeiro ocupante, toma posse da cadeira n.º 6, da Academia Paulista de Letras, sendo patrono da mesma Couto de Magalhães. Posse conjunta de Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Alfredo Ellis Jr., Cassiano Ricardo, Nuto Sant'Ana e Gofredo da Silva Teles.

1930 — Viagem à Europa e Oriente, como preceptor de um jovem paulistano. Vê as transformações políticas da Turquia, da Itália, da Alemanha, "lê uma vasta literatura comunista que circulava em Paris", examina a pequena Bélgica, medita no Egito (sobre o imperialismo inglês), observa a anarquia dos espíritos na Espanha e a nova ordem de Portugal: "tudo me mostrava a morte de uma civilização, o advento de uma nova etapa humana".

— Deflagrada no Brasil a revolução contra Washington Luís e o sistema político que este representava.

1931 — Fundação e direção de "A Razão". Artigos diários de doutrinação política e análise da situação brasileira e internacional.

1932 — Revolução Constitucionalista. Incêndio de "A Razão". Fundação da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Lançamento do Manifesto de Outubro, com que se iniciaram as atividades independentes da Ação Integralista Brasileira, antes um setor de orientação da SEP.

1935 — Intentona comunista no quartel da Praia Vermelha, ocasião em que foram assassinados covardemente pelos comunistas, na calada da noite, quando dormiam, indefesos oficiais do Exército Brasileiro, alguns adeptos do Integralismo. Por telegrama ao Presidente da República é oferecida a ajuda dos Integralistas.

1936 — Casa-se em segundas núpcias com a senhorita Carmela Patti, pertencente a conceituada família radicada em Taquaritinga, Estado de São Paulo, não havendo filhos deste consórcio.

1937 — Candidatura a Presidente da República, concorrendo com José Américo de Almeida e Armando Salles de Oliveira. Fechamamento de todas as organizações políticas. É convidado para Ministro da Educação, que recusa por não concordar com os termos da nova constituição. É implantado o Estado Novo.

1938 — Revolta, denominada "integralista" (V. *Dicionário de História do Brasil*, Melhoramentos, São Paulo, 1976, 4.ª edição, pág. 469), objetivando a restauração democrática no Brasil, e que ocasionou inúmeras prisões e fuzilamentos de membros da Ação Integralista Brasileira, e exílio dos principais líderes. Prisão na Fortaleza de Santa Cruz. Exílio para Portugal.

1939-1946 — Intensa atividade cultural e religiosa em Portugal.

1942 — Publicação da *Vida de Jesus*, cuja primeira edição, lançada em São Paulo, é apreendida e logo após liberada.

1946 — Retorno ao Brasil, com a deposição de Getúlio Vargas. Fundação, por um grupo de brasileiros, do Partido de Representação Popular.

— É eleito Presidente do Partido de Representação Popular (extinto, juntamente com todos os outros organismos políticos, após 1964).

1947 — Escreve semanalmente um artigo para o semanário "Idade Nova".

1948 — É convidado a comparecer às Conversações Católicas Internacionais, realizadas em San Sebastian, na Espanha, diretamente pelo Arcebispo de Santiago de Compostela, D. Bellester Nietto, para colaborar na redação de uma "Carta dos Direitos e Deveres do Homem", tendo a sua orientação sido a vencedora, e o primeiro artigo ficado assim redigido: "O Homem é um ser feito à imagem e semelhança de Deus, seu Criador, possuindo uma alma imortal, dotada de inteligência e de vontade livre. Ele deve encontrar na sociedade civil os meios de cumprir seus deveres e de exercer seus direitos correlativos, conforme as finalidades da sua natureza e sua vocação divina".

1950 — Apoia o Brig. Eduardo Gomes à Presidência da República e disputa a senatoria pelo R. G. do Sul, onde obtém mais de 300.000 votos, não conseguindo, porém, eleger-se.

1952 — Fundação da Confederação de Centros Culturais da Juventude e sua eleição como Presidente de Honra da mesma, que reuniu, inicialmente, dezenove entidades de jovens, oriundas de todo o Brasil, e chegou a atingir para mais de quinhentas em todo o território nacional.

1953 — Fundação do semanário "A Marcha", de que foi colaborador até o encerramento de suas atividades.

1955 — Candidatura à Presidência da República, disputando com Juscelino Kubitschek de Oliveira, Juarez Távora e Ademar de Barros, quando obteve quase um milhão de votos.

1956 — Eleito Deputado Federal pelo Estado do Paraná.

1960 — Passa a colaborar semanalmente no "Diário de São Paulo", o que faz durante 15 anos seguidos.

1960-1964-1970-1974 — Eleito Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, integrando sempre a Comissão de Educação e Cultura. Instala-se, definitivamente, em Brasília, a partir de 1960.

1961 — Representa o Brasil na Conferência Geral da UNESCO, em Paris, como observador parlamentar.

1975 — Falecimento, a 7 de dezembro, em São Paulo, sendo enterrado no cemitério do Morumbi.

1977 — Inaugurada a Praça Plínio Salgado, em Rio Claro, S.P.

1979 — No dia 7 de outubro, inauguram-se a Praça 7 de outubro e a Avenida Plínio Salgado, em Varginha, Minas Gerais.

II

BIBLIOGRAFIA

1915 — *Thabor* (poemas), ed. do autor.

1921 — *A boa nova* (assuntos bíblicos), ed. do autor.

1926 — *O estrangeiro* (romance), ed. Helios Ltda.
(in OBRAS COMPLETAS, ed. das Américas, 1954, São Paulo, vol. X, e 8.ª ed., José Olympio, 1972).

1927 — *Literatura e política*, ed. Helios Ltda.
(2.ª ed. in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).

— *A anta e o curupira* (manifesto modernista), ed. do autor (in *Despertemos a Nação*, in OBRAS COMPLETAS, vol. X).

1927 — *O curupira e o carão* (em colaboração com Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo), ed. Helios Ltda.

1927 — *A literatura gaúcha* — Conferência literária realizada no "Centro Gaúcho" de São Paulo.

1931 — *O esperado* (romance), comp. Editora Nacional.
(5.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XII).

— *Oriente* (Viagem), ed. do Autor.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, Vol. XVIII).

1933 — *O cavaleiro de Itararé* (romance), ed. Unitas.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vols. XIII e XIV, 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979).

— *O que é o Integralismo* (política), Schmidt ed.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).

1934 — *A voz do oeste* (romance histórico), ed. José Olympio.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XIV), 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978.

— *O sofrimento universal* (filosofia e sociologia), ed. José Olympio.

— *Psicologia da revolução* (filosofia e política), ed. Civilização Brasileira.
(5.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).

1935 — *A quarta humanidade* (temas filosóficos, ed. José Olympio.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).

— *Despertemos a Nação* (política), ed. José Olympio.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).

— *A doutrina do Sigma* (política), Editora Verde-Amarelo, SP.

1936 — *Palavra nova dos tempos novos* (temas literários e políticos), ed. José Olympio.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).

1937 — *Nosso Brasil* (brasilidade), ed. Coelho Branco.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).

— *Geografia sentimental* (brasilidade), ed. José Olympio.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).

— *Páginas de combate* (política), ed. Livraria Antunes.

1942 — *Vida de Jesus* (biografia), ed. Panorama (in OBRAS COMPLETAS, vols. I, II, III), 21.ª edição, Voz do Oeste, S.P., 1979.

1943 — *A aliança do Sim e do Não* (ensaio histórico, sociológico e religioso), ed. Ultramar, Lisboa.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).

1946 — *A mulher no século XX* (sociologia), ed. Tavares Lisboa, Porto.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).

— *O Rei dos reis* (história e religião), ed. Pro Domo, Lisboa.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI).

— *Conceito cristão da democracia* (ensaio político-filosófico), ed. Estudo, Coimbra.
(4.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).

— *Primeiro, Cristo!* (religião), ed. Figueirinhas, Porto.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VI), 4.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1979.

— *A tua cruz, Senhor* (religião), ed. Ática, Lisboa.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).

— *Como nasceram as cidades do Brasil* (história), Ática, Lisboa.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII, 5.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978).

— *Madrugada do espírito* (antologia filosófica-política), ed. Ática, Lisboa.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VII).

— *O Integralismo brasileiro perante a Nação* (política), s/ed., Lisboa.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IX).

1947 — *A imagem daquela noite* (teatro religioso), ed. Gama, Lisboa.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).

— *Mensagem às pedras do deserto* (ensaios políticos), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).

1948 — *Direitos e deveres do homem* (trabalho apresentado nas Conversações Católicas de San Sebastian, Espanha), Livraria Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(3.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. V).
— *Poema da Fortaleza de Santa Cruz* (poesia), ed. de luxo, Guanumbi, São Paulo.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).
— *Extremismo e democracia* (política), ed. Guanambi, S.P.
— *Pio IX e o seu tempo*, prefácio à obra de Villefranche, *Pio IX*, ed. Panorama, São Paulo, 1948 (in OBRAS COMPLETAS, vol. XI).

1949 — *O ritmo da história* (ensaios políticos), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI), 3.ª ed., Editora Voz do Oeste/INL, 1978.
— *Discursos* (seleção), ed. Panorama, São Paulo.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. X).

1950 — *São Judas Tadeu e São Simão Cananita* (hagiografia), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. VIII).

1951 — *Sete noites de Joãozinho* (literatura infantil), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *Espírito da burguesia* (ensaio sociológico), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
(2.ª ed., in OBRAS COMPLETAS, vol. XV).

1953 — *O Integralismo na vida brasileira* (política), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *As qualidades e as virtudes de Euclides da Cunha* — Síntese de uma conferência proferida em São José do Rio Pardo — na V Semana Euclidiana, em 1953.

1954 — *Atualidades brasileiras* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVI).
— *Roteiro e crônica de mil viagens* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVIII).
— *Críticas e prefácios* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XIX).
— *Contos e fantasias* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
— *Sentimentais* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XX).
— *A inquietação espiritual na atualidade brasileira* (in OBRAS COMPLETAS, vol. XVII).
— *Páginas de ontem* (excertos de "A doutrina do Sigma", "Páginas de combate" e "Cartas aos Camisas-verdes", in OBRAS COMPLETAS, vol. X).
— *Viagens pelo Brasil* (in OBRAS COMPLETAS, vol. IV).

1955 — *Mensagem ao povo brasileiro*, ed. do autor, Rio de Janeiro.

1956 — *Livro verde da minha campanha*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.

1957 — *Reconstrução do homem* (filosofia educacional), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.

1957-1958 — *Palestras com o povo* — Irradiações na Rádio Globo.

1961 — *Discursos na Câmara dos Deputados* (seleção), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.
— *Poemas do século tenebroso* (com o pseudônimo de Ezequiel), Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.

1962 — *A crise parlamentar* (cinco discursos), ed. do autor, Brasília.
— *Como se prepara uma China*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro.

1963 — *Imitação de Cristo* (tradução e introdução à obra de Kempis), ed. Verbo, Lisboa.

1964 — *Instrução Moral e Cívica*, ed. FTD, Rio de Janeiro.

1969 — *História do Brasil*, 2 vols., ed. FTD, Rio de Janeiro.
(2.ª ed., 1972, ed. FTD).

1972 — *Trepandé* (romance), ed. José Olympio, Rio de Janeiro.

1973 — *13 anos em Brasília* (recordações), ed. do autor, Brasília.

OPÚSCULOS EDITADOS PELO CONGRESSO NACIONAL

1965 — *A batalha do Riachuelo* (como orador oficial do Parlamento Brasileiro nas comemorações de centenário).

1967 — *Sol do Oriente, Sol do Ocidente* (sobre as relações Brasil-Japão, como orador oficial do Parlamento Brasileiro).

1972 — *40.º aniversário de lançamento do Manifesto da Ação Integralista Brasileira.*
— *O grito do Ipiranga* (por ocasião do Sesquicentenário da Independência).
— *A Semana de Arte Moderna* (nas comemorações do 50.º aniversário).

1973 — *Origens e evolução do Parlamento* (sesquicentenário do Legislativo).

1974 — *Evolução histórica da gravura.* Aula proferida na abertura da exposição retrospectiva promovida por "The Past", em Brasília, set. de 1974.

1975 — *Despedida do Parlamento.*

III

PEQUENO ROTEIRO DE PESQUISA SOBRE A VIDA E OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Nota de esclarecimento — Considerando-se não ser possível proceder-se de imediato ao levantamento bibliográfico completo acerca de Plínio Salgado, a *Editora Voz do Oeste* relaciona aqui alguns trabalhos que analisam a obra deste escritor, sob o aspecto mais literário que político, não obstante, quase sempre, seja impossível estabelecer-se uma separação estanque; o autor da *Vida de Jesus* é o mesmo homem que escreveu *O Estrangeiro* e é o mesmo que deflagrou um grande movimento político, de massas e de inteligência, na história do Brasil. Não se busque, portanto, aqui, mais que um "pequeno

roteiro", a ser utilizado por todos aqueles que desejam estudar a vida e o pensamento de Plínio Salgado, e que, pretendendo aprofundá-los no tocante à sua obra máxima, síntese de toda uma vida de ação e de criação intelectual, poderão encontrar valiosos subsídios na bibliografia referente à *Vida de Jesus* (v. 21.ª ed., Editora Voz do Oeste, SP., 1979), assim como, na 5.ª edição de *Como Nasceram as Cidades do Brasil*, os trabalhos de Euro Brandão, João Ameal e Tasso da Silveira.

Adonias Filho. Pronunciamento de, *in* sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro, 1976.

Amândio César. *Literatura pelo caminho*, ed. 4 Ventos, Lisboa, 1958.

Andrade Murici. *A nova literatura brasileira*, ed. Globo, Porto Alegre, 1936.

Beraldo, S. J., Carlos. *Plínio Salgado*, verbete *in* ENCICLOPÉDIA FILOSÓFICA, Centro de Estudos Filosóficos de Gallarate, Firenze (Itália), 2.ª ed., 6 vols., 1968-1969.

Brito, Mario da Silva. *História do modernismo brasileiro*, ed. Saraiva, 1958, S. Paulo.

Coutinho, Afrânio. *A literatura no Brasil*, 4 vols., Rio de Janeiro, ed. Sul-Americana, 1955-1959.

Cunha, Fernando Whitaker da. *Democracia e Cultura*, 2.ª ed., Forense, Rio de Janeiro, 1973.

Diversos. *Para onde vai o Brasil?*, Renascença ed., Rio, 1933.

Diversos. *Plínio Salgado*, ed. da revista Panorama, São Paulo, 1937.

Diversos. *Plínio Salgado* — 1895-1975 (depoimentos de Oswaldo Zanello, A. H. Cunha Bueno e Agostinho Rodrigues), Câmara dos Deputados, Brasília, 1976.

Diversos. *Enciclopédia do Integralismo* (11 volumes), Edições GRD — Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1956-1959.

Dorea, Augusta Garcia Rocha. *O romance modernista de Plínio Salgado*, 2.ª ed., IBRASA, S.P., 1978.

Faria, Octávio de. *Machiavel e o Brasil*, Civ. Brasileira S/A, 2.ª ed., Rio de Janeiro, 1933.

Freyre, Gilberto. *Uma cultura ameaçada: a luso-brasileira*, ed. Casa do Estudante do Brasil, 2.ª ed., Rio, 1942.

Graciotti, Mario. *Os deuses governam o mundo*, Nova época editorial, S. Paulo, 1980.

Graciotti, Mário. *Europa tranqüila*, ed. Clube do Livro, 4.ª ed., São Paulo, 1959.

Grieco, Agrippino. *Evolução da prosa brasileira*, in OBRAS COMPLETAS, José Olympio, Rio de Janeiro, 1948.

Leite, Ascendino. *As coisas feitas*, EDA, R.J., 1980.

Lima, Ebion de. *Lições de história da literatura brasileira*, Liv. Ed. Salesiana, S/A, S. Paulo.

Medeiros, Jader. *A força de um pensamento*, edição da UOCB, Rio de Janeiro, 1973.

Nestor Vitor. *Os de hoje*, in OBRA CRÍTICA, vol. II, Ministério da Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 1973.

Reale, Miguel. Pronunciamento de. *In* sessão do Conselho Federal de Cultura, Rio de Janeiro.

Roy, Teresa Maria Malatian. *A ação Imperial Patriamovista Brasileira*, tese apresentada à PUC (S.P.), 1978, S.P.

Sacerdos. *O homem integral*, Liv. Clássica Brasileira, Rio de Janeiro, 1957.

Saldanha, Nelson. *História das idéias políticas no Brasil*, Universidade Federal de Pernambuco, 1968.

Salim, Emílio José. *Ciência e Religião*, 2.ª ed. ampliada, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1941.

Silveira, Alarico. *Enciclopédia brasileira*, INL, Ministério da Educação e Cultura, Rio de Janeiro, 1958.

Silveira, Tasso da. *Diálogo com as raízes*. GRD/MEC, Salvador, 1971.

Ricardo, Cassiano. *Viagem no Tempo e no Espaço*, José Olympio, Rio de Janeiro, 1970.

Picchia, Menotti del. *A longa viagem*, Martins, São Paulo, 1970.

IV

ANÁLISE RECENTE DA OBRA DE PLÍNIO SALGADO

Avoluma-se, no Brasil, com caráter de seriedade — mas que não deixa de ser uma pseudo-seriedade, pelo partidarismo político de que se reveste e pela unilateralidade da análise — o número de volumosos trabalhos de autores marxistas, católicos progressistas, ex-integralistas, etc..., a respeito da obra de Plínio Salgado. Não poderíamos, em acato à produção intelectual alheia — mesmo de adversários quase sempre isentos de boa-fé —, deixar de registrá-los, devendo, evidentemente, serem eles analisados com as devidas reservas, pois são pesquisadores que, descobrindo a obra de Plínio Salgado, ou reavaliando-a hoje sob prismas ou emoções diferentes das emoções e prismas de ontem — e sentindo a sua extraordinária força de criação político-social, traduzida no mais seguro dos roteiros para a garantia presente e futura da nacionalidade brasileira — descobrindo essa obra, ou tomando posição contra ela quando anteriormente a defendiam, se propõem a destruí-la inexoravelmente, através de distorções e comparações descabidas e de conclusões preconceituosas, o que os leva, aliás, a divergirem entre si, como é o caso de J. Chasin, H. Trindade, W. Guilherme dos Santos, etc...

Alguns autores abaixo relacionados são pesquisadores que não se sentem suficientemente fortes para rasgar a máscara de ferro imposta pela propaganda do DIP getuliano à fisionomia pliniana; outros são incapazes de escapar aos pronunciamentos ditados pelo tribunal de exceção vigente no Estado Novo, e os restantes, acorrentados aos chavões dogmáticos do marxismo internacional — tão velhos e comprovadamente incapacitados de atender aos objetivos mínimos que a dignidade humana pode exigir —, mesmo a eles se convertendo em nossos dias, dias de Gulags nazistas ou comunistas (e tão brilhantemente defendidos por Antônio Cândido no prefácio à volumosa obra de Chasin), todos devidamente inabilitados, portanto, para analisar a imensa produção de Plínio Salgado tal como

ela foi elaborada e vivida, dentro de nossa realidade e especificamente para ela, isto é, para a realidade brasileira de nosso tempo.

São os seguintes, os livros e seus autores, aos quais estamos nos referindo:

Carone, Edgard, *Revolução do Brasil contemporâneo,* Desa, S.P., s/d.; *A República nova,* Difel, S.P., 1974.

Chasin, J. *O Integralismo de Plínio Salgado,* Liv. Ed. Ciências Humanas Ltda., S.P., 1978.

Corbisier, Roland. *Filosofia e crítica radical. Liv.* Duas Cidades, S.P., 1976.

Lima, Alceu Amoroso. *Revolução suicida,* Editora Brasília, R.J., s/d.

Lustrosa, Oscar de Figueiredo. *A Igreja e o Integralismo no Brasil, 1932-1939,* in "Revista de História", S.P., vol. LIV, n.º 108, 1976.

Medeiros, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil 1930-1945,* Fundação Getúlio Vargas, R.J., 1978.

Schooyans, Michel. *Destin du Brésil,* Duculot, Belgique, 1973.

Silva, Hélio. *Terrorismo em campo verde,* Civ. Brasileira, R.J., 1971.

Trindade, Hélgio. *Integralismo, o fascismo brasileiro da década de trinta,* DIFEL, S.P., 1976; 2.ª ed., ampliada, DIFEL, 1979.

Outros ângulos, porém, vão se incorporando à análise a que vem sendo submetida a obra e a vida de Plínio Salgado — alguns com dignidade e isenção — nos mais diversos setores. Assim, *no campo literário,* veja-se:

Barros Ferreira. *O vendaval* 1930, ed. do A., S.P., 1980.

Corrêa, Nereu. *A tapeçaria lingüística d'Os Sertões e outros estudos,* edições Quiron/MEC, S.P., 1978 (com excelente ensaio sobre *Trepandé, intitulado* "O romance de uma cidade morta").

Guimarães, Josué. *Os tambores silenciosos,* ed. Globo, Porto Alegre, 1977 (este romance é aqui registrado pelo retrato fiel que faz de um dos momentos místicos da vida política de Plínio Salgado, as chamadas "Noites dos tambores silenciosos", possibilitando, assim, o seu conhecimento pelas novas gerações que, dessa etapa histórica da vida brasileira, só conhecem interpretações inverídicas e falseadas.)

Martins, Wilson. *História da inteligência brasileira,* vols. VI e VII, ed. Cultrix, S.P., 1978-79.

Moraes, Eduardo Jardim de. *A brasilidade modernista,* ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

Mourão, Gerardo Mello. *Peripécia de Gerardo,* in OS PEAS, GRD/INL, 1980.

Nunes, Benedito. *As idéias filosóficas no Brasil* — séc. XX, parte II, ed. Convívio, S.P., 1978 (cita-se aqui esta obra pela estranha originalidade do autor, em, analisando "O pensamento estético no Brasil", e conseqüentemente a Semana de Arte Moderna de 1922, conseguir o "extraordinário" feito de não fazer nenhuma referência a Plínio Salgado e sua obra!).

Vasconcelos, Gilberto. *Ideologia curupira,* análise do discurso integralista. Brasiliense, S.P., 1979.

Na *área político-religiosa* deve-se ver:

Moura, O.S.B., D. Odilão. *As idéias filosóficas no Brasil, séc. XX,* parte I, ed. Convívio, S.P., 1978.
Idéias católicas no Brasil, ed. Convívio, 1978.

Araújo, Ricardo Benzaquem. "As classificações de Plínio Salgado — Uma análise do pensamento de Plínio Salgado entre 1932 e 1938", in *Revista de Ciência Política,* ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1978, vol. 21, n.º 3, de setembro de 1978.

Chauí, Marilena. *Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. In* Marilena Chauí e Maria Sylvia Carvalho França, *Ideologia e Mobilização,* ed. Paz e Terra/CEDEC, Rio, 1978.

Corbisier, Roland. *Autobiografia filosófica,* ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

Castro, Marcos de. *Dom Helder,* ed. Graal, Rio de Janeiro, 1978.

Santos, Wanderley Guilherme dos. *Ordem burguesa e liberalismo político,* ed. Liv. Duas Cidades, S.P., 1978.

Vieira, Maria do Pilar Araujo. *Em busca do Sigma,* estudo sobre o pensamento político de Plínio Salgado às vésperas da fundação da AIB. S.P., 1978.

Vinda de um ex-líder integralista, não podemos deixar de relacionar aqui a entrevista concedida pelo filósofo Miguel Reale e publicada no primeiro caderno de *O Estado de São Paulo,* em sua edição dominical de 14-5-1978, depoimento honesto e isento de paixões, cuja leitura se torna indispensável a todos os que pretendam mergulhar no significado do Integralismo, "cuja pregação de idéias deu ao Brasil as sementes da sua nova consciência cívica" — nas palavras de San Tiago Dantas, ao saudar o pensador paulista em determinado momento do após-guerra (V. *Palavras de um Professor,* Forense, 1975, com apresentação de Afonso Arinos de Melo Franco, pág. 145). Este testemunho de Miguel Reale foi lido na Câmara Federal pelo deputado Sebastião Navarro, cujo pronunciamento posteriormente foi publicado em plaquete.

Gumercindo Rocha Dorea

NOTA: *Esta biobibliografia sintética de Plínio Salgado é essencialmente dinâmica, o que implica em ser reelaborada e acrescida em cada obra publicada pela Editora Voz do Oeste Ltda. Novos títulos sobre a vida e obra de Plínio Salgado a ela serão incorporados, e assim sucessivamente, dependendo sempre da melhor informação que chegar ao nosso conhecimento.*

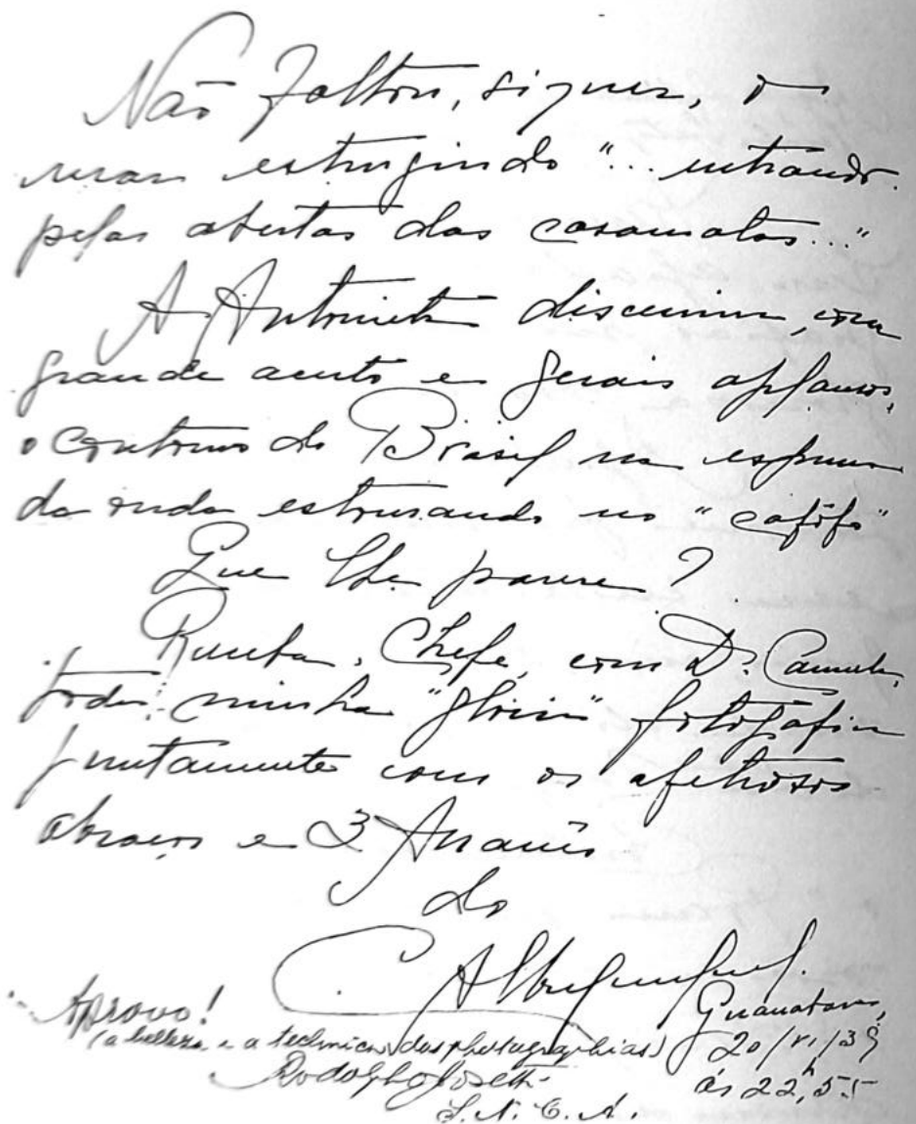
Ayres Saldanha, 136
Nucleo Integralista permanente

Querido Chefe!

Pareceu-me que lhe seria agradavel vêr estas fotografias no inicio de sua gloriosa viagem.

Agradeço ao Destino o ter-me proporcionado colher esses instantaneos, alguns dos quaes, creio, são a illustração vivida do "Poema da Fortaleza de Sta. Cruz".

Contemplando-os vive-se o "Poema" ou, melhor dito, vive-se o Brasil Heroico; o Brasil que o Chefe nos desvendou: — o Nosso Brasil!



Não faltou, siquer, o mar estrugindo "... entrando pelas abertas das casamatas..."

A Antonieta discerniu, com grande acerto e gerais aplausos, o contorno do Brasil na espuma das ondas estourando no "cafofo".

Que lhe parece?

Receba, Chefe, com D. Carmela, toda minha "glória" fotográfica juntamente com os afetuosos abraços e 3 Anauês

do

C. Albuquerque

Guanabara, 20/VI/39 às 22,55

Aprovo! (a beleza e a técnica das fotografias) Rodolfo Josetti S.N.C.A.

Ayres Saldanha, 136
Núcleo Integralista Permanente

Querido Chefe!

Pareceu-me que lhe seria agradável ver estas fotografias no início de sua gloriosa viagem.

Agradeço ao Destino o ter-me proporcionado colher estes instantâneos, alguns dos quais, creio, são a ilustração vivida do "Poema da Fortaleza de Sta. Cruz".

Contemplando-os vive-se o "Poema" ou melhor dito, vive-se o Brasil Heróico, o Brasil que o Chefe nos desvendou: — o Nosso Brasil!

Não faltou, siquer, o mar estrugindo "... entrando pelas abertas das casamatas..."

A Antonieta discerniu, com grande acerto e gerais aplausos, o contorno do Brasil na espuma das ondas estourando no "cafofo".

Que lhe parece?

Receba, Chefe, com D. Carmela, toda minha "glória" fotográfica juntamente com os afetuosos abraços e 3 Anauês

do

C. Albuquerque

Guanabara

20/VI/39

às 22,55

Aprovo!
(a beleza e a técnica das fotografias)
Rodolfo Josetti
S.N.C.A.

Minha Segunda Prisão e Meu Exílio

São Paulo, 28 de Maio de 1939. (domingo)

Enviei ontem, pelo Machado Florence, uma carta ao Ministro da Guerra, colocando os Integralistas, durante minha ausência forçada na Europa, sob o patrocínio do Exército. Nessa carta exprimo meus receios pelas intrigas comunistas, no sentido de provocarem prisões e perseguições aos Integralistas, criando contra estes a antipatia das autoridades militares. Espero que o General Dutra compreenda meu dramático apelo na hora de minha partida, pois apesar do meu manifesto deste mês, o governo me intimou a retirar-me do país.

São Paulo, 29 de Maio de 1939. (2.ª feira)

O partido comunista (Seção Regional de S. Paulo) — em boletim espalhado na cidade, exige minha prisão denunciando-me como envolvido em conspirações militares. Os comunistas mostram-se indignados com o manifesto que lancei no dia 15, recomendando paz, ordem, abstenção de agitação por parte dos Integralistas.

À tarde, fui procurado, ao mesmo tempo, pelo Secco, Secret. do Chefe de Polícia e pela Região Militar. De ambos, recebo ordem de prisão. Chega também o Paulo Silveira da Motta e me prende em nome da Delegacia de Ordem Política. Resolve-se, afinal, que eu vá para a Região Militar. Sou levado para o quartel do 4.º Esquadrão. Recebido secamente pelo Capitão-Comandante, conduz-me ele a um quarto vizinho ao seu, onde fico fechado com sentinela à vista, de arma embalada. O Cap. me participa que estou incomunicável.

Duas horas depois, batem à porta. É o Major Iberê Leal Ferreira, que me comunica ter eu de seguir para o Rio, no primeiro avião e diz que posso ir despedir-me de minha mulher. Saio com o Major Iberê rumo à casa onde estamos (Dr. Bento Luiz de Almeida Prado) e ali encontro Carmela que vai saindo com Irene, Maria Amélia e D. Pureza,[1] para

1 — Com que emoção vi minha filha com minha mulher e minha irmã naquele momento! Minha irmã estava bem doente e na iminência de uma operação. A ela o Integralismo deve tudo, mas tudo: se não fosse a capacidade de Irene sofrer calada, eu não teria lançado o movimento em 1932. Minha filha, coitada, estava magrinha, quando fui preso, pois muito havia sofrido com a prisão do marido, meu secretário, que acabava de cumprir pena. Quanto à minha mulher não preciso dizer como estava aflita. E D. Pureza? A boníssima idealista, algo boêmia, como o marido, o Bento, tão dedicado.

tentar me ver. Elas voltam e resolvemos que Carmela siga comigo no mesmo avião. Maria Amélia e D. Pureza saem a procura do Comendador Antonio Pompeu,[2] o Geraldo[3] corre a telefonar à Vasp para comprar a passagem de Carmela. Chegando o Com. Antonio Pompeu, peço-lhe três contos: dou um a Carmela, fico com outro e dou 500$ a Irene. O resto vai em passagens, etc. Recomendo Irene ao Com. Antonio Pompeu. Ele tem dinheiro meu em seu poder. A Irene está fazendo aplicações de raio-X e pode precisar. Maria Amélia está avisada disso. Carmela recorrerá também ao Com. A. Pompeu, caso precise. Ela ficará no Rio em casa do Dr. Josetti. Chega o Roland Corbisier,[4] peço-lhe que avise Alicinha[5] para ir ao Aeroporto esperar Carmela. Combino com esta as providências no Rio. Momentos depois, despeço-me de minha mulher, minha filha e minha irmã. Recomendo às três serem unidas. Elas choram. D. Pureza traz as crianças que eu abraço, uma a uma. Despeço-me também do Roland, Geraldo, Jorge, Sepe, Cearense e a criada Maria. Entro no automóvel e regresso ao quartel.

Novamente a porta fechada e a sentinela. Não jantei. Peço alimentos. Arranjam-me dois ovos, pão e café, às 10 hs da noite. Vou dormir. Abro a Bíblia ao acaso e leio estes versículos do Livro de Job: "Com Ele está a força e a sabedoria; seu é o que erra e o que faz errar. Derrama desprezo sobre os príncipes e afrouxa o cinto dos fortes."

2 — Antonio Pompeu! Que amigo! Que patriota! Que alma grande! Não o esqueço.

3 — Geraldo de Silvos, atual embaixador (N.E.)

4 — O Roland é o tipo do moço idealista e nobre; toda a sua família é integralista e católica. Ele foi dos primeiros a alistar-se em S. Paulo.

5 — Alice e Gastão: casal inesquecível que no Rio assistiu tantos transes cruciais de minha vida!

São Paulo, 30 de maio de 1939. (3.ª feira)

Durante toda a noite sou despertado, de hora em hora, pelo oficial de dia, que abre a porta e com uma lanterna elétrica verifica se estou no quarto. Isto é feito sem uma palavra, uma desculpa, como se eu fosse um animal. Levanto-me às 6 da manhã. Chega o Major Iberê. Tomo café e despeço-me do Cap.-Comandante do Esquadrão. Não encontrei caras amigas neste quartel. Parecem-me até hostis. Só o Major Iberê, que é do Q.G., mostrou-se gentil. Tenho a impressão de que o comunismo lavra neste quartel. Seguimos para o aeroporto. Acompanha-me um caminhão cheio de praças de armas embaladas (o boletim comunista decerto surtiu efeito...).

No aeroporto esperam-me Antonio Pompeu e Senhora. Pouco depois chegam Carmela, Maria Amélia, Irene, D. Pureza e Geraldo. O avião partirá às 8. Minha irmã pergunta para quê aquela tropa: "Para mim", respondo. Tomamos café.

À hora do embarque, Irene, Maria Amélia e D. Pureza choram. Eu e Carmela vamos para o avião com o Major. O avião já está cheio de passageiros. Movem-se as hélices. O avião movimenta-se. Lá nas grades do aeroporto, quatro braços levantados, em vertical: Maria Amélia, Irene, D. Pureza e D. Ritinha.[1] O avião decola. Estamos vendo S. Paulo aos nossos pés.

A viagem dura hora e meia sobre as montanhas, rios, praias, ilhas e o mar. Eis-nos sobre Parati, Ilha Grande, as montanhas: o Rio.

1 — Senhora do Com. Antonio Pompeu.

O avião pousa na ponta do Calabouço. Avistamos fardas de oficiais. Concluimos que não irei para a Polícia. Descemos. Avistamos Alicinha. Caminhamos. Numerosas pessoas de aspecto eminente me cumprimentam. Junta povo para me ver. O José Saraiva[2] se apresenta. Eu o jugava morto e alegra-me vê-lo vivo. O Capitão Estilac Leal informa-me que tem ordem da 1ª Região para me levar para a Fortaleza de Stª Cruz. Sigo com ele numa lancha. Carmela e Alicinha seguem com o Major Iberê e um Capitão do Q.G. que me faz a gentileza de conduzí-las no próprio carro do Ministro.

A lancha singra a Guanabara. É uma linda manhã. Vou conversando com o Cap. Estilac, que se revela integralista no R. G. do Sul. Parece-me distintíssimo. Percebo que simpatiza com tudo quanto falo. Mostra-se muito gentil. Estranha o incidente comigo e não sabe a quê atribuir.

Chegamos à Fortaleza de Stª Cruz. Passamos para um bote a fim de atracar. Subimos uma ladeira de pedra e entramos pelo velho portão na cidadela. Moças às janelas, olham-nos. Chegamos ao Comando. Vem o Comandante. É meu velho amigo, o Cel. Timóteo.[3] Recebe-me com espanto. Não sabia ser eu o preso político que lhe haviam anunciado. Começamos a conversar. Ele irá à cidade para saber o motivo de minha prisão. Apresenta-me à oficialidade; mostra-me o aposento que devo ocupar[4] na antiga casa do comando, que eu vou atravessando com ele, por salas e corredores coloniais, de paredes de azulejo. Instalações modestas e velhas.

Voltamos à "casa da ordem", onde peço uma máquina de escrever, na qual copio a cópia da carta que mandei ao Ministro da Guerra, a fim do Cel. entregá-la, caso o Ministro não haja recebido o original.

2 — José Saraiva, cearense, foi serviçal em minha casa no Rio; é um ótimo integralista, e gosto muito desse menino. Tinham-me dito que ele havia morrido.

3 — O Coronel Timóteo é integralista fichado e sempre foi ótimo companheiro. Portou-se fidalgamente comigo na Fortaleza e foi transferido na véspera de minha partida. No exílio recebi uma carta dele.

4 — Disseram-me que esse aposento foi onde ficaram José Bonifácio, o patriarca, e seus irmãos, quando presos no 1.º Império.

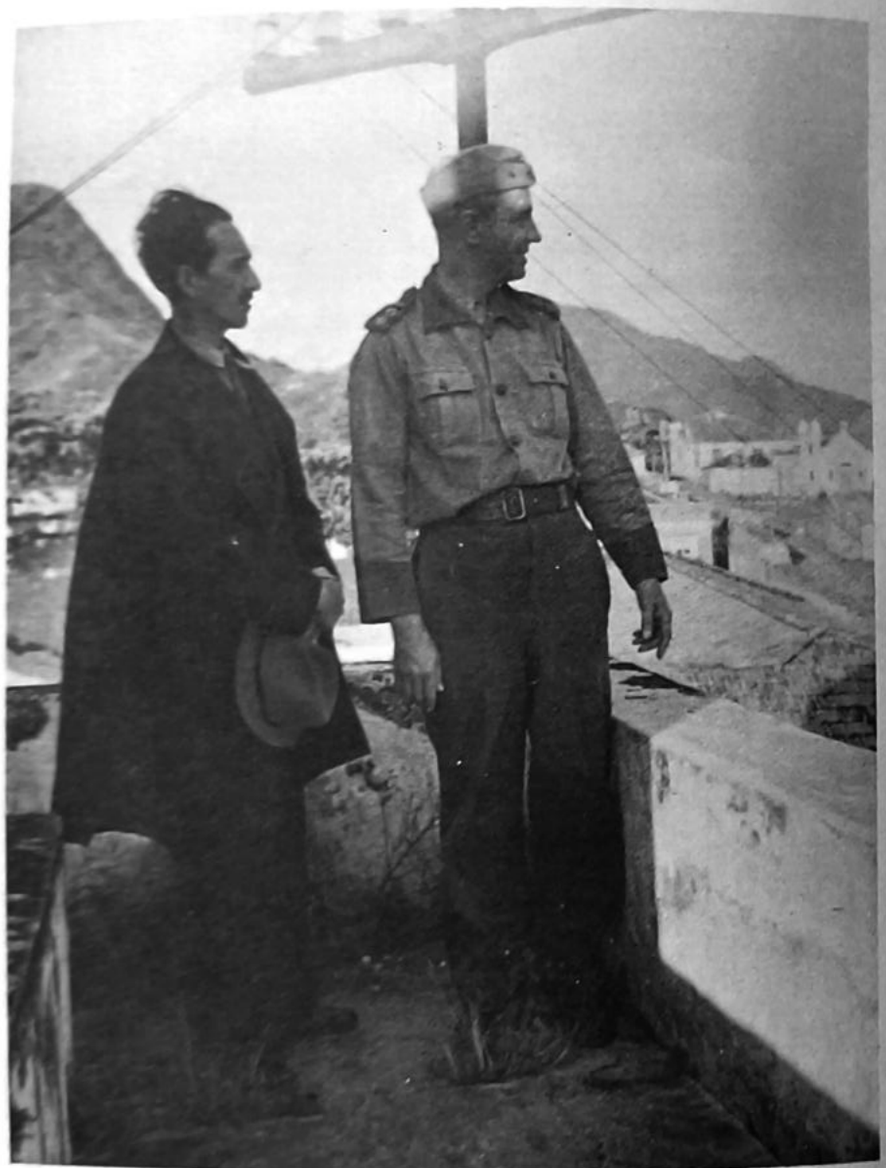
Visito o cassino dos oficiais e almoço com eles. Durante a refeição, conversamos sobre costumes paulistas e gaúchos. Depois do almoço, em companhia do Tenente Aguiar percorro toda a Fortaleza, admirando a formidável construção centenária. Cada galeria, cada escada, cada ponte, são maravilhas da arquitetura evocando o Passado. Pelas bocas das casamatas, os velhos canhões estendem o pescoço de bronze olhando o mar. Levamos horas sob as arcarias de pedra ou sobre os pátios ensolarados a cavaleiro do oceano. Visito, em seguida, a aldeia, vejo as modernas baterias, galgo um morro, derivo para o outro lado e vou ao **stand** assistir aos exercícios de tiro. Regresso à tarde, tomo café no cassino. O Cel. vai chegar dentro em pouco. Vamos assistir à chegada e partida das lanchas. Vejo o embarque dos oficiais para o Rio e o Tenente Brissac [5] fala-me sobre a construção da ponte de atracação e a estrada que se iniciou no tempo de Calógeras, rasgada no rochedo para Niterói, a qual paralisou há tempos. O Cel. regressou. Traz-me a notícia de que o Ministro da Guerra julga que se deu comigo um mal entendido e que devo ser posto em liberdade dentro de três ou quatro dias. Diz-me que a região de S. Paulo acusa-me de receber muitas visitas e de estar preparando uma revolução de sargentos. Compreendo: foram os comunistas que me prepararam isso, porque eles é que estão tramando e eu sou um impecilho para seus planos. [6] Acho ridícula a acusação, mas tranqüilizo-me porque ninguém melhor do que o Chefe de Polícia de S. Paulo sabe do que tenho feito para dificultar a articulação comunista: é que o avisei em tempo, sobre aquelas conspirações. Infelizmente não consegui, durante uma semana inteira, ligação com o Comandante da Região em S. Paulo, apesar de uma comissão constituída dos Drs. Bernardes de Lima, Rocha Botelho e Alfredo Buzaid tudo haver tentado para obter uma entrevista com o General Mauricio Cardoso; é que havia por certo uma barreira... vermelha.

---

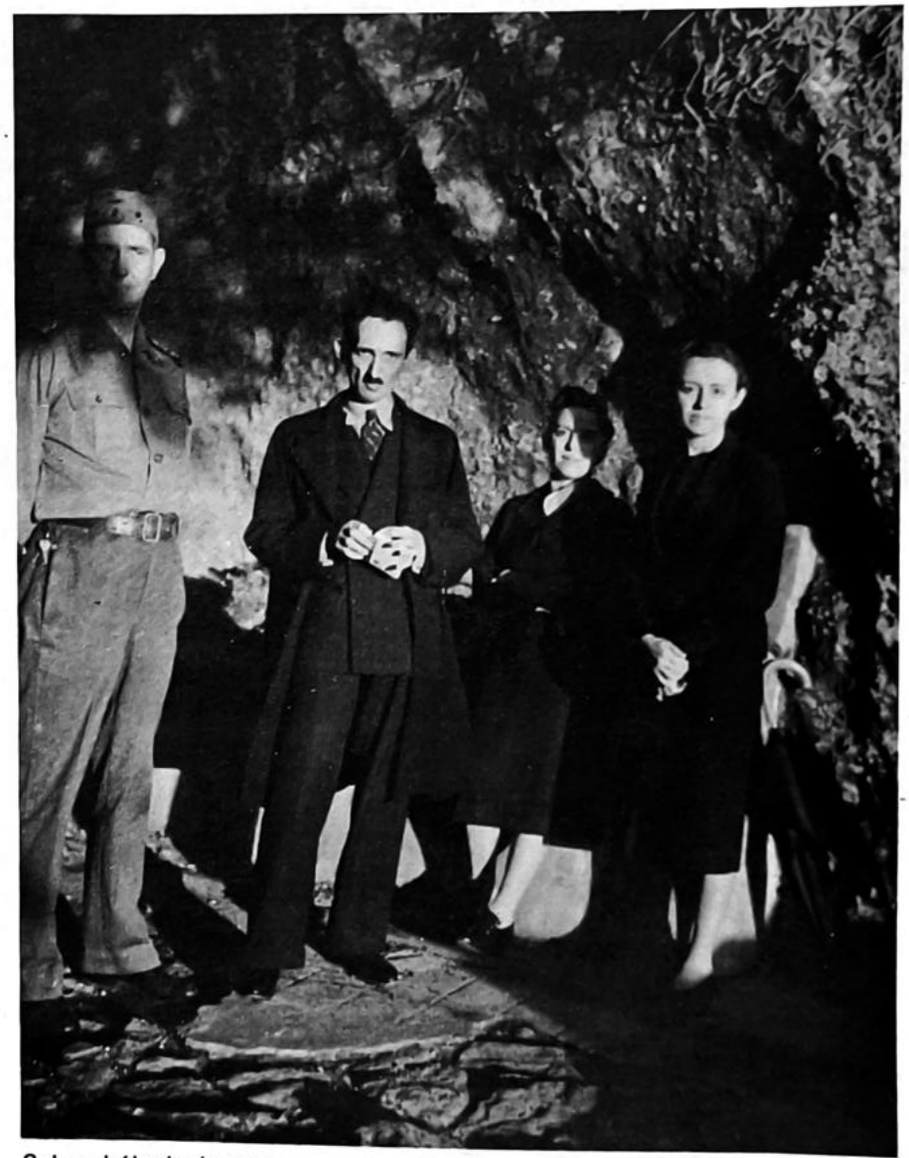
5 — Este tenente tratou-me sempre com deferência.

6 — Hoje, em 1942, compreendo melhor essa comédia. Os escravizadores do Brasil, que pretendiam arrastar minha Pátria para o comunismo, não me queriam, por ser eu patriota e nacionalista! Precisavam alijar-me, pondo-me fora do meu país!

Aspecto interior de Fortaleza de Santa Cruz quando invadida pela ressaca.



No páteo da Fortaleza, Plínio Salgado e o Cel. Timóteo.



Sob a abóbada de uma casamata, o Cel. Timóteo, Plínio Salgado, sua cunhada Antonieta e sua mulher.

Visitas recebidas na Fortaleza, vendo-se, à direita o Cap. Carlos Faria e Albuquerque.

A igrejinha de Santa Bárbara, onde foi celebrada a missa na véspera da partida.

Grupo formado após a missa de despedida, vendo-se o Padre Cotia com as senhoras de oficiais da Marinha, que cumpriam pena na ilha de Fernando de Noronha.

Rodolfo Josetti e Plínio Salgado.

À bordo do "General Artigas", dona Amélia Alves, que viajava para a Bahia, com Plínio Salgado.

Na residência de Rodolfo Josetti, na véspera da partida para o exílio, em 21-6-39, dona Carmela P. Salgado, ao lado do dr. Belisário Pena e outros integrantes da AIB.

Ancoradouro de embarque e desembarque da Fortaleza de Santa Cruz, vendo-se Plínio Salgado, o Cel. Timóteo e Pascoal Patti.

Fotografia tirada a bordo do "General Artigas".

Janto com o Tenente Brissac e outro oficial; os demais foram para o Rio e voltam amanhã cedo. O Cel. chega à hora do café para uma palestra comigo e diz-me que o Ministro da Guerra dera ordem para minha mulher passar os dias comigo; manda também que me cerquem de todo o conforto. Vou escrever à Carmela e um portador levará a carta. Vou pedir que venha amanhã à tarde.

Estávamos conversando quando chegou o General Castro Junior, que se acha preso também na Fortaleza. Vem visitar-me, e pergunta se a sua visita não me prejudica. Respondo que não, porque é ele um distinto oficial, brilhante e culto, cuja palestra muito me honra. Ele responde que o Cte. servirá de pára-choque e eu digo que o Cte. é outro brasileiro digno e que três brasileiros patriotas podem e devem conversar. Palestramos longo tempo e depois fomos visitar a igrejinha de Santa Bárbara, protetora da Fortaleza. Passeamos, em seguida, ao luar. Volto para o meu aposento, escrevo estas linhas e, antes de deitar, leio a Bíblia. Abro ao acaso e encontro este versículo de Isaías: "E guiarei os cegos por um caminho que nunca conheceram, fá-los-ei caminhar por veredas que não conheceram; tornarei as trevas em luz perante eles e as coisas tortas farei direitas. Estas coisas farei e nunca os desampararei".

Deito-me. A corneta já tocou silêncio. De espaço a espaço, erguem-se os gritos das sentinelas: "Sentinela alerta!" — "Alerta estou!" Ergo o meu pensamento a Deus. O mar estronda nas muralhas da Fortaleza.

31-5-39 (4.ª feira) Fortaleza de St.ª Cruz

Ouço o toque de alvorada. Resolvo dormir mais um pouco. Às sete, pancadas na porta. Deve ser o portador da carta à minha mulher. Ergo-me. Abro a porta; é ela! Como soube que podia vir? Ela me explica. Foi o Cap. Felinto Müller, chefe da Polícia, que avisou o General Newton Braga [1] e este logo transmitiu a boa nova à Carmela. Vamos passar o dia juntos. Enquanto faço a "toilette" ela vai me contando as coisas. Trouxe-a o Cap. Albuquerque, [2] que a levou ontem à casa do Ministro da Guerra. Encontraram apenas a Senhora do Ministro com quem Carmela conversou e de quem me deu suas impressões. Carmela esteve em casa da Alicinha, do Cap. Albuquerque e depois na do Josetti onde pernoitou.

Damos um passeio matinal pela Fortaleza, em companhia do Cap. Nino [3] e do Cap. Albuquerque. Este parte às 8 e meia. Carmela e eu vamos para o cassino dos oficiais, depois para o nosso aposento. Assistimos em seguida, da janela do cassino, à instrução aos recrutas.

Estão visitando hoje a Fortaleza o Rodrigo Melo Franco e mais dois funcionários do Patrimônio Histórico e Artístico. O almoço é solene, no salão. O Cap. Sayão, [4] sub-comandante interino, faz as apresentações; mas eu e Rodrigo somos velhos conhecidos intelectuais, desde a publicação do "O Estrangeiro", quando ele escrevia no "O Jornal". Carmela, por solicitação dele, senta-se à cabeceira da mesa. Almoçamos conversando sobre arte e história. Terminado o almoço, o fotógrafo bate uma chapa: o Cel., o Rodrigo, o Silveira, Carmela e eu.

1 — O general Newton Braga é integralista fichado, ele e Ribeiro de Barros, os dois heróis do "Jaú".

2 — Cap. Carlos Faria Albuquerque, a quem muito estimo; um dos mais nobres espíritos entre militares e Integralistas. Esteve preso e foi reformado por ser integralista.

3 — O cap. Nino tratou-me sempre bem, não é integralista.

4 — Sendo minha mulher, a única senhora na mesa, o Cap. Sayão teve a indelicadeza de colocar o Rodrigo na cabeceira; mas o Rodrigo deu-lhe uma lição de civilidade, exigindo que Carmela assumisse a presidência do almoço.

Despedimo-nos. Vamos agora passear mais, porque o dia está lindo. Antes, porém, escrevo uma carta à minha filha que deve estar ansiosa, com Irene e Juca em S. Paulo. A carta está pronta. Vamos ao passeio.

Agora voltamos. Carmela está com sono e dorme. Eu leio os jornais. São 3 e meia. Desperto-a. Conversamos mais um pouco. Chegou a lancha. Ela vai partir para voltar amanhã. Saímos. Somos apresentados a várias senhoras de oficiais à porta da fortaleza. Carmela vai para a lancha e eu fico na amurada. Acenamos adeuses. A lancha parte. Já quase não se vê. Numa janela próxima, agita-se um lenço branco. É o General Castro Junior [5] que se despede da filha. Fico na amurada olhando. A tarde cai. Aproxima-se um oficial e se apresenta. É integralista. Conversamos um pouco. Despedimo-nos. Subo para o meu aposento no alto da ladeira.

Agora é o jantar.

Não sei o que me diz que a Carmela não virá na lancha amanhã cedo. Ela parece tão cansada. É capaz de perder a hora. Ou pode surgir algum transtorno.

Jantei sozinho. Todos os oficiais foram para a cidade e o oficial de dia é desarranchado. Acabada a refeição, subo à sala de bilhar. O Cel. vem entrando. Vou com ele tomar um café e palestrar noutra sala. Conversamos longamente e ele me conta do depoimento que fez em Maio de 38, pois tentaram comprometê-lo por ser integralista. Estabelece-se a intimidade de nossa boa amizade fundada no pa-

5 — O gal. Castro Junior estava preso, cumprindo sentença de 2 anos por se ter envolvido na revolta de 1938, que foi uma revolta liberal em que tomaram parte alguns integralistas perseguidos e que haviam perdido a ligação comigo.

triotismo. Comentamos muitas coisas. Sinto quanto ele é meu amigo!

Às 8 e meia vamos fazer uma visita ao Gal. Castro Junior, isto é, pagar a visita que ele me fez ontem. Conversei com o General até 10 e meia. Despeço-me. As sentinelas já estão soltando seus gritos noturnos. Um grande luar ilumina a fortaleza. Entro no meu quarto e escrevo estas linhas. Agora vou me deitar e ler o livro que o Cel. me emprestou de Jerome et Jean Tharaud, "Quand Israel est roi". Antes, porém, abro a Bíblia e leio: "Louvai ao Senhor, porque Ele é bom, porque a sua benignidade é para sempre" (David, **Salmos**, Cap. 11).

Faço minhas orações aos Arcanjos, a S. Terezinha, a S. Antonio, a S. Judas Tadeu, a St.ª Rita de Cássia, à Virgem Maria. Agora leio. O sono vem. Carmela chegará cedo? Apago a luz e durmo.

Fortaleza de St.ª Cruz, 1.º de junho de 1939. (5.ª feira)

Ergo-me às 6 e meia. Quero que Carmela me encontre vestido. Tomo um banho de chuveiro. Visto-me. Saio. Encontro os oficiais que chegaram na lancha. Carmela não veio. Vou ao cassino e tomo o café com os oficiais. Que vou fazer? Escreverei. Enquanto não arrumarem o quarto, irei ao pátio tomar um pouco de ar. Tive a notícia de que virá hoje aqui o General Rego Barros.

Escrevi um pouco; alguns apontamentos relativos à minha defesa. Li algumas páginas do livro que o Cel. me emprestou. Almocei.

O General Rego Barros veio à Fortaleza. Os oficiais se prepararam para recebê-lo. A tropa formou e fez evoluções. O General procurou-me dizendo que desde ontem estava para me visitar porque a irmã e um sobrinho cego "são fanáticos" por mim; ele resolveu aproveitar a inspeção de hoje para me ver.[1] Disse-me que o tratamento que estou tendo na Fortaleza não devo a ele, mas ao Ministro da Guerra, que muito me recomendou a ele. Ficou de voltar para me ver novamente, caso eu me demore mais uns dias aqui.

Chegou o Romeu,[2] pela barca da tarde, trazendo-me uma carta de Carmela na qual me diz que a audiência que desejamos do Ministro foi marcada para hoje, motivo pelo qual não veio. Diz que virá amanhã. Em companhia do Ro-

1 — Conheci o General como Coronel em S. Paulo em 1931; minhas relações com ele são de simpatia e camaradagem sem nenhum aspecto político.

2 — O Romeu Vasconcelos é um excelente companheiro, muito dedicado.

meu, visitou-me a Senhora do Tenente Astrogildo[3] que está em F. de Noronha.

Depois da partida do General Rego Barros e das minhas visitas, fico na amurada conversando com o Cap. Hermes Pimentel, médico, que me revela ser integralista no Rio Grande do Sul. Apresenta-me a família.[4]

É noite. Vamos jantar: eu, Tenente Brissac e Heráclito e Cap. Clóvis de Barros.[5] Faço conduzir à mesa a torta de camarões que D. Maria Moraes me mandou. D. Vanjú obsequiou-me com um bolo.

Depois do jantar, longa palestra com o Cel. Timóteo, o Gal. Castro Junior e vários oficiais. Venho à meia-noite para o quarto.

3 — O Astrogildo, tenente contador, meteu-se por equívoco na revolta de 1938. Enviou-me a respeito um magnífico relatório, onde se vê que a revolta foi liberal e não integralista. O Astrogildo é ótimo integralista.

4 — O Cap. Hermes e sua família constituíram um dos grandes consolos que tive na minha prisão.

5 — O Cap. Clóvis de Barros, paulista, pouco falante, educadíssimo, fez-me ótima impressão pelos seus bons sentimentos. É católico, é patriota, é fino.

Fortaleza de St.ª Cruz, 2 de junho de 1939. (6.ª feira)

Chegaram Carmela e D. Alba Josetti.[1] Passeamos durante a manhã pela Fortaleza. Almoçamos no cassino e, após o almoço o Cel. serve-nos de cicerone, mostrando todos os recantos desta cidadela. Pela barca da tarde chegam o Albuquerque com a Senhora[2] e com D. Odete.[3] Ele me trouxe a "nota" que o Ministro da Guerra distribuiu sobre minha prisão. Ela fará parte deste "diário" como um documento histórico. Sou acusado de conspirar com meia dúzias de sargentos! Eu, que tenho um milhão de homens que me seguem! Eu, que tenho centenas de oficiais do Exército, da Marinha e das Brigadas Estaduais, que crêem em mim e estou certo de que me ouviriam se eu me metesse numa aventura revolucionária! Eu, que tenho uma posição de responsabilidade na política e na história do país! Eu, que tenho um nome nas letras! Eu, que tenho uma folha corrida de nacionalismo e de ordem, como nenhum civil depois de Bilac pode apresentar igual! Eu, que lancei um manifesto de paz, de grande repercussão no país! É irrisório! Vejo manobras ocultas de comunistas. Vejo a trama secreta para me afastar do Exército. E os brasileiros estão cegos!

Carmela e as amigas partem na lancha das 4 e meia com o Cap. Albuquerque. Amanhã ela virá e ficará 2 dias

1 — Senhora do Rodolfo Josetti. Não tenho palavras para exprimir o carinho desse casal para comigo. Que companheiros, que corações Deus os recompense por tudo isso.

2 — D. Vanjú é tão boa como o marido; como nos queremos bem!

3 — D. Odete, esposa do Cap. Nuno, exaltada patriota, esposa exemplar, integralista ardente.

comigo. Janto com o Tenente Roberto.[4] O coronel veio para a palestra.

Entrego-lhe para ler um documento gravíssimo que me chegou às mãos: um estudo técnico, feito por gente de alto coturno a favor dos acordos do Brasil com os Estados Unidos. É um trabalho mimeografado com estes dizeres: **"Partido Comunista Brasileiro, S.I.C., bureau-político".**[5] É o cúmulo! É por isso que estou aqui.

Converso longamente com o Cel. e o Tenente Roberto. O Cel. Timóteo é um grande brasileiro e confirma ponto por ponto as minhas previsões. Ele tem certeza de que o comunismo avança e aflige-se vendo que o único antídoto está proibido de funcionar...

Passeamos ao luar sobre terraços da velha Fortaleza. Despedimo-nos. Fico a palestrar com o Tenente. São onze horas. A lua vai alta. Agora, onze e meia: venho escrever estas linhas antes de dormir.

Orei muito ao anoitecer. Desta vez dirigi minhas preces a N. S. Aparecida. Ela sabe tudo quanto pedi. Rezei um terço. Agora vou abrir a Bíblia. Leio: "Clama a mim e responder-te-ei, e anunciar-te-ei coisas grandes e firmes, que não sabes!" (Jeremias, cap. 13, vs. 3).

Vou dormir. Que Deus pense por mim enquanto durmo. E que suas obras se manifestem no esplendor de sua grandeza.

4 — *Tenente Roberto. Excelente rapaz. Não é Integralista. Tratou-me sempre afetuosamente.*

5 — *1939 — Estas linhas do diário escritas em 1939 deixam bem claros os acontecimentos de hoje, 1942. A guerra atual foi habilmente engendrada pelo soviet. E tudo isso que assistimos é o resultado de manobras do Komintern. O documento aqui referido ficou com o Cel. Timóteo.*

Fortaleza de St.ª Cruz, 3 de junho de 1939. (sábado)

Acordei hoje às 9 hs porque escrevi até 2 hs da madrugada, redigindo o meu depoimento sobre a infâmia que me atribuem, pois Carmela, que esteve com o Ministro, contou-me que virá um oficial ouvir-me.

Após o café, estive conversando com o Cel. e o Tenente Carvalheiro,[1] no cassino. Hoje Carmela virá para pernoitar na Fortaleza; aceitaremos o oferecimento do médico e sua senhora quanto à hospedagem.

A hora do almoço, Carmela chegou; veio com as Senhoras dos Tenentes Barbosa e Pereira Junior (presos e condenados em Fernando de Noronha) e a criança desta, de 11 meses. Palestramos até 4 horas.[2] A lancha parte; fico só com minha mulher. Ela resolve ficar no meu quarto, na casa da Ordem, e por isso é colocada mais uma cama. Passeamos um pouco e Carmela conta-me que falou pelo telefone com Irene, a qual lhe narrou a alegria que causou minha carta, à minha filha Maria Amélia; alegria em todos, pelo que M. Amélia está radiante. Irene está melhor com as aplicações de raio X. Outras notícias são as de que chegaram em S. Paulo o meu sogro Sr. Patti e meu irmão Pompeu, levando Amalia e Martim. Carmela falou com o pai pelo telefone; todos os seus estão bons. Também falou com D. Pureza, que se encontra inconsolável pela nossa au-

1 — Tratou-me sempre bem o tenente Carvalheiro.

2 — Que impressão magnífica me causaram estas moças: D. Gabi e D. Gilda! Esta tem um pouco mais da idade de minha filha e isto me comove enormemente. Olho para D. Gilda e meus olhos umedecem. Peço a Deus que proteja estas moças e restitua a seus lares os 2 tenentes da Marinha!

sência. Contou-me Carmela que J. Carlos [3] veio de S. Paulo, dizendo que a minha prisão causou revolta na população, pelo absurdo. A convicção em S. Paulo é de que fui vítima de uma cilada comunista. É noite; eu e minha mulher jantamos no cassino com o oficial. À noite passeamos pelos terraços da Fortaleza e visitamos a família do Cap. médico. Depois, conversamos um pouco com o Cel. Deitamo-nos às 11 hs.

3 — O José Carlos M. de Souza é um dos melhores integralistas do país. Fluminense. Trabalha no Banco do Brasil. Merece a minha confiança.

Fortaleza de St.ª Cruz, 5 de junho de 1939. (domingo)

É domingo. Aproveitamos a manhã para passear pelos pátios da Fortaleza, a cavaleiro do mar. Sopra um vento, sacudindo a bandeira. Lá está o Corcovado, com o Cristo de braços abertos; lá está a cidade; ali perto, o Pão de Açúcar e a Urca. A baía fulgura aos reflexos da luz matinal. Voltamos para datilografar as declarações com que aguardo o oficial que deve vir ouvir-me. Trabalhamos um pouco. Mas chega a lancha. Com ela, o Josetti, D. Alba, o Brito Pereira, [1] Pascoal e Antonieta. Instantes após, trazendo uma autorização do Gal. Rego Barros, chegam Maurílio Melo e Agnelo. [2] Cai uma chuva miúda e sopra um vento rijo, que varre os pátios de pedra da cidadela. Conversamos muito; depois, cessada a chuvinha, passeamos por todo o forte, que está hoje deserto de oficiais porque todos foram para a cidade por ser domingo. Só ficou o oficial de dia, ten. Castelo Branco.[3] Nossos visitantes resolvem ficar até à tarde e eu e Carmela começamos a sofrer a maior das angústias, pois havia o problema do almoço. Se estivesse o Comandante, ou sub-Comandante, ou o Fiscal ou o tenente Brissac! Não há ninguém e nós não nos animamos a pedir comida para tanta gente! Que tormento! Nossos visitantes estão de tal maneira embevecidos com a minha companhia que não percebem a minha angústia e a de minha mulher. Meio dia,

1 — Henrique Brito Pereira, dedicadíssimo companheiro, que comigo viveu algumas horas dramáticas, inesquecíveis para nós.
2 — O Agnelo é meu jovem companheiro que muito sofreu pela causa e cujo critério e aspecto sensato muito elogiei ao Maurílio de Melo, parente dele.
3 — Deste Castelo Brancc me recordo um pouco. Parece-me que não era dos nossos.

uma hora, duas, três... estamos mortos de fome e os visitantes também devem estar. Carmela vai ao copeiro do cassino; este vai ao rancho: só há comida para duas pessoas. Se estivesse aqui um oficial superior... Carmela traz frutas. Todos se servem das frutas. E continuam a conversar... a conversar. Estamos mortos de acanhamento. Finalmente nossos amigos resolvem partir. Partem na lancha do Maurílio. Corremos agora a pedir café com pão na cozinha do cassino. Vamos para a máquina. O Cel. deixou ordem para me darem tudo o que eu precisar. O Ary,[4] que trabalha na casa da Ordem, traz papel, carbono, etc. Mãos à obra. Batemos o teclado até a hora do jantar. Jantamos sozinhos. O Gal. Castro Júnior chega para a palestra. Seu assunto é o mesmo de sempre: atacar o governo. Parece um jornal falado, com o artigo de fundo, os sueltos, as notícias. O Tenente sai. O General é muito agradável, gentil; é pena que só bate uma tecla quase constantemente. Despedimo-nos às 8 e meia e ele nos oferece sua casa que é ali perto. Vamos voltar à máquina. Trabalhamos até meia noite.

Agora rezamos juntos. Por nós, pelos nossos, pelo Brasil. Que Deus não nos abandone!

4 — Este Ary era um preso, condenado por malversações, e que por ser datilógrafo foi levado para a Casa da Ordem, não ficando entre os presos que diariamente vejo passar, com o uniforme penitenciário da prisão para o refeitório, em triste formatura. Tratei-o sempre com o carinho que merecem os que sofrem no meu exílio; mandei a todos os oficiais da Fortaleza de St.ª Cruz postais afetuosos e incluí o infeliz Ary, que na sua situação humilhante também foi bom para mim, como eu fui a ele. Coisa notável: ninguém me respondeu, nenhum oficial, mas o Ary respondeu! Que Deus esteja com ele por esse gesto.

Fortaleza de St.ª Cruz, 5 de junho de 1939. (2.ª feira)

Depois do café matinal, eu e Carmela passeamos juntos pela bateria a céu aberto, na extremidade ocidental da Fortaleza. Passam navios transatlânticos transpondo a barra. Teremos, é quase certo, de embarcar num desses, para a Europa. Digo à Carmela que sinto deixar nossas famílias: minha filha, os pais dela, meus e seus irmãos, porque estou convencido de que o comunismo virá com seus horrores. E os Integralistas também não são meus irmãos e meus filhos? Se eu pudesse levar a todos comigo... porque dias muitos difíceis virão mais cedo ou mais tarde; ou então acontecimentos dolorosos, e isso porque estou convencido de que podendo eu ser útil ao Brasil na luta contra o comunismo, o Brasil vai me deixar partir... Irmo-nos embora! Como ficar? A minha liberdade em minha Pátria já não tem nenhuma segurança; prendem-me por simples suspeitas; tenho estado à mercê de homens de coração duro e incapazes de me compreender. Eu e Carmela já estamos tão cansados desta vida de ciganos! Nem temos o direito sequer de possuir uma residência, a nossa casa! Tudo me é vedado em minha Pátria. Até uma entrevista puramente literária que a revista "Vamos Ler" me pediu, foi proibida. Negam-me o direito de ser escritor; o direito da minha profissão. A obra gigantesca que realizei e que só honra e engrandece a Pátria, é negada e procuram abafá-la, ocultá-lá... Deixaremos o Brasil. Em terra estrangeira, teremos um lar.

É hora do almoço. Comemos em silêncio porque o Tenente Portela[1] é o único que está falando sobre paradas,

1 — Este Ten. Portela é muito grosseiro e dificilmente disfarça a sua antipatia por nós Integralistas. Ele não gosta do Cel. Ti-

regulamentos, vida profissional e todos os outros oficiais estão quietos. Saímos do almoço e voltamos ao nosso passeio, agora no pátio da igreja de St.ª Bárbara. A paisagem marítima está bela. Conversamos, conversamos. Sobre o Machado Florence, sobre o Afonso de Carvalho,[2] sobre o Ademar de Barros,[3] sobre o Ministro da Guerra, sobre o Hasslocker,[4] o Mario Ramos[5] e o Albuquerque.

Voltamos ao quarto e continuamos a conversar deitados, combinando a ida de Carmela ao Rio, hoje à tarde. Pernoitará lá, irá de manhã ao dentista, comprará papéis e comestíveis, mandará a carta que acabei de escrever a Maria Amélia. É uma carta longa, com muitos assuntos importantes para minha filha. Carmela também escreveu à sua mãe e eu pus na carta umas linhas afetuosas. Hoje à noite Carmela receberá muitas visitas na cidade, entre elas a de D. Luzia, mãe de D. Rosalina,[6] que D. Alba disse que levará um cheque para auxílio à nossa viagem. Estudei com Carmela esse problema e a sua solução.

Chegou a barca com o Albuquerque, Miguel Moraes e Senhora,[7] D. Violeta Barreira,[8] e Sr. Jayme e Senhora[9].

móteo, e como sabe das simpatias deste, detesta-nos. Fala sempre gritando. É ateu, inimigo pessoal do Papa. Tenho timbrado com minha mulher em sermos gentis com ele. Noto que fica desapontado. Às ocultas faz tudo para dificultar nossas visitas, nossa triste vida. Parece-me um espião dos nossos inimigos... É de uma futilidade notável...

2 — Major Afonso de Carvalho, integralista fichado, mas pouco ardente. Correspondendo pouco ao que seria justo esperar dele. No momento era do Gabinete do Ministro da Guerra e recebeu friamente minha mulher e o Cap. Albuquerque quando lá foram.

3 — Governador de São Paulo.

4 — Manuel Hasslocker, companheiro de uma dedicação comovente por mim. Sempre muito guerreado por companheiros, que desconfiavam de sua sinceridade; nunca deixei de confiar na sua amizade por mim. Lembro-me dele sempre com um afeto de irmão.

5 — Mário Antunes Maciel Ramos, tem prestado serviços relevantes ao integralismo e sofreu prisão.

6 — Rosalina Coelho Lisboa. Todos sabem o que ela tem feito pelos Integralistas. Devo-lhe muitas atenções e bondades. Admira o nosso movimento, interessa-se por nós e não caberia aqui tudo quanto se pode falar da sua atuação.

7 — Excelente e dedicadíssimo companheiro.

8 — Senhora do Lauro Barreira, grande alma, esposa exemplar.

9 — Ótimos companheiros do Rio.

Vieram cartas de S. Paulo: de Maria Amélia, Irene, Jorge, Piza, Juca. Elas muito me alegraram. O Jorge manda informações preciosas que provam que estou sendo vítima de uma maquinação comunista. Mandou-me um boletim comunista regozijando-se com a minha prisão.

É hora da partida. Despeço-me de todos, beijo minha mulher. Subo à amurada, sobre a rocha, para ver a lancha seguir. Sacudimos os lenços. A lancha lá vai ao longe. Ouço uma voz, volto-me: é o Tenente Heli,[10] integralista. Converso um pouco. Aproxima-se uma senhora. Apresenta-se. É a esposa do Sub-Comandante, Major Doemon,[11] que chegou ontem e não conheço. Ela se põe à disposição de minha mulher para o que for preciso. E acrescenta: "também sou companheira..." Compreendo. Prometo fazer-lhe uma visita quando Carmela vier.

Subo. A tarde está maravilhosa. Agradeço a Deus essa maravilha que me oferece e a graça de me fazer lembrar d'Ele. O horizonte é cor de rosa e violeta. Vai escurecendo. Passeio sozinho entre os velhos canhões da face meridional do Forte, sobre as venerandas lajes seculares. O silêncio é completo. Rezo e penso. "Senhor, quem sou eu sem Vós?" As primeiras estrelas estão piscando. Um navio iluminado procura a noite e o oceano. Chegam pequenos vapores. O ar é fino. A cidade, ao longe, ilumina-se. Sinto a minha pequenez. Entrego-me a Deus e suplico à Virgem Santíssima, por mim, pelos meus, pelos Integralistas, pela Pátria! Sobre este velho forte, meu pensamento se eleva ao Altíssimo. Esfuminham-se agora os contornos nas sombras da noite e abafam-se as vozes pelos pátios da Fortaleza. Acendem-se os velhos lampiões nas esquinas de pedra dos alojamentos. Caem clarões esverdeados nos recantos dos pátios, destacando os perfis das pontes e a boca das passagens subterrâneas. O mar canta varrendo os rochedos de onde emergem as muralhas centenárias. Vibra uma corneta no crepúsculo. Meu pensamento sobe e caminha. Para a Vir-

10 — Este ten. Heli está preso por causa de um inquérito administrativo que se faz contra ele. Tem o ar humilde e triste. O que se passará nesta alma?

11 — Que excelente Integralista! Tanto é o marido tímido quanto é ela audaciosa na afirmação de suas idéias e sentimentos! Muito nos consolou na Fortaleza! É do núcleo do Andaraí.

gem Santísisma, consolação dos aflitos, sede da sabedoria, arco da aliança...

Ela estará comigo e ela é mais forte do que os homens todos. Porque é a Mãe de Deus. Desço leve e alegre ao pátio da Casa da Ordem. Vou ao cassino. Janto com o Tenente Roberto e janto bem, comendo carne seca, feijão, arroz e por sobremesa o bolo que uma das senhoras me trouxe hoje. Partilho-o com o Tenente, o Egberto e o Machado que são copeiros, sendo o último um sentenciado a 15 anos. [12]

Converso um pouco no pátio com o Tenente Roberto. [13] A noite está esplêndida. Venho agora escrever estas linhas.

12 — Também a esses escrevi postais, do exílio; mas não responderam...

13 — O ten. Roberto muito me comoveu contando como, à madrugada, para apanhar a lancha que vem para a Fortaleza, deixa a esposa dormindo e beija o filhinho que está no berço! Vejo mentalmente este lar e me enterneço pensando nesse casal tão jovem e na criancinha...

Fortaleza de St.ª Cruz, 6-6-39 (3.ª feira)

Sou despertado às 7 horas. Avisam-me que na lancha veio um senhor de idade. Apronto-me e encontro na sala do sub-Comandante o Dr. Henry Leonardos, [1] que me abraça efusivamente, com grande emoção. Conta-me que seu amigo particular, o Gal. Mendonça Lima, ministro da Aviação, conseguiu com o Gal. Rego Barros uma autorização para ele, Leonardos, vir ver-me. Palestramos um pouco; vamos até ao cassino tomar café. O Dr. Leonardos narra episódios em que tomou parte, nos tempos de Floriano Peixoto. Conta-me que viu Floriano chorar, ao saber de um ferimento do então Tenente Tasso Fragoso. Saímos e vamos passear sobre o terraço meridional do Forte. O Dr. Leonardos trouxe-me dois maços de cigarros "Papastratos", o livro de Helena Keller, "A história da minha vida" e os jornais do dia. Helena Keller é uma cega, surda e muda, que narra como tomou conhecimento da vida exterior. Conversamos sobre muitos assuntos e eu pergunto pela Srª Leonardos, pelo Cap. Silva Lima e D. Alice, pelos outros filhos do meu visitante. É hora da partida da lancha. Despedimo-nos. Fico na amurada vendo alvejar ao sol a cabeça branca do Dr. Leonardos. A luz solar reverbera nas águas. A lancha parte. O Dr. Leonardos está sacudindo o chapéu a despedir-se. Envio-lhe o meu adeus agitando o lenço.

Ao regressar encontro-me com o Cap. Sayão, sub-comandante, o qual me diz que o Gal. Rego Barros disse-lhe para não deixar vir visitas sem licença dele, [2] exceto pes-

1 — Henry Leonardos. Grande amigo, grande espírito, nobre coração! Que excelente integralista!

2 — É sempre o Cap. Sayão que me traz essas mensagens desagradáveis. Vejo em tudo hipocrisia. O governo teme-me. Sinto ódios surdos inconfessáveis em torno de mim. Ninguém assu-

soas de minha família. Perguntou-me como estou passando e disse-me para pedir qualquer coisa que deseje.

Vou agora escrever umas cartas. Já escrevi a Irene, Loureiro, Pompeu, D. Pureza, Jorge, Piza.

Ao almoço, encontrei à mesa o Coronel Duro, que foi comandante desta Fortaleza e hoje é comandante do setor a que pertence a Fortaleza. Tive desagradável impressão dele, só falou com os oficiais sobre serviço. Após o almoço, deteve-se na sala de bilhar do cassino, a conversar sozinho comigo e, como estava sozinho, mostrou-se muito amável. Despedimo-nos com muita cortesia. No pátio, conheci o Major Doemon, que é gentilíssimo e tive a impressão de que há nele mais do que gentileza. Estão dizendo que o Gal. Rego Barros vem novamente aqui, talvez hoje. Será o recado que mandei a ele pelo Maurílio? O Alfredo Egídio [3] ainda não apareceu, conforme mandou dizer.

Estive lendo a obra de Helena Keller que Dr. Leonardos me trouxe. É interessantíssima. Li dez capítulos.

A barca está próxima a chegar. Como se arranjarão as visitas, se vierem? Como interpretarão a medida impedindo-as de entrar? Mas, o fato é que as licenças amplas são apenas para minha família. As outras devem trazer licença especial do Gal. Rego Barros. Vou ver a chegada da lancha. Carmela vem. Que notícias me trará?

Carmela chegou cheia de embrulhos. Foram impedidos de entrar na Fortaleza, D. Irene Freitas Henriques, Nilza Peres e Hilda Ribeiro, [4] tudo conforme eu previa. A ânsia dos Integralistas em quererem me ver está criando situações delicadas e incômodas. Eu, que não gosto de dever favores, sou forçado a aceitar gentileza de pessoas cuja boa vontade me parece duvidosa. O Albuquerque insiste em falar ao Cap. Sayão e este diz que vai resolver o caso diplomaticamente. Uma massada. O Cap. Sayão me leva para fora do portão, na casa da lancha, onde me encontro com aquelas visitas. Que suplício, para mim, dever obséquios quando gosto de só andar dentro das coisas permitidas... Afinal, coitadas destas três visitas, partem, tristes por verem a minha situação. Que comovente dedicação delas! Vou para o quarto com Carmela. Ela me mostra a lista de assinaturas das visitas que recebeu, em casa do Josetti. Centenas de senhoras, moças e gente distintíssima. Carmela conta-me que Geraldo [5] chegou e trouxe minha pasta com os documentos de que necessito; a pasta está aqui. Contou-me também que o Reale foi posto em liberdade em S. Paulo. Pudera! Que coisa poderiam ter apurado contra nós? Conversamos muito e Carmela pede que eu lhe leia as cartas que vieram de São Paulo: de M. Amélia, Juca, Pompeu, Piza, Jorge e Irene. A carta desta é um hino à dedicação de Carmela por mim. Minha irmã está encantada com a cunhada e diz que já não pode se lembrar de mim sem que veja Carmela. O Juca também tem merecidos elogios à minha mulher. O Jorge [6] sempre interessante e simpático. O Piza [7] patético. O Pompeu [8] humorístico. Maria Amélia eloqüente no estilo e bem humorada.

Carmela trouxe-me os exemplares de "Nosso Brasil" e de "Geografia Sentimental" que pedi ao Dr. Leonardos. Abrimos os pacotes, presentes dos Integralistas: frutas, bolos, bombons e doces!

---

me responsabilidades. Quem é que não quer que eu receba visitas sem a inspeção do General Rego Barros? Ninguém sabe! O Ministro da Guerra não assume responsabilidade. É tudo um mistério! E o Sayão é o porta-voz... Sempre sorridente, afável.

3 — Não preciso falar do Alfredo Egídio, meu velho amigo de São Paulo. Todos o conhecem nas suas relações comigo.

4 — D. Irene é a Secretária Nacional Feminina do Integralismo, dedicadíssima companheira! Nilza é uma jovem bacharel em Direito, intelectual do nosso movimento: Hilda, também jovem bacharel em Direito de notável ação, inteligente e altiva. As três veementes apóstolas das nossas idéias.

5 — Geraldo de Silos, 20 anos, uma das mais notáveis inteligências da nova geração paulista. Não me conhecia pessoalmente, apesar de Integralista e foi na minha 1.ª prisão em Janeiro que conseguiu, como repórter do "Diário Popular", introduzir-se na minha prisão em S. Paulo e revelar-se companheiro estabelecendo importantes ligações. Saindo em liberdade, tomei-o como secretário, cargo que desempenhou até minha 2.ª prisão. Tem tido triunfos como escritor e orador de raro merecimento.

6 — Jorge Lacerda, médico, jovem integralista catarinense. Foi meu "ligação" durante o tempo em que estive oculto em 1938 e meu secretário, de fevereiro a maio de 1939. Inteligência viva, grande patriota, belo coração.

7 — Piza (Antonio de Toledo), um dos primeiros integralistas em 1931. Dedicadíssimo, inteligente, bom! É advogado em São Paulo.

8 — Meu querido irmão.

A noite cai com um vento úmido sobre os pátios da Fortaleza. Vamos para o cassino jantar. Em nossa companhia o Tenente Portela e o Cap. Clóvis.[9] Servimos os frangos assados que nos mandou a senhora Queiroz[10] e o doce que nos enviou D. Maria Teles.[11] Conversamos muito. O Tenente Portela é gaúcho e serviu sob o comando do Amaurity Osório. Explica-nos que o comunismo, no Brasil, nunca tomará o aspecto da Rússia, pois o Amaurity é ótimo chefe de família.[12] A conversa prossegue... Sobre todos os assuntos. O Tenente acha que se os holandeses tivessem dominado o Brasil, seríamos uma nação mais civilizada. Eu mostro a grandeza de nossas origens. A palestra vai até 9 hs. Recolhemo-nos. O Machado traz-nos café. Cai a chuva. Carmela está moída de cansaço e sono. Eu fico lendo. Como há formigas neste quarto! Leio, leio... É meia-noite. Faço uma oração breve e peço à Virgem uma noite boa e a breve solução do meu caso.

9 — O Cap. Clóvis, um dos mais distintos oficiais. Educadíssimo, gentil, cercou-me sempre de consideração.

10 — Queiroz Ribeiro, integralista n.º 6 da Guanabara; meu excelente amigo.

11 — Grande Integralista, esposa de meu querido amigo Antonio Teles Ferreira, falecido há dias.

12 — Descubro nesta noite a razão da antipatia do tenente Portela por nós e por tudo que é nacionalismo puro...

Fortaleza de St.ª Cruz, 7-6-39 (4.ª feira)

Um soldado bateu à porta, despertando-nos. Diz que o irmão de Carmela está lá fora. Momentos depois, uma pessoa da casa do Cap. Médico, Cap. Hermes, vem nos avisar que estão lá umas Senhoras. As visitas estão proibidas. Carmela vai à casa do médico e eu para o cassino tomar café. Momentos depois, chega o Cel. Timóteo. Sempre bom, sempre grande de alma e caráter. Conversamos ligeiramente e Carmela vem chamar-me porque as senhoras querem me ver e não há inconveniente visto serem visitas do Cap. Médico. Foi o próprio Cel. Timóteo que arranjou assim para facilitar. Com imensa alegria as duas me recebem. São senhoras de oficiais da Marinha condenados em Fernando de Noronha. Que grandes caracteres! Estamos chegando, digo conversando, quando chega o Tenente Portela para dizer que o meu cunhado está na casa da lancha, esperando minha mulher. Carmela vai e leva meu relógio para o Pascoal mandar consertar, o relógio que o General Newton Braga me deu. Ignorávamos que o Pascoal estivesse, pois pensáramos que fosse engano do soldado. Pois o Pascoal é da família e as visitas de família não estão proibidas. Quer dizer que as ordens estão agora rigorosas...[1] A lancha vai partir e despedimo-nos das duas senhoras. Carmela já voltou da casa da lancha. Ficamos palestrando com a senhora e a cunhada do capitão-médico. Mas, eis que a senhora do Major Doemon, sub-comandante do forte nos avistou. Ela vai embarcar, mas corre para nos cumprimentar. Que senhora distinta e simpática, indicando bondade. Ela parte. Voltamos a conversar e a senhora do

1 — Má vontade do tal Portela.

médico nos faz certas revelações. Já tínhamos pressentido tudo...[2]

Voltamos ao nosso quarto. Abro o "Nosso Brasil" enquanto Carmela faz arrumações. Leio esse livro que dediquei à infância e ao povo humilde da minha Pátria. Vou me entusiasmando. De repente, não me contenho. E digo solenemente a Carmela palavras de tal revolta contra as injustiças clamorosas que sofro de meus patrícios, que elas não devem figurar neste diário. Prefiro que elas me acompanhem ao túmulo e só Deus guarde o eco da minha dor! Nada dói mais do que a ingratidão de um povo!

Neste momento, o Cap. Sayão vem avisar-me que o Gal. Rego Barros chegou à Fortaleza e quer conversar comigo. Vou ao cassino. O Gal. cumprimenta-me com a amabilidade de bom e velho conhecido. Leio a ele o depoimento que pretendo fazer e que esclarece, de modo solar, a minha situação. O Gal. pede-me para levar o depoimento ao Ministro da Guerra. Diz-me que está convencido de que se trata de uma manobra comunista contra mim. Conta-me que chegaram ao Rio, procedentes da polícia de São Paulo boatos de uma revolução integralista para estes dias, mas que o Ministro da Guerra declara que não acredita. Afirma-me o Gal. que o Ministro está convencido da minha inocência e que telefonara para São Paulo mandando apressar o inquérito, a fim de me pôr logo em liberdade. Assegura-me o Gal. Rego Barros que o Ministro foi quem mandou dispensar-me todas as considerações, e à minha senhora. Pergunta-me como estão me tratando. Respondi-lhe que muito bem. Falou-me então do caso das visitas. Denunciaram ao Ministro que várias pessoas vinham visitar-me e o Ministro achou que não valia a pena; porque o número de visitas seria tão grande que não caberiam em toda a Fortaleza. Rimo-nos do caso. O Gal. disse que quando alguma pessoa quisesse ver-me, falasse com ele e, com ordem escrita poderia vir. Conversamos sobre a situação geral e o General mostrou-se alarmado com as manobras comunistas e fermentações políticas. A propósito, eu lhe disse que não era o General, mas ao amigo particular que eu ia mostrar uma coisa. E mostrei o original do meu manifesto, contendo rasgados elogios ao Exército, trecho esse riscado por ordem do Dr. Getúlio, pela letra do Dr. Ademar de Barros de próprio punho. Espantou-se. Eu lhe perguntei se não era visível a intenção de separar-me do Exército. Ele se mostrou muito impressionado. Vai estar hoje com o Ministro da Guerra e tratará do assunto, digo meu caso, que eu confiei a ele porque me conhece há muitos anos. Conversamos ainda muito. Despedimo-nos e vim para meu quarto. Achando-me à janela do meu aposento, e passando o General, ao retirar-se, trocou ele ainda umas palavras prometendo nova visita.

Noto o Cap. Sayão hoje meio constrangido. O que será? Os oficiais almoçaram e seguiram para a cidade, porque hoje é 4.ª feira, vão mais cedo. Almoço sozinho com Carmela. Após o almoço vamos dar um passeio. Resolvemos ir à fortaleza velha, como de costume. Na ponte, a sentinela nos avisa que estou proibido de ir além, se não estiver em companhia de um oficial.[3] Deve ser alguma safadeza em surdina, como é costume. A Sra. do Capitão médico tinha razão. Tinha razão a Sra. do Major; que está tão irritada com essas coisas. Conformamo-nos e vamos dar um passeiozinho ao lado da igrejinha. Olhamos o mar que está maravilhoso, de um azul profundo com reflexos de prata. Passam embarcações, ao longe. A igrejinha está ao nosso lado, muito azul e poética. Lembramo-nos de que, cada vez que deixamos de rezar juntos acontece-nos algo de desagradável. É que Deus é nosso amigo e deixa que o demônio vença, às vezes, para nos chamar a Ele, de quem havíamos esquecido. Combinamos, então começar hoje uma novena. Todas as tardes às 5 e meia viremos rezar juntos, o terço na igrejinha de St.ª Bárbara.

2 — A senhora do Cap. médico contou-nos que havia uma conspiração surda contra mim e o Coronel-Comandante, da qual faziam parte o Tenente Portela, o Cap. Sayão, o Tenente Aguiar, os quais criavam toda a sorte de dificuldades para mim. Partiram desse grupo denúncias ao Ministro da Guerra, contra os que me tratavam bem...

3 — Hoje, depois de tantas hipocrisias que se foram evidenciando com o correr do tempo, compreendo a proibição. Foi na Fortaleza velha que se deu a fuga do Juarez Távora em 1929... O Ministro da Guerra estava com medo da minha fuga... Após a visita amável do General Rego Barros... a proibição.

Descemos ao pátio do alojamento e cassino. Regressamos ao nosso quarto. Carmela lê e eu escrevo estas linhas.

As três e meia o Cel. Timóteo vem pessoalmente procurar-me e diz que o Gal. Rego Barros telefonou-lhe dizendo-lhe que mostrou minhas declarações ao Ministro da Guerra, e que este disse: 1.º) que vai mostrá-las amanhã ao Getúlio para resolver logo o meu caso; 2.º) que eu faça em papel bom e assinada a mesma declaração a fim de figurar como peça do inquérito e terminar tudo rapidamente.

Ao mesmo tempo recebo a visita do Alfredo Egídio que me diz supor que partirei para a Europa no dia 14.[4] Leu minhas declarações e conversamos um pouco sobre o assunto da viagem, etc. Achou que não devo mandar ninguém falar ao Carneiro da Fonte, porque nem ele será ouvido no processo. Partiu logo.

D. Irene Freitas Henriques, enviou-me um apetitoso vatapá. Jantamo-lo em companhia do Tenente Heráclito.[5]. O Coronel veio para dar uma prosa à sala de jantar. Ficamos palestrando até 10 hs.

Agora vou ler e dormir. Carmela já dorme. Anda sonolenta. Tenho de me levantar cedo para bater à máquina minhas declarações. Que Deus nos dê uma boa noite e amanhã um dia propício. E vele pelos nossos e pelo Brasil!

4 — Alfredo Egídio, primo do Oswaldo Aranha, colheu esta informação com este.

5 — Deste tenente Heráclito, pouco me recordo hoje.

8-6-39 (5.ª feira)

Levantamos às 8 hs. Depois do café assistimos aos exercícios da tropa, que vai hoje, com os contingentes de outros fortes, ensaiar para a parada do dia 14. Recebemos a visita da cunhada do Cap. Hermes (o médico), Srtª Áurea Teles.

Começo a bater a máquina, em definitivo, as minhas declarações no inquérito. Almoçamos, isto é, almoço, pois Carmela está indisposta. Assistimos a partida da tropa na lancha e no reboque. Voltamos ao quarto. Termino com Carmela o serviço datilográfico das declarações. Recebemos, pela lancha das 3 hs., a visita do Albuquerque, tão dedicado! A Fortaleza está deserta, sem soldados! Céu limpo com tons de rosa e violeta. Velas ao mar. Cintilações de prata no oceano. A cidade está do outro lado, ao fundo da baía. Agradeço a Deus ter-nos dado uma tarde tão linda e tão suave. Lembro-me do sonho que tive esta noite com o Paulo Setubal.[1] Eu me achava escrevendo a "Vida de Jesus" em frente a um corredor. Avistei o Paulo Setubal e me levantei para abraçá-lo. Nisto, lembrei-me de que ele já havia morrido e, ao aproximar-me dele, perguntei: "Então, Paulo, você não morreu?" Ele, sorrindo, abraçou-me e chegou seus lábios aos meus ouvidos, dizendo com extrema felicidade: "Boa notícia. Dentro de 3 meses!"[2] Olhei em torno e vi todas as

1 — O autor do conhecido romance histórico, alma de poeta, coração de ouro, temperamento expansivo, ruidoso, amigo a quem muito estimei e com quem convivi em S. Paulo. Morreu prematuramente, sendo, seu último livro, o "Confiteor", comovente narrativa de sua vida espiritual. Tenho saudade dele e costumo orar por ele.

2 — Coisa singular! Relendo esta página agora (jan. 1942), verifico que o acontecimento que ocorreu três meses depois do meu sonho, isto é, em setembro de 1939, foi o início da guerra que agora se tornou mundial. Por que razão (se for isso) o Paulo me disse "Boa notícia"?

pessoas de bruços, numa mesa, a cabeça entre os braços. Agora à tarde lembrei-me desse sonho e, em pensamento exclamei: "Paulo! Peça a Deus por mim! E pelos meus! E pelo Brasil!"

Recolhemo-nos ao quarto. As tropas regressam à Fortaleza. Estou escrevendo estas linhas.

Jantamos sozinhos no cassino, porque o oficial de dia é desarranchado. Saímos depois para visitar o Gal. Castro Júnior, com quem nos encontramos, pois vinha também vernos. Passeamos com o General pela muralha em frente a sua casa. O assunto, já se sabe é o "delenda Cartago". Vamos depois até a casa dele e ouvimos narrativas interessantes do tempo em que ele foi diretor do material bélico, roubalheiras que ele evitou. Voltamos ao cassino às 9 hs. O Machado nos contou que o Cel. Timóteo procurou-nos duas vezes. Que pena! Deixamos de prosear com ele esta noite... Vamos para o quarto e eu encerro as notas do dia de hoje. Vou ler, escrever, orar, dormir. Carmela, de livro em punho, está deitada.

9-6-39 (6.ª feira)

Nenhuma visita na lancha da manhã. Depois do café passeamos um pouco e resolvemos ir à igrejinha rezar o terço. Foi o que fizemos. Regressando de lá, sento-me na máquina e continuo a escrever o poema que iniciei ontem à noite. Eu tinha feito as estrofes iniciais. Chama-se o "Poema da Fortaleza de Stª Cruz".

Almoçamos, passeamos. Recomeço o poema. Interrompo com a chegada da lancha. Antonieta [1] chega, trazendo uma garrafa de cerveja, comestíveis e notícias enviadas pelo Maurílio Melo, o qual esteve com o Gal. Rego Barros. Este lhe disse que as minhas declarações causaram sensações, porque o Ministro desconhecia vários aspectos políticos que eu relatei. [2] O Maurílio manda-me dizer que o Gal. Rego Barros está encantado comigo e acha que o meu caso se resolverá facilmente.

Antonieta parte. O Cel. Timóteo manda o Cap. Sayão levar para o Gal. Rego Barros as minhas declarações assinadas e rubricadas. O Ministro as quer para apressar a solução do meu caso.

Volto a escrever o meu poema. Até a hora do jantar. Após este, conversamos com o Cel. Timóteo e o Ten. Sá

1 — Minha cunhada, irmã de Carmela. Estimo muito Antonieta, porque ela me compreende tanto quanto a irmã.

2 — O que espantou o Ministro da Guerra, General Dutra, foram as minhas conversações com o Presidente Getúlio, por intermédio do Governador de S. Paulo, Ademar de Barros, no momento mesmo em que se deu minha prisão por ordem do Ministro da Guerra que tudo ignorava. Mistérios da política brasileira!

Nogueira [3] que é o oficial de dia. A noite está esplêndida. Em meio à palestra, o Coronel recebe um reservado cifrado. Sai e volta contando-nos que não há nada de importante, apenas recomendação de vigilância. [4] "Ora, em Stª Cruz não há o que vigiar", diz ele. Somos novamente interrompidos, agora por um fato que causa pena, mas é pitoresco. A senhora de um cabo ia seguindo para a lancha, a fim de dar à luz na maternidade, e eis que no caminho sente-se mal. Minha mulher leva-a para o banco onde estávamos sentados. O Capitão médico corre em busca de uma padiola. Quatro soldados vão carregar a mulher. O Coronel convida-me para assistir ao embarque. Foi com grande dificuldade que a padiola passou para a barca e da barca para a lancha. Temos a impressão de que a mulher vai ter a criança em viagem. Voltamos ao cassino. Conversamos, tomamos café. Despedimo-nos do Coronel. Venho para o quarto e termino o poema. Leio-o, cheio de entusiasmo para a Carmela ouvir. Ela está entusiasmada também. Amanhã passarei a limpo.

Esqueci-me de dizer que hoje à noitinha todo o elemento feminino da família do Major Doemon veio (a pretexto de visitá-lo) para me ver. Essas senhoras, mocinhas e crianças comoveram-me. Estiveram rondando, em torno à janela do nosso quarto, até que saímos para o pátio. Então se apresentaram. Que gente boa! Que boas integralistas!

3 — Este tenente não me tratou mal, porém era dos mais esquivos. Disseram-me que tem idéias esquerdistas. Não pude observar nada a esse respeito.

4 — Essa recomendação de vigilância prendia-se ao temor que eu inspirava ao Governo; porque? Ignoro...

10-6-30 (sábado)

Após o café matinal passeamos um pouco na maravilhosa manhã, vendo os barcos e os navios no mar. Um navio de guerra deslisou, imponente e elegante, barra a fora.

Começo a passar a limpo o meu poema. Estou cada vez mais entusiasmado. Principalmente agora, que li em voz alta, a instâncias de Carmela, naquele recanto esplêndido de onde se descortinam toda a velha Fortaleza, as montanhas e o mar! Preciso de uma história do Brasil, qualquer, para uma consulta. Vou à biblioteca da Fortaleza. Não encontro nada a respeito. Um cabo me empresta um volumezinho de Rocha Pombo. Trabalho à máquina até a hora do almoço.

Após o almoço volto à máquina e bato meu poema. Uma formidável ventania varre a Fortaleza. Interrompo o meu trabalho para ir com Carmela gozar o espetáculo. Praças e ruas estão desertas. Janelas fechadas. O vento uiva, sacode violentamente as árvores. Subimos à amurada que dá para a ponte de atracação. O mar está varrido pelo vendaval. Regressamos ao nosso quarto.

Ninguém veio pela barca. Bato as linhas acima na máquina. Carmela irá copiando no caderno, onde está passando a limpo tudo quanto anotei em folhas avulsas.

Depois do jantar, conversamos com o Tenente Roberto e com o Coronel. Leio o meu poema para eles ouvirem. Conversamos ainda muito tempo. Agora voltamos para o quarto, onde começo a passar a limpo o poema. Quero ter-

minar porque, se o Albuquerque vier amanhã, ele levará uma cópia para o Josetti me descobrir um ilustrador de talento, pois quero fazer uma "plaquette" bem artística.[1]

1 — O poema só pôde circular clandestinamente, porém às centenas de milhares, porque ia sendo reproduzido, quer em mimeógrafo, quer em tipografias ocultas, em todo o país. Recebi, no Exílio, vários exemplares, dos mais diversos feitios e das mais imprevistas regiões geográficas. Ainda não pude fazer a sonhada edição artística.
Nota da Editora: a sonhada edição artística foi concretizada em 1951, pela editora Guanumby, de São Paulo, com ilustrações no texto, letras de abertura e vinhetas, em cores, de RUGO.

11-6-39 (domingo)

Chegaram o Albuquerque, a Antonieta e o Pascoal.[1] Mal nos cumprimentam vem o aviso de que a barca vai voltar imediatamente porque o mar está ameaçando tremenda ressaca. O Pascoal resolve voltar e os outros ficam, depois de falarmos com o Coronel. Antonieta se acomodará em casa do Cap. Hermes, o médico; Albuquerque pousará em casa do Comandante.

Acompanhamos o Pascoal até o cais do Zé Dias, porque a ponte onde se dão os desembarques habitualmente está varrida pelas ondas. Foi uma torcida louca o embarque de toda aquela gente que ia voltar para a cidade. Tivemos muito cuidado com o Pascoal, mas ele embarcou bem, passando por uma táboa para o batelão.

Voltamos e assistimos à fúria do mar no fosso que separa a fortaleza velha da aldeia e sobre o qual há uma ponte. É uma vala profundíssima rasgada no rochedo. O mar atira os vagalhões formidáveis naquela passagem; estoura, ferve, espuma, cresce pelas paredes e vai atingir a muralha. Saímos dali e apreciamos o galope das ondas que vêm galgar o rochedo sobre o qual assenta a igrejinha. Voltamos ao quarto com as visitas, que trouxeram um frango, queijo, empadinhas, cerejas, frios. Quando nos chamam para o almoço levamos essas vitualhas. O oficial do dia é o Tenente Portela, que compartilha das nossas provisões.

Terminado o almoço, o Coronel manda um soldado chamar-nos para vermos o mar invadir as casamatas na fortaleza velha. Fico radiante, porque quero verificar se a

1 — O Pascoal é meu cunhado, irmão de Carmela, excelente rapaz.

descrição que fiz no poema, sem ter visto, do mar entrando sob as abóbadas das bateria corresponde à realidade.

O soldado leva-nos por um caminho que ainda não conhecíamos através do qual admiramos sugestivos aspectos da velha Fortaleza.

Das amuradas que, sob os arcos da bateria St.ª Teresa, dão para o pátio aberto sobre o paiol da pólvora, apreciamos as ondas do mar que entram pela boca das canhoneiras, invadem estrugindo as casamatas, espumam nas abóbadas e correm em torrentes pelo corredor de pedra.

É um espetáculo deslumbrante. Dou grito de entusiasmo porque aqueles episódios magníficos da ressaca coincidem com a descrição do meu poema. Com o coronel subimos ao farol e de lá apreciamos as ondas a galopar no oceano, a estrugir nos rochedos, a se levantar até ao mastro da bandeira. O Albuquerque vai tirando fotografias. Já bateu cerca de 20 chapas, surpreendendo aspectos grandiosos da ressaca.[2] Tirou vários grupos e apanhou um instantâneo meu junto a um velho canhão.

Descemos para o pátio central do forte e despedimo-nos do Coronel. Vamos agora para o quarto e leio em voz alta o "Poema de Fortaleza de Santa Cruz".

Saímos dali para jantar. Faz-nos companhia o Tenente Portela que está um pouco mais acessível. O Coronel chega na hora do café. Empreendemos agradável palestra que dura até dez horas.

Lá fora, o vento uiva e o mar explode. Vamos até a casa do médico Cap. Hermes, para acomodar Antonieta. Ela fica e nós voltamos para o quarto. O Albuquerque come conosco um pouco de queijo e pão e segue para a casa do Coronel, onde vai dormir.

2 — *Ao revelar-se* uma das chapas, apareceu, num flagrante da onda explodindo, um mapa do Brasil! Possuo essa fotografia, que muitas vezes contemplo no meu exílio e todos admiram o contorno do mapa no perfil da espumarada!

12-6-1939 (segunda-feira)

Conversei durante a manhã com o Albuquerque estudando os meios de não deixar os Integralistas entregues a uma desorientação que poderá ser perniciosa em todos os sentidos. É preciso dar serviço a esse povo, para evitar fermentações danosas.

Lembramo-nos de dar mais eficiência à assistência às famílias dos presos e, ao mesmo tempo, obrigar os intelectuais a estudarem problemas técnicos sobre economia, finança, higiene, cultura, etc. Organizei uma lista de temas para estudos científicos e técnicos. Lembrei também os nomes dos que podem tratar desses assuntos e das comissões dirigentes das atividades intelectuais.

Carmela e Antonieta almoçaram em casa do médico Cap. Hermes Pimentel. Eu e Albuquerque, com os oficiais no cassino. Agora temos de preparar as encomendas para Albuquerque e Antonieta levarem.

Escrevo uma carta à minha filha, de quem sinto imensa saudade. Por ela mando recados a todo o pessoal: Irene, Juca, Pompeu,[1] Jorge, Bento, D. Pureza. O Henrique[2] está no sertão, coitado. Antonieta,[3] minha irmã, em Itajubá.

1 — Pompeu, meu irmão e companheiro inseparável em nosso difícil começo de vida como órfãos de pai, sem proteção e sem dinheiro. Lembrando esse tempo estimo esse irmão como quem estima um herói. Ele é bonissimo.

2 — O Henrique é o caçula da nossa irmandade. Tem sofrido muito; enviuvou cedo e ficou com 2 filhinhos. Eu e o Pompeu o queremos como filho. É muito afetuoso para nós e é inteligentíssimo.

3 — Antonieta, minha irmã muito querida, casada com o Juquinha (José Rangel), cunhado a quem muito prezo.

Albuquerque e Antonieta seguem na lancha especial em que vão os oficiais.

Passeamos um pouco à tarde. Depois do jantar, conversamos até tarde com o Coronel. A luz apagou várias vezes e acendemos velas.

13-6-1939 (terça-feira)

Fomos despertados pela visita do ex-guarda marinha Amorim, que também esteve preso aqui em Stª Cruz em companhia de mais dez companheiros, dos quais me trouxe notícias. O Amorim trouxe-nos o endereço de parentes seus em Portugal, cuja quinta deseja que visitemos. Trouxe também dois santinhos, lembrança afetuosa de seus pais, a mim e Carmela.

Depois da partida do Amorim, fomos à igreja da Santa Bárbara rezar o terço. Hoje é dia de Santo Antônio e o número 13 é evocativo para nós porque nos casamos num dia 13. Rezamos o terço e prometemos a Santa Bárbara uma oferta para sua festa, se sairmos com dignidade de tudo isto. Fizemos também uma promessa a Santo Antônio. Rezamos a Deus pelos nossos e pelo Brasil.

Ficamos depois apreciando o mar, da amurada ao lado da Igreja. O mar está mais tranqüilo, de um azul sereno. Uma ou outra onda galopa e se desfaz em espuma no rochedo. Recebemos a visita da Áurea Teles, a cunhada do médico Cap. Hermes. Passei a limpo o meu poema. Após o almoço, novo passeio e, em seguida, nos dispomos a trabalhar no quarto, a fim de escrever umas cartas, etc. Mal começamos, batem à porta. É o General Castro Júnior, que, contra todos os seus hábitos, saiu de dia e veio-nos convidar para um passeio. Saímos com o General, extremamente amável e sempre desenvolvendo o seu tema: o "de-

1 — Todos integralistas muito dedicados e oficiais da marinha distintíssimos.

lenda Cartago".[2] Seus argumentos são fortes, sua ironia ferina.

Ele me diz que ouviu dizer que vão mandar-me para a Europa. Está indignado.

Despedimo-nos do General, voltamos para o quarto a fim de fazermos nossa correspondência.

Mas, mal havíamos recomeçado, chega a barca e, com ela, vem Nilza, carregada de pacotes e dizendo que Carmela precisava ir à cidade imediatamente, porque D. Alba soube de fonte segura que eu vou ser mandado para a Europa. Não permiti que Carmela fosse porque desejo ser notificado pessoalmente e oficialmente e não pedir coisa alguma. Nada pediremos. Acima de tudo a nossa dignidade. A Nilza disse que D. Luzia, mãe de D. Rosalina, tem assuntos a falar com Carmela, da parte da senhora do Felinto Müller, D. Consuelo.

Já prevemos o que será. Deve ser oferecimentos de dinheiro; mas nós não aceitamos porque preferimos passar apuros do que nos servirmos de dinheiro do governo. Os nossos amigos particulares não nos deixarão morrer de fome no exílio. Nilza parte. Carmela escreve suas cartas a Irene, Maria Amélia, D. Pureza, e para seus pais. Ponho umas linhas nessas cartas.

Jantamos sozinhos, porque o oficial de dia, Tenente Aguiar[3], foi jantar com o Tenente Castelo Branco, que é desarranchado. Jogamos, eu e Carmela, uma partida de bilhar no cassino. Depois, conversamos longamente com o Coronel Timóteo.

2 — O "delenda Cartago" do General era o ataque diário, permanente, ao usurpador brasileiro, ao "tirano-fascista-nazista Getúlio Vargas"...

3 — O Tenente Aguiar, sempre que pode, evita-nos. Tratando comigo, é delicado, conquanto frio.

14-6-1939 (quarta-feira)

Antonieta chegou na lancha da manhã. Trouxe muitas novidades: a conversa de D. Luzia com D. Consuelo; a do Dr. Maurílio com o Cel. Ararigbóia e o Gen. Rego Barros; a chegada do Machado Florence[1] trazendo a notícia de que o inquérito em São Paulo nada apurou contra mim; as novidades que o Pisserchio[2] lhe transmitiu etc. Antonieta levou as cartas de Carmela.

Fomos, em seguida, rezar o terço na Igreja de Santa Bárbara. Fizemo-lo com todo o fervor e eu pedi à Virgem Maria que solucione meus problemas com dignidade para mim e que, tendo eu de me afastar, fique Ela tomando conta dos meus e dos de Carmela, de modo a encontrarmos a todos, quando voltarmos, do mesmo modo como deixarmos, vivos e com saúde.

Voltando da Igreja, fomos fazer uma surpresa ao General Castro Júnior. Pé ante pé, entramos na casa dele, sem que ninguém pressentisse, e deixamos sobre a mesa umas peras, maçãs e balas de coco, com um bilhete: "Lembrança de Carmela e Plínio ao General Castro Júnior".

Após o almoço, deitei-me e li enquanto Carmela escrevia. Depois, fui ao cassino e cortei o cabelo, tomei um banho, troquei de roupa. Chegou a barca. O Machado Florence veio nela. Ele me traz notícias importantes. Esteve com o General Dutra, o qual lhe disse: 1.º) que mostrou

1 — Excelente companheiro, meu amigo, ex-chefe provincial em S. Paulo, e, como jornalista que é, ainda em contato com pessoas do governo, especialmente com o Major Afonso de Carvalho, do Gabinete do Ministro da Guerra.

2 — José Pisserchio, meu amigo desde que éramos rapazes; é integralista de longa data, dedicadíssimo à minha pessoa.

ao Getúlio a carta que eu lhe dirigi (compreendendo agora a verdadeira razão porque estou preso...); 2.º) que nada se apurou contra mim em São Paulo (nem podiam mesmo ter apurado; 3.º) que me cercou de toda a consideração e que a minha prisão foi mais para me garantir, pois sabia-se que um grupo de integralistas descontentes com meu manifesto de paz, pretendia assassinar-me (então não fui preso como conspirador?); 4.º) que até agora ele não pensara em minha ida para a Europa, mas agora achava que eu devia ir, e o mais depressa possível, porque o inquérito, chegando de São Paulo, ele terá de mandar ao Tribunal de Segurança e convém que eu já esteja longe (mas então não estou inocente como ele afirmou?[3] 5.º) que já conversou com o Felinto para apressar a minha viagem, providenciando até dinheiro (é a quinta vez que me oferecem dinheiro). O Machado tem uma ordem do General Rego Barros para me visitar diariamente. Combino com ele para vir amanhã a fim de acertarmos providências urgentes relativas à minha viagem. Carmela irá cedo à cidade e voltará à tarde para aqui. O Machado virá cedo e irá de tarde.

Passei a tarde com Carmela combinando os meios de nos despedirmos dos nossos. Pensamos na mãe dela, tão longe. Eu penso em minha filha, meu genro, meus irmãos. Temos pouco dinheiro. Todos os nossos lutam com dificuldades. Ficamos muito abatidos. Carmela chora. Eu lhe digo que tudo isso é o preço com que compramos a nossa dignidade. A dignidade é uma coisa muito cara e nem todos podem dar-se ao luxo de adquiri-las. Deus, que escreve direito por linhas tortas, estará conosco. Não nos abandonará. Mentalmente, rogo a Deus que nos valha.

Vamos para o cassino e jantamos sozinhos porque o oficial de dia, Castelo Branco, é desarranchado. Estamos tristes e silenciosos.[4] Começamos a provar, desde esta tarde, aquilo que Dante chamou "o pão amargo do exílio".

3 — Se eu não estava inocente e se um processo corria contra mim, a proposta do Ministro da Guerra ao Chefe de Polícia era para... me dar folga! E foi o que fizeram contra a minha vontade!!! Que tartufos!

4 — A tristeza daquela noite, em que não tínhamos viva alma para conversar, era uma tristeza que não encontro palavras para descrever.

Será que o Coronel não vem hoje? Ele foi à cidade; está tratando de sua transferência para o Sul. Se ele estivesse aqui, nos distraíríamos um pouco... Vamos para o bilhar. Jogamos para nos distrairmos. Dificilmente escondo a minha tristeza. Carmela cansa-se e vai sentar-se numa poltrona, pensativa. Eu fico junto à mesa batendo o taco. Estou sem ânimo de conversar com ela, com esta cara triste e este pensamento fixo. Bato o taco na bola. Bato, bato, e afinal deixo o bilhar. Convido minha mulher para uma partida de dominó. Jogamos três vezes. O Coronel não veio da cidade. Vamos para o nosso quarto. Conversamos, consolamo-nos mutuamente. Erguemos nossos pensamentos a Deus.

15-6-1939 (quinta-feira)

Levantamo-nos cedo. Carmela vai à cidade. O Machado Florence chega na lancha matutina. O Pascoal veio para levar Carmela, que vai ao dentista (o Pisserchio) e conversará com D. Alba. Eu e Machado acompanhamo-los ao embarque. O Machado arranja com o "Francelino" [1] uma cafiaspirina. Conversamos longamente. No quarto, leio-lhe o "Poema da Fortaleza de Santa Cruz". O Machado ouve comovidamente. Depois, combinamos uma porção de coisas. A missão dele será junto ao Ministro da Guerra. Manterá esse contato e irá esclarecendo tudo. Sinto vibrar no Machado a chama integralista. Ele está comovido porque está vivendo junto a mim um momento histórico.

Eu e Machado almoçamos no cassino com os oficiais. Após o almoço, saímos com o Major Doemon e com o Cap. Sayão para percorrer a Fortaleza velha. O Machado maravilha-se diante dos múltiplos aspectos deste monumento histórico. Ao regressarmos, avistamos a lancha. Que será? indagou o Cap. Sayão. Mas, o Tenente Sá Nogueira, que está de dia, informa que é uma lancha conduzindo gente da polícia que vem ouvir-me.

Aguardamos o desembarque. De longe, vemos uma máquina fotográfica. São quatro homens. "É o passaporte", diz o Machado. Realmente, um dos senhores se apresenta. É o Dr. Veras, Secretário do Chefe de Polícia. Convido-o, e aos funcionários, a entrarmos no cassino. São-me mostrados os papéis do passaporte. Eu os assino. Tiram-me fotografia e as impressões digitais. Minha mulher só chegará

1 — Copeiro do Cassino.

na barca da tarde. Os homens esperam-na. Carmela chega. O Secretário do Chefe de Polícia está no salão, rodeado pelos oficiais. Minha mulher entra no salão, onde todos continuam sentados. O fotógrafo bate as chapas de Carmela, volta para as fichas datiloscópicas.

O Machado Florence observa tudo com sentimento histórico.

Terminados os trabalhos, converso com o Dr. Veras, combinando um encontro do M. Florence com o Cap. Felinto, a fim de acertarmos o vapor em que devo partir. Peço que me dêem tempo de despedir-me dos meus, que estão longe, e de providenciar minhas roupas e algum dinheiro. O Dr. Veras promete que tudo será acertado com o Machado Florence. Peço a este que telefone ao Antônio Pompeu, dizendo-lhe para entregar trinta contos ao Alfredo Egídio (a fim de que este enverta em moeda estrangeira) e me mande dez contos por portador, urgentemente. Peço que diga ao Antônio Pompeu para avisar minha filha.

O Pascoal, que trouxe Carmela, diz-me que o José Carlos está no Rio e está tentando meios de visitar-me.

Machado e Pascoal partem. Eu e Carmela assistimos o embarque do alto da amurada. O Tenente Heli (que está preso na Fortaleza), vai com um companheiro (um capitão também preso) pescar. Pergunta-me se gosto de peixes, que me mandará um. Digo que sim.

Subimos para o quarto e ficamos fazendo a lista das roupas que temos de comprar. O Pisserchio mandou-me uma caixa de charutos. D. Marina Padilha uma melancia.

Jantamos com o Tenente Sá Nogueira, que nos comunica que o Tenente Heli pescou lindos peixes e me enviou um.

Conversamos até tarde com o Tenente Sá Nogeira.

Recolhemo-nos às 9:40. O Cel. Timóteo não veio desde ontem da cidade.

16 de junho de 1939 (sexta-feira)

Despertamos muito cedo. Esperamos hoje, pela lancha da manhã, a Antonieta e o Albuquerque. Carmela irá à cidade para tratar dos dentes e fazer compras.

Chegou a lancha. Veio o Delamare.[1] Com que alegria o abracei! Ele esteve com o General Rego Barros, que lhe disse me aconselhasse a partir para a Europa[2] antes do inquérito de S. Paulo ser remetido à polícia, pois eu mudaria de jurisdição e teria de deixar a Fortaleza para ser entregue às autoridades civis. O Delamare vai mandar-me procuração para eu assinar como meu advogado. Contou-me que o Himalaia Virgulino, no ano passado, foi exonerado do cargo de procurador da República por haver, de acordo com sua consciência, me excluído do processo de Maio.

Narrou-me mil barbaridades que assistiu. Falou-me elogiosamente do Brito, do Lanari e do Brisola. Conversamos muito, e com Carmela e Antonieta tomamos café no cassino. É hora da partida da lancha.

Delamare, Carmela e Antonieta partem. Fico a acenar da amurada. O Delamare, com um jornal, vai acenando. Vejo as luvas de Carmela acenando. A lancha vai ficando pequenina na distância. Fulgura o sol nas águas da baía. A rua está deserta. No alto, o céu azul muito límpido. Estou

1 — Alcebíades Delamare, jurista, escritor, historiador, grande patriota, exaltado nacionalista, fervoroso católico: homem de bem e de coração, meu amigo a quem muito estimo e que viveu comigo episódios inesquecíveis.

2 — Estes conselhos são de encomenda...

sozinho na amurada. A lancha afasta-se ainda mais. É um ponto negro nas águas...

Venho escrever estas linhas. E releio estas páginas...

Espero hoje à tarde o Machado e o Albuquerque, que virão com Carmela. Provavelmente, o J. Carlos também virá.

Mandei hoje por minha cunhada Antonieta uma carta para minha irmã Antonieta e meu cunhado Juca,[3] que moram em Itajubá, na Fábrica de Canos e Sabres.

São 10 e 45 da manhã. Estive mais de uma hora andando de um lado para outro, no pátio da igrejinha de St.ª Bárbara, diante do mar, por onde passam os navios, as dragas e as lanchas e veleiros. Fiz a oração matinal, pedindo a St.º Antonio e Stª Terezinha para que, durante a nossa ausência do Brasil, mantenham em saúde perfeita minha filha e meu genro, os pais de Carmela, meus irmãos, e os irmãos dela com seus filhos e todos nossos parentes, a fim de que os encontremos, pelo menos tal qual estão, com vida e boa disposição física e moral; e à N. S. de Aparecida que assista e proteja a ação benéfica daqueles dois santos, velando sobre os nossos e sendo a intermediária das graças de Deus. Pedi ainda a Ela que me dê vida longa, assim como à minha mulher, minha filha e os nossos, para assistirmos a ressurreicão espiritual do Brasil. Roguei pelos Integralistas e confiei a S. Judas Tadeu, Santa Rita e aos três Arcanjos a nossa grande causa. Pedi a S. José que dê tranqüilidade para eu terminar a "Vida de Jesus". Rezei o terço e fiz longas orações. Costumo orar em companhia de Carmela, mas como hoje ela está na cidade, pedi também em nome de minha mulher. Meu coração está sem nenhum rancor, cheio de serenidade e esperança em Deus. É impossível que Deus não me escute! Jesus sabe quanto o amo e quanto desejo servi-Lo! Abro a Bíblia, agora. E leio este versículo de Ezequiel: "Fiz forte a tua fronte contra a fronte deles e forte o teu rosto contra os seus rostos".

Vou ler um pouco o livro de Gustavo, "O Quarto Império". Depois do almoço, escreverei cartas.

3 — Meu cunhado Juca é um lutador, pobre, criou e educou 5 filhos. Ele e minha irmã Antonieta, dois nobres corações, são Integralistas fervorosos e muito trabalham no núcleo de Itajubá.

Li até a hora do almoço. Ao almoço, o Cap. Nuno perguntou-me se eu ia para Portugal, e à minha resposta afirmativa, disse que eu iria passar mal naquele país. Respondi: "Veremos se serei eu que passarei mal, ou os senhores que ficam aqui". A conversa generalizou-se à mesa sobre assuntos imigratórios, origens raciais do Brasil, etc. Lamentei que tantos oficiais estivessem tão mal orientados a respeito desses assuntos. Eu disse alguma coisa, e o pouco que eu disse fez a conversa estender-se bem. Ficaram à mesa, conversando comigo, o Cap. Nuno e o Tenente Heráclito (o mais simpático de todos). Falamos muito de assuntos econômicos e técnicos e terminamos estendendo-nos sobre instrução militar. Às 2 horas da tarde vim para o quarto. Li um pouco e dormi. Despertei com o apito da lancha e a corneta anunciando-a.

Carmela chegou. O Machado Florence não veio porque tem enocontro marcado com o Felinto Müller. Veio o Cap. Albuquerque com o alfaiate, que tomou minhas medidas a fim de fazer o terno, presente de D. Vitória.

Despedimo-nos do Albuquerque, que ficou de vir amanhã. Voltamos para o quarto e fizemos a lista das coisas que ainda temos de comprar. Depois, iniciamos as cópias do poema, à máquina. Somos chamados para jantar. Jantamos com o tenente Heráclito, o mais agradável de todos. Carmela, que extraiu um dente, vai para o quarto. Eu fico palestrando com o tenente até 9 e meia. Recolho-me, em seguida. Dormimos às 11 horas, erguendo o pensamento a Deus.

17 de junho (sábado)

Levantamos cedo. Carmela vai à cidade e só voltará à noite porque tem uma infinidade de coisas a fazer. Tomamos café.

Chega a lancha e, com ela, o Machado Florence e o José Carlos.

O Machado Florence comunica-me que partiremos quarta-feira, 21, pelo "General Artigas", vapor alemão. Eu e Carmela corremos ao nosso quarto, a fim de resolvermos sobre a vinda dos nossos para as despedidas. Combinamos tudo. Escrevo um cartão ao meu genro Loureiro. [1] Peço a Carmela que telefone da cidade para minha irmã Antonieta e meu cunhado Juca. O Pascoal seguirá amanhã à noite com os detalhes da viagem dos nossos para aqui. Como estamos todos mal de finanças, pediremos ao Maurílio e a Alicinha e a D. Marina para hospedarem nossa gente.

Carmela parte. Estou tão distraído pelas preocupações que não vejo a lancha partir e não troco os habituais acenos.

Converso longamente com Machado e J. Carlos e escrevo uma carta ao Raymundo. [2] À hora da lancha das 11, chegam D. Maria Teles, [3] o Albuquerque e o Paulo Lomba Fer-

1 — Precisarei identificar o Loureiro aqui! Ele é omeu filho! Isto basta. Todo o amor que dedico à minha filha dá a medida da minha estima ao meu genro. Dispenso-me de elogiá-lo: sou suspeito.

2 — Raimundo Padilha — aquele que escolhi para me substituir na ausência e suceder em minha falta, na direção espiritual e política, administrativa e prática do Integralismo. Precisarei falar mais deste homem?

3 — D. Maria Teles, grande integralista, como seu marido Antonio Teles, que faleceu durante meu exílio.

raz.[4] D. Maria traz-me revistas, doces e um queijo. Ela é extremamente gentil.

Chamam para o almoço. Eu e Albuquerque vamos para a mesa porque o Albuquerque pretende ficar para a barca das 5. Os outros almoçarão na cidade, porque partem ao meio dia e meia.

Na mesa, tivemos notícia de que, por um cifrado que chegou à Fortaleza, foi cassada a licença permanente do Machado Florence. Voltando à sala, comunicamos esse fato a ele, que ficou muito pesaroso. Não compreendemos isso, pois o Machado está tratando de negócios atinentes à minha viagem, portanto precisa estar diariamente comigo. O mesmo se dá com o Albuquerque, que me informa que a licença dele foi também cassada. Estamos desolados.

O Albuquerque me informa que virá hoje à Fortaleza o Coronel que está presidindo o inquérito em S. Paulo, a fim de me ouvir.

À hora da lancha, despedimo-nos de Paulo Lomba e do Machado que partem. Ficam para seguir às 5 horas D. Maria, o Albuquerque e o J. Carlos. Resolvemos dar um passeio. Mal caminháramos uns cem passos, chamam-nos para nos comunicar, por ordem do oficial de dia, que visitas não podem ficar para irem à tarde; terão de ir já.

Desoladíssimos, D. Maria, o Albuquerque e o José Carlos despedem-se e partem. Fico sozinho. Vejo em tudo isso manobras misteriosas... Regresso ao meu quarto. Escrevo umas páginas no álbum que a Clélia, irmã de D. Maria, me envia com pedido de autógrafo. Escrevo um pouco neste caderno. Deito-me e leio "O Quarto Império", do Gustavo. Agora, são três horas da tarde e escrevo estas linhas. Lembro-me de que ainda não orei hoje. Vou fazê-lo. Tenho andado tão aflito hoje!

Fiz minha oração, pensando em todos aqueles que estão ligados ao meu coração. Rezei o terço! Ao terminar, batem-me à porta do quarto. O Coronel Scarcello, da 2ª Região, veio com um capitão como escrivão, para ouvir-me. Vou ao

4 — Paulo Lomba Ferraz, lúcida inteligência, nobilíssimo coração, a maior capacidade de organização no setor das finanças e propagandas; grande patriota.

cassino. Ele senta-se na cadeira da ponta da mesa, como um juiz. O capitão, ao lado, abre os autos. O Coronel manda-me sentar na outra extremidade. Tenho a impressão nítida de réu. O oficial de dia, tenente Aguiar, retira-se com aquele seu característico sorriso aos superiores. O Major Doemon retira-se. O Cornel é uma figura forte, austera, vem fardado, com certa imponência. Manda proceder à qualificação do "indiciado". Sou o "indiciado". O capitão escreve a qualificacão. O Coronel, solene, começa as perguntas. Vou respondendo e ele vai ditando. À proporção que respondo, vai-se interessando. Sua fisionomia anima-se. Quase sorri. Levanta-se, faz um giro, vem sentar-se ao meu lado. Tenho agora a impressão de que sou eu o juiz. O Coronel sorri, pede-me que dite. Atendo. Ele vai-se interessando cada vez mais. Nos intervalos, enquanto o escrivão escreve as perguntas, vou narrando ao Coronel todos os episódios políticos dos tenebrosos bastidores governamentais. O Coronel vai ficando assombrado e revoltado contra os métodos desleais da política. Quando ele está em aberta cordialidade comigo, mostro-lhe certo documento, em caráter confidencial. Ele fica pasmo. Lê alto para o escrivão ouvir. Manifesta-se indignado contra os falsos amigos do Exército. Abre-se comigo. Vejo que ele tem prazer quando respondo de maneira categórica e esmagadora às perguntas. As declarações continuam, firmes, desmoralizantes, de toda a sujeira que o governo tem praticado. Relato, particularmente, nos intervalos, coisas sensacionais. O Coronel está francamente expansivo, sorridente. Despedimo-nos com grande cordialidade. Já é noite fechada. Lá no pátio, o Coronel despede-se pela segunda vez. Vai agora seguir com o capitão, mas não resiste e dirige-me um terceiro adeus, francamente afetuoso.

É hora de jantar. Janto com o tenente Aguiar e encontro o Cel. Timóteo no refeitório. Conversamos, como sempre, sobre variados assuntos. Chegam o Major Doemon e o Cap. Hermes para tomar parte na palestra. Distraímo-nos falando de tudo: história, etnografia, geologia, política geral, guerras, comunismo, arte, etc.

Às 10 horas chega a lancha com Carmela e Antonieta. Vou ao encontro delas e trago-as ao cassino. Chega em se-

guida a Srª do Major Doemon, D. Cecília, e a Srª do Cap. Hermes, D. Olga.

Entrego ao Cel. a "Geografia Sentimental" com a dedicatória e a cópia do "Poema da Fortaleza de Santa Cruz", com longo ofertório. Ele se comove lendo-o.

Palestramos algum tempo. Às 11 e meia retiramo-nos todos, cada um a seus penates.

Carmela dá-me conta de tudo quanto fez: falou pelo telefone com sua mãe, com minha irmã Antonieta, isto é, com o Juquinha. Mandou o Pascoal a S. Paulo. Fez compras. Visitou D. Umbelina. [5] Conversou com várias pessoas e trouxe-me sapatos para eu experimentar.

Fizemos uma pequena ceia. Escrevo estas linhas. Agora vou orar. E dormir.

5 — D. Umbelina, senhora do Dr. Alfredo Egídio. Grande amiga, embora não me compreenda em muitas coisas, como eu não a compreendo em muitas. A ela e ao marido liga-me uma amizade tão grande apesar dos nossos temperamentos tão diferentes e às vezes tão chocantes, que só Deus poderá explicar nos seus insondáveis desígnios! Lembro de ambos com afeto de irmão.

18-6-1939 (domingo)

O dia hoje vai ser destinado a escrever cartas de despedida e de recomendações particulares sobre numerosos assuntos. Iremos partir quarta-feira. Amanhã chegarão os nossos e queremos dedicar-lhes todo o tempo, nesta nossa antecipada saudade. Levantamo-nos cedo. A lancha veio com o Agnelo, a irmã do Maurílio de Mello, [1] e o Caldas Brito. [2] Batemos várias fotografias. Li o meu poema; o Caldas Brito chorou. Ele me deu uma libra inglesa e um livro: dados para a biografia de D. Pedro II. Momentos depois, entraram na sala do cassino, onde estávamos, o Cel. Neiva de Lima [3] e o seu parente Neiva, [4] e a filha do general Taborda, a Rosely. [5] Entram também o companheiro Tomé. [6] O Neiva, magnífico de fé. D. Rosaly expressiva e enérgica. O Tomé tão dedicado! Converso um pouco com o Agnelo de quem tenho magnífica impressão, pelo seu critério, inteligência, capacidade. A barca vai partir. Antonieta também segue. Ela deverá amanhã esperar os nossos na estação. Tem sido incansável a minha cunhada. Quero-lhe, cada vez mais, com uma estima cheia de reconhecimento. Ela leva uma infinidade de incumbências. Já arranjei casa para hospedar

1 — Um dos mais dedicados Integralistas e amigo dos mais dedicados.
2 — Médico muito conceituado e integralista dos mais fervorosos.
3 — O Cel. Neiva é um dos oficiais mais distintos do Exército e de uma extrema dedicação a mim.
4 — Ótimo companheiro; há ainda mais um Neiva: o médico, grande integralista e pai dos pobres.
5 — O General Taborda, bravo e competente oficial, não é Integralista inscrito, mas é meu admirador e muito amigo.
6 — Jerônimo Tomé, dedicadíssimo companheiro.

minha irmã Irene: ficará com o Maurílio; o Pompeu com o Agnelo. Minha filha e esposo no hotel;minha irmã Antonieta e esposo também. Meus sogros com D. Marina.[7] Quero ver se consigo trazê-los todos para pernoitar na Fortaleza à véspera de minha partida.

A lancha foi. Eu e Carmela viemos para cima fazer nossa oração matinal. Não começamos a escrever, porque é hora do almoço. Almoçamos com o Heráclito, que é o oficial de dia. Vamos agora à casa do Major. Precisamos fazer uma visita à D. Cecília, sua esposa, que é blusa-verde e tem sido gentilíssima. Ela vai mandar celebrar uma missa na igrejinha de Stª Bárbara, no dia de nossa partida.

Fizemos a visita. Combinamos com o Major a hospedagem dos nossos. Ele está comandando o forte, na ausência do Cel. Timóteo, que tem estado na cidade, tratando da sua vigem, pois foi transferido para o Regimento de Artilharia de Stª Maria (Rio G. do Sul).

Agora escrevemos; preparamos tudo. Ao jantar, temos a satisfação de encontrar o Cel. Timóteo, já de volta da cidade. Conversamos com ele até tarde. Regressamos ao nosso quarto, onde Carmela escreveu mais umas cartas enquanto eu bati à máquina. Oramos e dormimos.

7 — D. Marina Padilha, irmã do Raimundo Padilha, dedicada e nobre integralista.

19 de junho de 1939 (Segunda-feira)

Carmela vai hoje à cidade, ultimar nossos preparativos de viagem e regressará à tarde.

Ninguém veio pela manhã. Carmela segue na lancha das nove horas.

Fico sozinho e vou tratar de escrever mais cartas. Antes, porém, dirijo-me à igrejinha e faço a oração matinal. Quantas preocupações me afligem! Só as podem avaliar do ponto de vista político os que têm tido grandes responsabilidades no Integralismo; e do ponto de vista particular os chefes de família. Deixarei minha filhinha e esposo, começando a vida de trabalhos e dificuldades naturais aos que, não tendo fortuna, precisam entregar-se ao labor incessante; deixarei minha irmã Irene bem doente, com o diagnóstico de um tumor intra-selar, fazendo aplicações de raios "X", na esperança de evitar uma operação; ela é a encarregada de tomar conta de meus sobrinhos Mariinha e Chico, filhos de meu irmão Henrique, que está iniciando sua vida em Presidente Alves, numa companhia de Transportes,[1] e está com a casa montada, esperando a irmã; deixo meu irmão Pompeu descolocado, e precisarei orientá-lo e entregá-lo aos auspícios de Loureiro, meu genro, para facilitar tudo, pois, aflige-me ver a triste situação de Pompeu e Amália,[2] com um filhinho, o Martim, tão meigo e inteligente; deixo, felizmente mais ou menos arrumados com um pequenino emprego na Fábrica de Canos em Itajubá, meu cunhado Juca

1 — Quero consignar aqui meu reconhecimento ao companheiro Mário Cabral, que colocou e ajudou o Henrique na minha ausência e ao Ciro de Rezende, o médico que tratou de Irene.

2 — Minha cunhada Amália tem sido uma santa e exemplar esposa; estimo-a como ele talvez não avalie.

e minha irmã Antonieta, carregados de filhos.[3] Tendo tudo rejeitado para mim, em quinze anos de vida pública, também nunca me servi do prestígio que gozei várias vezes para dar, aos meus, empregos fáceis e rendosos. Coloquei muitos estranhos, mas fiz com que todos os meus jamais se utilizassem das facilidades que tivemos tantas vezes para excelentes colocações dependentes de força política. Posso dizer que nunca realizei política de interesses familiares. Agora, na hora do exílio, sofro estas preocupações, mas Deus há de prover. Por outro lado, pelo lado de Carmela, aflige-me pensar na mágoa que o nosso exílio acarreta para sua mãe e seu pai. Estimo meus sogros mais do que minha mulher pode supor. Compreendo-os. Sei, principalmente, avaliar a inquietação de seus corações. Meu sogro é um velho lutador e seus cabelos já estão brancos de trabalhar. Penso em meus cunhados, principalmente Antonieta e Pascoal, que têm convivido mais de perto comigo e aos quais me une grande estima. Penso nos amigos e parentes. Penso nos humildes que me são dedicados, nos que estão sofrendo por mim e pela idéia que lhes dei. Penso nas famílias dos que estão presos e penso nos presos. E, pensando em tudo isso, penso acima de tudo no Brasil, que sintetiza a todos e exprime o conjunto de todas as minhas inquietações. É nesse estado de espírito que rezo, na manhã luminosa. Confio a Stª Terezinha e St.º Antonio a guarda de todos os entes queridos, de modo que eu os encontre, no meu regresso, pelo menos como os deixar. Confio a Stª Rita e S. Judas Tadeu a causa integralista, que é a causa suprema do Brasil. Confio à Virgem-Mãe o patrocínio de ambas essas causas: a familiar e a pública; a afetiva e a patriótica. Rezo um terço. Desço para o meu quarto e reinicio minhas cartas.

Chamam-me para o almoço. Estão, como de costume, todos os oficiais. O tenente Portela, que é grosseiro em suas expressões e só fala gritando sobre assuntos de que não entende, acha-se pontificando, com os sorrisos complacentes do Cap. Sayão. Ataca a religião, dizendo-se católico, mas inimigo dos padres e bispos, que são uns canalhas, uns sujos. No meio da enxurrada de asneiras em que é fertil, ameaça céus e terras, dizendo que não tem medo de ninguém, que mete a mão na cara de quem o aborrecer e que quem quiser experimente. Tudo isso sem atender que me acho presente, que sou um estranho, que mereço consideração, como ele tem visto, do General, do Coronel e do Major.

Assisto como um espectador aquela cena deprimente. Nisto, o furioso anti-clerical diz que o Papa é um espírito de porco. O Cap. Clóvis, que é um moço educado, diz-lhe que é bom calar-se por princípios de educação, porque o Tenente está ofendendo suas convicções religiosas. Diante de todos os oficiais o Cap. Clóvis declara-se católico e diz que se o tenente prosseguir, agirá como superior que é. O Tenente procura explicar-se. O Cap. Clóvis está inflexível. O incidente desapontou a todos por estar eu presente. O Cap. Sayão veio depois pedir-me desculpas. Eu lhe respondi que, como preso em sua Fortaleza, tinha ficado silencioso, porque um preso não tem o direito de discutir com os seus guardas e apenas deve confiar na educação e cavalheirismo deles. O Cap. Sayão, incomodadíssimo, comenta a falta de cultura dos oficiais em geral. Digo-lhe que isso é matéria interna do Exército com a qual, por enquanto, nada tenho que ver.

Após o almoço, entreguei-me à correspondência. Escrevi muito. Nem ouvi o apito da barca das 3 e meia e a corneta anunciando-a. A barca traz Carmela com os pais, o Pascoal e o Ministro Fonseca Hermes. Abraço comovido meus sogros, que ficarão na fortaleza até nossa partida. O Pascoal traz-me muitos embrulhos, com objetos diversos. Vou para o cassino e palestro com o Ministro, que se acha muito comovido pelo meu exílio. Promete escrever ao Latour, que está como Ministro no México, a fim de que ele me recomende a todos os diplomatas brasileiros da Europa; aliás, quase todos são Integralistas.

A barca parte levando o Ministro F. Hermes e o Pascoal. Passamos algumas horas com meus sogros, conversando, distraindo-nos a apreciar a Fortaleza. Mostro-lhes a parte velha, com as galerias de pedra; passeamos pelos velhos

3 — Sou grato ao general Góes Monteiro porque foi ele quem colocou o Juquinha na Fábrica de Itajubá com 250$ mensais; em oito anos Juquinha ali atingiu, por seus esforços, uma situação regular.

terraços, vamos até a igrejinha, onde minha mulher e sua mãe oram.

Jantamos com o tenente Portela, que é o oficial de dia. Está amável tanto quanto pode. Após o jantar, vem o Coronel, depois o Major e a Senhora, o Cap. médico, senhora e cunhada, a esposa do Cap. Célio. Palestramos até tarde. Meus sogros vão pousar em casa do Cap. Hermes Pimentel.

Eu e Carmela deitamo-nos com a idéia de levantar muito cedo, porque amanhã é véspera da partida e chegam minha filha, meu genro, meus irmãos e cunhados. Uma oração breve. E o sono.

20 de junho de 1939 (terça-feira)

Levantamo-nos bem cedo. Fui avisado de que virá na barca da manhã o funcionário da Polícia trazer-me o passaporte, a passagem e os atestados de vacina. Espero também o Machado Florence.

A barca chega, mas este não veio. Vieram Delamare, Brisola, Josetti, Nilza e o poeta Silvestre. Passei uma procuração de próprio punho ao Delamare, para me defender, e entreguei-lhe alguns documentos. O Delamare entregou-me uma carta capeando mil e vinte escudos, que me enviou um funcionário que ganha 850$ por mês. É uma carta comovente. Ela me dá a certeza de que nossa grande idéia não morre. Escrevi a esse brasileiro humilde, com a maior emoção, uma carta de agradecimentos. Ele se chama Dario Nogueira de Avila e mora à rua S. Francisco Xavier, 651. A esposa dele já me visitou há dias, trazida pela senhora do Major Daemon. Escrevi ainda outras cartas para o Delamare levar (à D. Odette Furtado, ao humilde chofer do Delamare, etc.). O Josetti deu-me conta de tudo quanto fez nestes dias, inclusive das conversações com o embaixador português Martinho Nobre de Mello e com os diretores da Comp. de Navegação, em cujo navio vamos. Foi o Josetti com o Albuquerque que compraram, ajudando Antonieta e Carmela, todas as coisas de que necessitávamos. Recebi inúmeros presentes de objetos de uso. Enunciarei em anotações a este "diário" todas essas ofertas. A Nilza, enquanto eu conversava com os homens, foi com Carmela e minha sogra para o nosso quarto. O poeta Silvestre está imensamente comovido e pede-me umas linhas de despedidas ao Cap. Jayme, ao gen. Jorge Pinheiro e outros. Atendo, lembrando-me cheio de saudade daqueles companheiros.

A barca parte levando Carmela, minha sogra, Nilza, Josetti, Delamare e Silvestre. Ficou o Brisola, com quem conversei bastante.

Numa lancha especial chegaram minha filha Maria Amélia, meu genro Loureiro, minha irmã Irene, meu irmão Pompeu, minha irmã Antonieta e meu cunhado Juca e o Zequinha Rangel, pai do meu cunhado. Chegou também, com eles, D. Marina Padilha. Que alegria! Que vibrante alegria! Abraço um a um dos entes queridos. Levo-os para o quarto. Expandimo-nos em notícias: as que me trazem, as que lhes dou.

Loureiro entrega-me dois cheques da Banca Commerciale, resultado do rateio feito por três grupos de integralistas; é o dinheiro com que iremos nos agüentar no exílio. Tudo rejeitei do governo, que me ofereceu a quantia que eu quisesse. Preferi utilizar-me do obséquio de amigos particulares. Só aceitei do governo as passagens, isso com fim de ficar demonstrado a todo o tempo que fui deportado e que não fiz viagem de recreio numa ocasião em que há tantos integralistas presos e famílias sofrendo privações. Quero também evitar explorações políticas, calúnias, como as que dizem de minhas relações com o Vaticano, a Alemanha e a Itália. Ficará patente e provado que viajei com passagem paga pelo governo brasileiro, que me exilou. Loureiro traz-me os cumprimentos e as palavras cordiais do Chefe de Polícia de S. Paulo e seu Secretário, Joaquim Secco, que é um amigo. Este manda me informar que os meus inimigos pensam em lançar um manifesto apócrifo em meu nome, a fim de que haja pretexto para se perseguir os Integralistas. Sento-me à máquina e faço uma carta ao Joaquim Secco, tirando cópias para serem amplamente distribuídas após minha partida. Recebo os recados do Dr. Alfredo Egídio, meu grande e particular amigo, e as informações que Loureiro me dá do Graciotti, Calu, Stela, e outros. Antes de entrarmos nas conversações familiares, convido a todos para um ligeiro giro enquanto os oficiais almoçam. O Pascoal, que veio junto com a turma querida, trouxe comestíveis: frangos, empadas, sanduíches; janto sardinhas e patê. Vamos agora para a sala de jantar do cassino. Sentam-se à mesa: eu, minha filha, meu genro, meu sogro, meus irmãos Irene, Pompeu, Antonieta, meu

cunhado Pascoal, o Brisola, o Zequinha Rangel. D. Marina Padilha e meu cunhado Juca. Somos doze, conforme observo. O almoço decorre alegremente porque ninguém pensa na partida, que será amanhã, e todos se regozijam por estarem juntos de mim. Carmela e minha sogra estão na cidade, fazendo os nossos últimos preparativos.

Mostro-lhes as passagens que o funcionário da polícia me entregou: custaram 8:934$800; o camarote é o número um. Meus passaportes serão entregues amanhã, na hora do embarque.

Ignoramos como será o embarque e a que horas. Consta que será amanhã à tarde e que irei da Fortaleza para o navio, na hora exata da partida. O ministro da Guerra disse ao General Rego Barros que o Governo teme as manifestações populares que por certo eu terei se o embarque for livre, no Cais. A mesma coisa disse o Chefe de Polícia ao Machado Florence. Pelo que vejo o Governo está convencido de que sou hoje o homem mais querido do povo brasileiro e que minha simples presença desperta entusiasmos que podem ser perigosos. Até agora, entretanto, não tive nenhuma comunicação e nem pergunto coisa alguma.

Ao terminar o almoço, o Cel. Timóteo, o excelente comandante da fortaleza, conduz-nos a todos para visitarmos as construções seculares de Stª Cruz. Eu, que já conheço bem tudo isto, vou mostrando à minha filha, meus irmãos, genro e cunhados, as arcarias, as casamatas, os pátios, as prisões, as lindas paisagens que do alto Forte se descortinam.

Após o passeio com o Coronel, vamos à igrejinha, onde encontramos a esposa do Major sub-comandante preparando os altares para a missa de amanhã; a missa da despedida. Voltamos agora ao cassino. Converso com o Brisola. Depois inicio minhas conversas e recomendações à família, um por um: Irene, Pompeu, Antonieta e Juquinha, e meus filhos Maria Amélia e Juca. Para cada um, tenho assuntos especiais. Deixo todos bem orientados. Combino que, após a partida da lancha das quatro horas, que deve trazer muitas visitas que terei de atender, continuaremos à vontade nossas conversações familiares. E ficamos, assim, em conjunto, todos entregues ao prazer de estarem em minha companhia, à véspera da minha partida.

A lancha da tarde traz o Machado Florence, o Albuquerque, a Carmela com a sua mãe. Dou minhas últimas recomendações ao Albuquerque e ao Machado, a respeito do Integralismo, na minha ausência. A "A.I.B." fica perfeitamente estruturada e funcionando em sigilo. Assim é preciso, por todos os motivos. O país se encontra em plena fermentação. Alastra-se a conspiração dos liberais, fervilham as conspiratas no Exército; dentro do próprio Governo há descontentes, que manobram às claras, como o Ministro do Exterior, o Oswaldo; os comunistas prosseguem na sua articulação subterrânea; tudo prenuncia acontecimentos futuros e surpresas incalculáveis. Em face de tudo isso, é preciso que os Integralistas, que são em número de um milhão, estejam alerta, embora em atitude de ordem e calma. Até mesmo para não se deixarem envolver pelas surpresas de situações imprevistas.

O Presidente-ditador e o Ministro da Guerra estão completamente enganados quando pensam que o Integralismo deixará de existir sem a minha presença. Hoje, nem que eu quisesse, jamais conseguiria acabar com o Integralismo. Quanto à chefia, os Integralistas foram educados em hábito de hierarquia e disciplina, de tal modo que, havendo Províncias onde nunca fui, o movimento nelas era e é formidável. Além disso, para manter a articulação, há uma doutrina que forma a consciência da massa e uma regra de vida e de ação que, em seis anos, se tornou uma segunda natureza. Determinei que o serviço de assistência às famílias de presos e assassinados políticos fosse executada com eficiência em todo o país. Deixei nomeados os chefes provinciais em todas as Províncias. Nomeei uma grande comissão no Rio, para resolver os casos importantes e tracei uma orientação política segura. Transmiti agora ao Albuquerque e ao Machado minhas últimas recomendações ao Brisola, ao Brito, ao Josetti, a D. Irene, ao Padilha, ao Lanari, ao Delamare, ao Contrucci, ao Conrado, ao Maurílio, ao M. Souza Dantas, ao Rocha Vaz, ao Carvalhinho, ao Lemos Bastos, ao Meggiolaro, ao Greve, ao Jayme, ao Belizário Penna, ao Paulo Lopes, ao J. Carlos, ao Mario Cabral, ao A. Pompeu de Camargo, ao Marcel, ao Toscano, ao Custódio, ao Queiroz Ribeiro, e a tantos outros.

As quatro horas partem Machado, Albuquerque, Brisola, Pascoal, Juquinha meu cunhado, o Zequinha, pai dele, meu irmão Pompeu. Voltarão amanhã cedo e passarão conosco até a hora do embarque, que ignoramos qual seja.

Estamos agora em família, excetuando aqueles que foram pernoitar na cidade. Horas felizes e amargas ao mesmo tempo.

A idéia de que amanhã partiremos, e que todos estes corações sofrerão por nós, pungem a mim e à minha mulher. Vejo minha irmã Irene em tratamento de uma moléstia grave. Será que vai ficar boa com as aplicações do Raio X? Ela tem que ir para tão longe, para o sertão, fazer companhia ao Henrique. Vejo minha filha sem mim, sem Irene, sem Carmela, sem D. Umbelina que está no Rio e é tão ocupada, mas em todo o caso seria uma sombra algo maternal, sozinha com o marido em S. Paulo. Imagino as horas silenciosas no apartamento dela, quando o Juca for ao trabalho ... Pobre de minha filha!

Desde pequenina, foi privada de todos os que lhe dedicavam afeto: perdeu a mãe aos dezesseis dias; perdeu a avó paterna, que a idolatrava; o pai, sempre levado pelas ondas de um destino tão agitado, nunca pôde lhe dar uma assistência de afeto contínuo; a tia, com novos encargos de criação de outros sobrinhos, teve de separar-se dela. É preciso que ela seja feliz com o marido e que ambos saibam extrair das fontes inexauríveis da juventude os motivos da felicidade. Passo a tarde palestrando com todos. Ao jantar, sentamo-nos todos à mesa do cassino. O Comandante, gentilmente, mandou fornecer jantar à minha família. Após o jantar, enquanto minha mulher e minha filha vão visitar a senhora do General Castro Junior, e minhas irmãs e minha sogra entregam-se à palestra no pátio com as senhoras dos oficiais, eu conferencio longamente com meu genro sobre negócios particulares. Vamos depois ao quarto, onde redijo e escrevo de próprio punho uma procuração **ad negotia e ad justitia**, com amplos poderes, para que ele me represente na minha ausência. Encarrego-o de assinar, em meu nome, o contrato com o Ruy para a publicação, mediante assinaturas, da "Vida de Jesus", cujos originais enviarei em outubro. Escrevo ao Ruy uma carta que Loureiro reputa a mais expressiva de todas as que escrevi. Real-

mente, na hora do exílio, reconheço no Ruy um amigo particular, e a ele me dirijo sem rebuços, não como um Super-Homem (conforme tantos me consideram), mas como um homem de carne e osso. Estou terminando minha conferência com o Loureiro, quando chegam minha mulher e minha filha. Coitada de minha filha! Ainda não pôde conversar bastante com o pai e está triste por isso. Termino meu serviço com o Juca e agora palestro um pouco com minha filha. Chegam depois minhas irmãs, minha sogra, meu sogro, minha mulher. Conversamos bastante.

É às onze horas que todos nos separamos para dormir; meus sogros em casa do Cap. Hermes; minha filha, meu genro e minhas irmãs, no Cassino.

Deus sabe como está meu coração.

21 de junho de 1939 (quarta-feira)

Vai ser hoje a partida. O sino da igrejinha de Santa Bárbara canta no alto da Fortaleza. A lancha apita no mar.

Eu e minha mulher erguemo-nos. Meus sogros já estão vestidos, no corredor de nosso quarto. Momentos depois, beijo minha filha. Minhas irmãs se aproximam.

Vibra a corneta anunciando o desembarque. Apontam, no portão, os primeiros passageiros, com os oficiais do Forte. É o Delamare e um Padre. Desço a pequena ladeira que eles sobem apressadamente. O Delamare apresenta-me o jesuíta e pede-me para apressar a confissão que eu pedi, porque estão desembarcando da lancha talvez umas cem pessoas para se despedirem de mim. Corremos ao quarto. Ajoelho-me. É uma confissão sem grande preparo mental, porém com um duro preparo sentimental, porque estou sofrendo muito. Minha mulher confessa-se nesse mesmo momento com o Padre Cotias, que é integralista. Saio agora para o pátio. Quanta gente! Além dos irmãos: Pompeu, Pascoal, Antonieta, e Juquinha vieram D. Maria Teles, D. Naná Rego, a Nilza, a Hilda, D. Esther de Mello, D. Marina Padilha, D. Camila Silva Telles, D. Odette Nuno, D. Gaby Pereira, D. Gilda Barbosa, D. Alba Josetti, D. Vanjú, D. Grasiela, D. Maria Moraes, tantas, tantas, senhoras e moças que só mais tarde poderei reconstituir a lista! E amigos: o Machado, o Hasslocker, o Maurício Silva Teles, o Maurílio, o Fajardo, o Agnelo, o Gaston, enfim, muitas dezenas. O comandante da Fortaleza dera ordem para deixar entrar todos que aparecessem.

O sino da igrejinha anuncia a missa. Subimos à colina. Entramos na pequena nave secular. Começa a missa. Alguém senta-se ao harmonium. Uma onda de sonoridades

místicas enche o minúsculo templo. Atrás de mim, escuto soluços abafados. Como poderei descrever o que se passou em meu cérebro naqueles momentos? Uma imensa dor invadiu-me. Lembrei-me de um milhão de corações que pensavam em mim naquele dia; lembrei-me dos companheiros que estão presos em Fernando de Noronha; lembrei-me de suas famílias; lembrei-me um por um dos meus; senti que a Pátria era constituída por esses laços, sem os quais ela não tinha razão de ser. Meu pensamento se debatia como asas diante de Deus. Não pude resistir às lágrimas que enchiam meus olhos. Atrás de mim, minha filha devia estar chorando. Ofereci a Deus todos os meus sofrimentos pela salvação do Brasil. Chegou a hora da comunhão. Eu e minha mulher ajoelhamo-nos diante do altar, e recebemos em nosso coração a Vida e a Luz eterna, no milagre sempre renovado do Verbo que se fez carne e habitou entre nós. Alguns companheiros e o Delamare também comungaram. Dali por diante, uma misteriosa alegria, uma força nova cresceu dentro do meu ser. Ouvi, com grande entusiasmo, o início do Evangelho segundo João, que é o trecho para mim predileto dos textos sagrados. E a missa terminou.

Cumprimentamos na Sacristia ao Padre Jesuíta e ao Padre Cotias, que vai rezar outra missa agora. Saio para o pátio ensolarado. Um maravilhoso céu azul se desdobra sobre a Fortaleza e as montanhas fronteiras. O mar fulgura. Encontro, fardado em uniforme de parada, o Cel Timóteo, Comandante do Forte. Está enxugando os olhos. Dizem-me ao ouvido que ele chorou durante a missa. Ele não é apenas um dos oficiai mais valentes e competentes do Exército; é também um grande e nobre coração.

Descemos para o Cassino, para o café. Sentam-se comigo o Padre Jesuita, o Delamare e minhas irmãs. Carmela e Maria ficaram ouvindo a segunda missa.

O Padre confessa-nos que nunca rezou uma missa com tão grande emoção. E diz-me: "Hei de celebrar a missa do seu regresso!" Ele está convencido de minha vitória.

Após o café, escrevo bilhetes e ponho autógrafos em retratos e cartões, a pedido das senhoras e amigos presentes. Gasto longo tempo nesse serviço.

Chega a hora da partida da lancha. As despedidas são pungentes. O pranto é geral. Acompanho a todos até ao portão da Fortaleza.

Ficam apenas os que têm a lancha especial à tarde. E ficam todos da nossa família. Converso longamente com meu irmão Pompeu sobre a vida dele; dou-lhe conselhos e orientação. Ele me conta que nosso primo Tiãozinho ofereceu-lhe abono para efetuar compras mensais em drogarias onde Tãozinho tem crédito e ele, Pompeu, fará pagamento trimestral. De minha parte, autorizei o Loureiro a custear o transporte das drogas e armação de Pompeu, assim como pagamento de impostos, devendo tudo ficar em dez contos, que o Pompeu pagará em prestações, a partir de um ano; o Loureiro endossará o título sob minha responsabilidade. Escrevi uma cartinha à minha cunhada Amália lembrando-lhe que de uma esposa depende muito o destino do marido. Tenho imensa pena do Pompeu, que é o mais pobre, o mais humilde dos irmãos. Converso em seguida com Irene, sobre o tratamento dela, exigindo que ela o siga à risca. Dei-lhe também uma carta para entregar pessoalmente ao Mário Cabral, sob cuja proteção e amparo coloquei-a, assim como a carreira do Henrique. Mandei uma carta ao Henrique, estimulando-o no trabalho e animando-o com esperanças. Fiquei satisfeito em saber que Antonieta e Juquinha vão pobremente, mas bem, nada lhes faltando e sendo estimados na Fábrica de Canos onde ele trabalha. Depois de conversar com meus irmãos, estive longo tempo agradando minha filha. No quarto de dormir improvisado no Cassino, conversei muito com ela e disse-lhe da possibilidade dela visitar-me no ano próximo em Portugal, caso eu ainda esteja por lá. É que há uma redução de 75% nas passagens, por causa do Centenário Português. Prometi a ela que pagarei a passagem, que ficará em quatro contos e pouco, se o Juca conseguir com o trabalho dele e as economias dela, até o fim do ano, a quantia necessária, que será mínima, pois se demorarão apenas uns 20 dias. O entusiasmo dela foi grande e isso me deu muita alegria, pois será um consolo que a alimentará na minha ausência. Não pude prometer mais a ela, porque senão o Juca não aceitava, ele é muito sensível em assuntos financeiros e eu não penso contrariá-lo, porque acho isso

uma virtude dele e desejo que seja mesmo assim: altivo e independente. Minha filha está contentíssima com a perspectiva dessa hipótese e disse que vai juntar dinheiro desde já, inclusive o que Carmela lhe deu hoje. Realmente, Carmela deu a Maria um conto de réis em moeda brasileira, que nos sobrava, pois no exterior o dinheiro não se pode trocar em boas condições. Isso alegrou minha filha, que terá um começo de economias este ano para a viagem em perspectiva. Chamo Loureiro ao quarto, para trocarmos idéias sobre essa visita dele e de Maria a mim, e ele me diz que é bem possível que o Dr. Alfredo lhe facilite esse desejo.

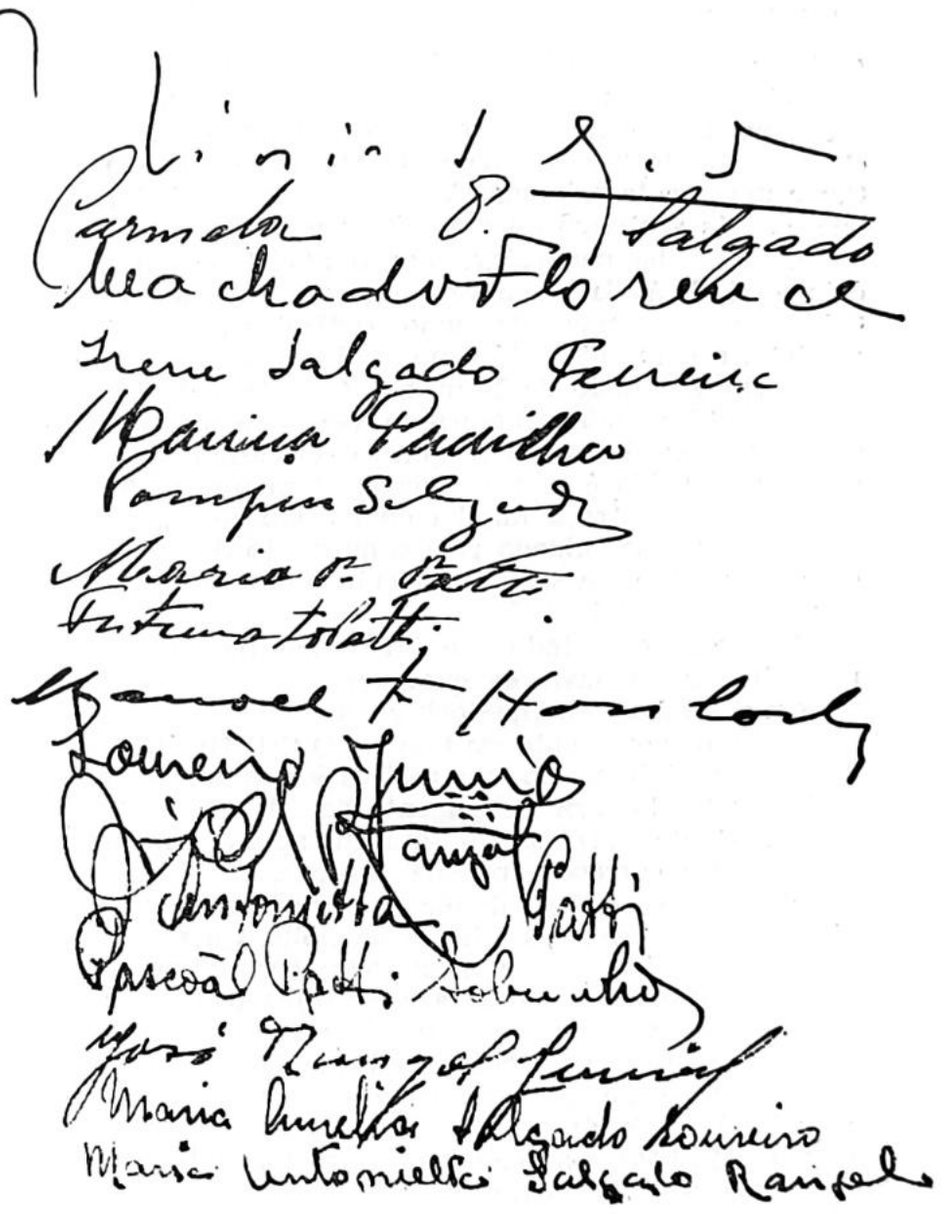
Antes do almoço faço dedicatórias em cópias do "poema" e em fotografias para todos da família. Mando pela Irene, ao Henrique, uma ampliação com uma saudosa dedicatória, por ser ele ausente.

Almoçamos um pouco da comida que o Cassino nos ofereceu, reforçada pelos comestíveis que o Pascoal trouxe. Sentam-se à mesa: eu, Carmela, Irene, Pompeu, minha sogra, meu sogro, meus cunhados Pascoal, Juquinha, Antonieta, minha irmã Antonieta, D. Marina Padilha, Zequinha Rangel, Machado Florence, Hasslocker e, na cabeceira fronteira, em frente a mim, minha filha e meu genro. O almoço decorre alegremente; todos parecem esquecidos de que nos separaremos dentro de horas.

Meu coração aperta-se. Talvez que todos os corações estejam do mesmo modo. As fisionomias procuram iludir.

Após o almoço, conversamos nas salas do Cassino. Vieram a senhora do Major Daemon, a quem agradeço a missa que promoveu, e a cunhada do Cap Hermes. Eu me vou dividindo, ora numa sala, ora noutra. Carmela tira umas fotografias: eu e minha filha; eu, minha filha e meu genro; eu e grupos de família. Juquinha e Pompeu deram-me suas fotografias. Coitado do Pompeu, tirou um santinho, uma medalinha de N. S. que usa desde que esteve preso, e me ofertou; dei-lhe em troca um Divino, para que se lembre de mim e tenha boas imaginações.

Continuamos a palestrar em família, até a hora em que chega a barca da tarde. Vieram nela o Agnelo, D. Odete Nuno, D. Gilda e D. Gaby, o Cap. Jayme Ferreira da Silva



Assinaturas do almoço de despedida na Fortaleza de Santa Cruz, em 21-6-1939, quando, além dos membros da família de Plínio Salgado, somente três amigos puderam participar, por terem obtido licenças especiais, devido à proibição de visitas.

e senhora. Vieram ainda novamente D. Maria Teles, a Nilza, a Hilda, a Cléa, a anciã de Entre Rios, D. Camila e Dr. Maurício, a viúva do Aurélio Bulhões Pedreira, D. Maria A. Avelar, numerosas outras senhoras e moças. O tempo corre rapidamente. É hora da partida da barca. A despedida é comovente. Ficam para ir na lancha dos oficiais o Machado, o Hasslocker, o Agnelo, D. Odete, D. Gilda e D. Gaby. Corre novamente o tempo. A despedida agora é dura, porque as três senhoras queriam ficar mais um pouco, para ir numa lancha particular, mas o oficial de dia diz que é impossível. As três senhoras choram, principalmente D. Gilda, que me comove de modo particular porque é muito mocinha e o marido está cumprindo dois anos de condenação em Fernando de Noronha. As outras duas, os maridos também estão cumprindo penas, e maiores, como dignos oficiais de marinha, que se rebelaram contra a tirania; mas Gilda é a mais criança, tem um ar de minha filha, e luta contra a família do marido com quem mora e que a acusa de culpada pela condenação do esposo. Imagino o que ela deve sofrer e calculo o que represento para ela: quase um pai.

Despeço-me de todos. As três magníficas integralistas prometem ir ao navio de qualquer forma. O mesmo prometem o Machado, o Hasslocker e o Agnelo.

Ficamos novamente em família. O Cel. Timóteo, comandante da Fortaleza, não quis assistir à minha saída e, como está transferido para o regimento de artilharia de Stª Maria (R. G. do Sul), partiu também agora. Abraçou-me e subiu quase correndo, porque chorava.

O Major e o oficial de dia me informaram que o vapor só entrará no Forte às 8 horas da noite. Quer dizer que a partida será só depois de meia-noite. Aproveitamos os últimos momentos para gozar a companhia dos nossos. Conversamos no salão do Cassino. Vamos jantar. O jantar já não tem a alegria do almoço. Todos estão disfarçando, mas os corações estão fechados. Uma ansiedade me constringe o peito. Da sala de jantar vamos para o salão. Saio um pouco para conversar com o Juquinha e Antonieta. Nesse momento, o Loureiro vem ponderar-me sobre a conveniência de irem-se todos às 10 ou 11 horas porque, tendo eu de sair depois da meia-noite, ficam arriscados a pernoitar

na Fortaleza sem saberem como seriam tratados na minha ausência. Eu também concordo porque me aflige pensar que, partindo, deixo todos na Fortaleza em situação incerta, sendo de notar que está ventando e o mar pode ficar ruim. Desejo, entretanto, prolongar mais um pouco a permanência dos nossos, marcando a partida deles para as onze. Mas o oficial de dia nos diz que o portão da Fortaleza fecha-se às dez horas. Noto que o Major sub-comandante e o oficial de dia manifestam nas fisionomias o desejo de que todos partam às dez. Loureiro me observa que há mais um inconveniente em ficarem: é que a polícia deverá vir buscar-me para levar-me ao navio e pode querer revistar as maletas de todos. Assim, marca-se para as dez a partida. Que momentos angustiosos para mim! Como meu coração me dói! Abraço minha filha enternecidamente; agrado meus irmãos, meus sogros e cunhados, converso ainda com meu genro.

A corneta da fortaleza vai tocar o silêncio. Faltam cinco minutos para as dez. É hora da despedida.

Acompanhamos todos até a ponte de atracação. Começam os abraços e as lágrimas. Todos choram. Minha filha soluça no meu ombro; minha irmã Irene nos ombros de Carmela. Agora vejo os pais de Carmela chorando. Impressionam-me as lágrimas do Sr. Fortunato. O pranto é geral e contagioso. Choram minha irmã Antonieta, minha cunhada Antonieta, meu cunhado Pascoal, D. Marina Padilha; os mais fortes: Pompeu, Juquinha, Zequinha, estão fortemente comovidos. O meu genro tem uma palidez e uma fisionomia impressionante. Abraçado à minha filha, que está em prantos, digo a ela: "Não chore, minha filha, porque você é minha filha". Abraço-a muito e beijo-a. Volto-me ao Loureiro e digo-lhe: "Olhe bem por minha filha". Digo a Irene: "Faça um bom tratamento e fique boa". Acrescento à minha filha: "Escreva-me logo que chegue a S. Paulo, porque quero encontrar notícias logo que desembarque em Portugal". Torno a abraçar a todos, um por um. Ao abraçar novamente o Loureiro, digo-lhe: "Então, passo-lhe as responsabilidades de família; fique como chefe". Digo ao Sr. Fortunato e a D. Maria: "Tranqüilizem-se a respeito de Carmela; velarei por ela e tudo correrá bem." Repito recomendações à minha irmã Antonieta e meu cunha-

do Juquinha e D. Marina e ao Sr. Zequinha. Falo à Irene: "Diga ao Henrique que fui com muita saudade dele". Ao Pompeu: "Lembranças à Amália e seja muito feliz com o Martim". Carmela vai também falando aos seus e a outros. O pranto é geral. Abraço novamente, demoradamente, minha filha. Beijo-a.

Entram todos na lancha. Digo à minha cunhada Antonieta: "Obrigado por tudo que fez por nós". Ela responde chorando. O Pascoal ainda volta em pranto e eu pego na mão tão amiga.

Agora todos estão na lancha que vai cheia de soluços.

"Adeus, minha filha, meus irmãos, meus sogros e cunhados, meu genro e meu amigo!"

"Adeus!", diz Carmela.

"Adeus!", respondem de dentro da lancha já em movimento.

Vemos o perfil da lancha afastar-se. Agora só divisamos uma luzinha. Em redor de nós, estão o Major sub-comandante, o oficial de dia, Ten. Castelo Branco, o Cap. Hermes com sua família, e D. Cecília, a senhora do Major, que chora, o Tenente Hely e o Cap. Gumercindo. Voltamos em silêncio. Subimos a ladeira, depois a rua que dá para o pátio, em silêncio.

Não derramei uma só lágrima, porém meu peito está em ponto de arrebentar. Minhas orelhas estão rubras. Minha garganta seca. Sofro horrivelmente.

Chegamos ao pátio da Fortaleza. Digo ao Major: — É bom que eu passe por todos esses sofrimentos: eles me lembrarão sempre que tenho um dever para com a Pátria. Não tenho o direito de chorar, quando há viúvas e órfãos de companheiros assassinados pela Tirania e centenas de famílias com os seus chefes encarcerados. Tudo isto é providencial para que eu nunca me esqueça. As lágrimas de minha filha me conservarão sempre alerta.

A D. Cecília digo: — Deus lhe pague o conforto moral que me deu esta manhã, promovendo aquela missa; um dia isso lhe valerá, não tanto neste, mas num mundo melhor.

Agradeço ao Cap. Gumercindo e ao Tenente Hely todas as bondades que me dispensaram.

Despedimo-nos. Todos partem para suas casas. Eu e Carmela vamos para o nosso quarto. Como é desolador o

aspecto deste aposento, há poucas horas regorjitante de entes queridos! As maletas estão fechadas. Nem tinta, nem papel existe. O quarto dá agora, com todas as coisas dentro das malas, a impressão de um quarto de doente que saiu do hospital, para o cemitério, ou para o lar feliz. Todos aqueles objetos que eu estava habituado a ver: livros, escovas, pentes, navalhas, pratos com doces, roupas penduradas, todos desapareceram nas malas. Restam as paredes nuas, o guarda-roupa vazio, a mesa vazia, o criado-mudo vazio. Só a cama está ali arrumada, para a última noite na Fortaleza. Mas, poderemos dormir? A que horas a polícia virá buscar-nos para o embarque? E, mesmo que se saiba a hora, como poderei dormir, com a alma inquieta e o coração amargurado? Carmela deita-se, exausta por tantas vibrações nervosas. Eu resolvo ir até o Cassino, tomar um café e despedir-me dos copeiros. O vento sacode as amendoeiras no pátio do Forte. Nem viva alma por aqui. Atravesso até ao Cassino. Uma sentinela está à esquina. O Cassino está ermo. Encontro o Egberto na cozinha. Ele me serve o café, enche a moringa d'água para levar para Carmela. Deixo pelo Egberto minhas lembranças ao Machado e ao outro rapaz que nos servia. Volto para o quarto, atravessando, de novo, o pátio. Quem diria que estes lugares estiveram tão cheios de gente desde manhã cedinho e, através do dia, até a noite? O silêncio é profundo nas trevas da noite. Cada recanto lembra uma pessoa querida, uma frase, um gesto. Todos os pormenores do dia e da noite crescem no meu pensamento. Uma angústia imensa se apodera de mim. E, sintetizando todas as lembranças do dia e toda a minha saudade dos meus, dos integralistas, da Pátria, avulta o meu afeto por minha filha. Resolvo escrever-lhe. A carta irá pelo correio-aéreo e ela a encontrará quando chegar a S. Paulo. Quero exprimir à minha filha a minha dor nesta noite. Quero descrever-lhe este silêncio soturno da Fortaleza na véspera do meu exílio. Aqui, nestes pátios, passei noites tranqüilas a conversar com o Cel. Timóteo, com o oficial de dia. Minha mulher, carinhosa e dedicada, fazia-me companhia. Pensávamos nos nossos, mas cheios de esperanças porque iríamos revê-los. Aquelas noites eram calmas e serenas. Íamos para o quarto, onde passávamos à máquina o "Poema da Fortaleza de Stª Cruz".

Orávamos e dormíamos. Agora, isto tudo está deserto, silencioso, fúnebre! O Cel. foi-se embora; o oficial de dia não está aqui; o Major subiu para sua casa na aldeia. A Fortaleza está escura. Não há luar e as nuvens cobriam as estrelas. Sopra um vento rítmico, sacudindo de vez em quando as árvores. Vou para o quarto. O brado de "sentinela alerta" está hoje mais espaçado. Por que será? Por quê razão tudo se conjugou para que haja este silêncio solene? Arranco uma folha branca do livro "Cristo e Cezar" de O. Faria e escrevo nele uma carta à minha filha. É uma carta cheia de dor, registrando minhas últimas horas na Fortaleza. A carta foi como um desabafo. Aliviou-me. Recosto-me agora na cama onde Carmela dorme. Ergo meu pensamento a Deus e o sono cobre meu corpo cansado de vibrar e sofrer.

Irene, Pompeu, que nada dá!

Fortaleza de Sta Cruz, 21-6-1939

(onze e meia da noite)

(Juca! Olhe bem por minha filha!)

Esta-mos se-hindo do Forte as 5 e 1/4 da manhã

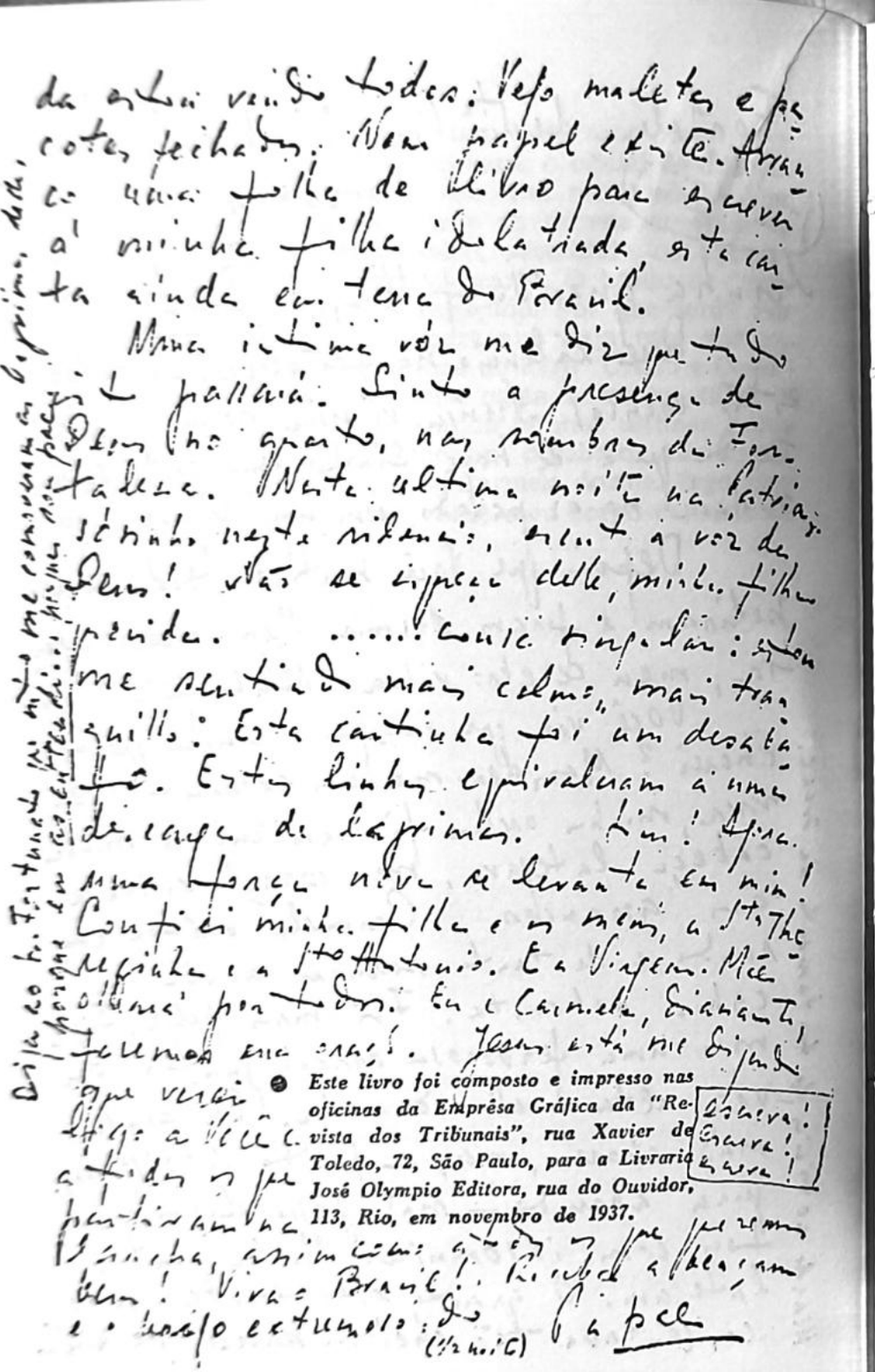
Minha querida filha,

Que silencio na fortaleza! Os pateos estão escuros. Nunca vi uma noite mais triste do que a de hoje. Sinto uma certa solennidade no ar parado, sem um rumor.

Depois que Vocês partiram, todos se despediram e foram dormir. Meu coração aperta, meu cerebro vibra. Minha filha!

Você viu que eu fui o unico que não chorei? Mas, deu-me um exquisito tremor, minhas orelhas ficaram rubras, minha cabeça latejava, meu coração vibrava aos arrancos. Carmela voltou chorando e de tanto soluçar acaba de cahir exhausta. Foi mais feliz. Fizemos uma fervorosa oração juntos, em vóz alta e ella dormiu. Eu ainda não chorei, mas — facto rarissimo, mais absurdo — não posso dormir: estou com insomnia. Minhas fontes latejam. O quarto está triste; ha pouco, estava tão cheio... parece que ain-

Mande noticias do tratamento da Irene.



● *Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Emprêsa Gráfica da "Revista dos Tribunais", rua Xavier de Toledo, 72, São Paulo, para a Livraria José Olympio Editora, rua do Ouvidor, 113, Rio, em novembro de 1937.*

22 de junho de 1939 (quinta-feira)

Acordam-nos às 5 horas da madrugada. Vamos ao Cassino, onde encontramos cinco policiais. Entregam-me os passaportes. Tomamos um café. Em companhia do Major, do oficial de dia e do Sub-Tenente Francelino e do Egberto, que leva nossas malas, vamos para a ponte de atracação. Entrego ao Major a carta para minha filha e ele promete enviá-la. Despedimo-nos. Noto que o Major está com um pouco de medo dos policiais. Tristes tempos!

Eu e minha mulher entramos na lancha, que se põe em movimento. Fico olhando para trás a ver a Fortaleza. O dia vem rompendo e o perfil ensombrado do Forte se destaca.

— Mais uma página da sua vida! — diz-me amavelmente o chefe dos policiais.

— Tenho amor a esta Fortaleza! — respondo continuando a olhar para os muros sombrios.

Chegamos ao cais Mauá! O Hasslocker está do lado de fora da grade. Despedimo-nos dele. Está comovido. Subimos ao vapor. Com surpresa, encontramos ali D. Odete, D. Gaby, D. Gilda (três heroínas), o Agnelo, o Maurílio, o Lanari, o Mayrinck, o Freitas Henrique. Passaram a noite no navio para me ver. Conversamos durante meia hora; faço recomendações. Aproxima-se a hora da partida. Abraçamo-nos e despedimo-nos. Saímos agora à amurada. Lá estão os nossos amigos. Vieram juntar-se a eles, no cais, o Brisola, o Conrado, o Paulo Lomba, o Ary, o Hermes, e mais uns vinte companheiros. Vemos, de repente, meu sogro e meu cunhado Pascoal. O cais está repleto de policiais. A Praça Mauá idem. Há policiais no navio. Há lanchas cheias de policiais. Ficamos acenando, acenando... O navio desatra-

ca, desloca-se, afasta-se. Acenamos! Acenamos! O pobre do Hasslocker, do lado de fora, além da grade, acena, acena! Uma lancha aproxima-se com acenos vibrantes. É o Nelson Aguiar e senhora, a irmã do Nelson e D. Irene Freitas Henriques. Correspondemos aos gestos de despedida. Uma lancha da polícia corre e faz a lancha de nossos amigos voltar. Novo abanar de lenços, novos adeuses. Agora, os que estavam no cais nós quase não os divisamos. Tiro meu lenço grande, azul e branco, e o desfraldo. Vejo, lá longe, lenços vibrando. O navio prossegue...

Armazéns, navios, couraçados, barcos, lanchas, botes, os arranha-céus ao longe, os morros cobertos de matos.

O Flamengo... O Pão de Açúcar, o Corcovado, a Urca... o Forte São João, a Lage... Corremos para o outro lado do tombadilho. Estamos em frente à Fortaleza de Stª Cruz. Há vultos nas amuradas. São oito horas da manhã. Resplandece o sol. Do outro lado, Copacabana, o Leme. Além, a ilha Rasa, o Imbuí, Niterói. A terra dos órgãos diafana. O navio está transpondo a barra, levando-nos para o exílio. Por coincidência, na Fortaleza de Stª Cruz, está sendo hasteada a Bandeira Nacional. Escutamos os rumores da marcha batida.

Em todas as fortalezas, em todos os quartéis e navios, nesta hora regulamentar, estão sendo hasteadas as bandeiras!

É a Pátria que acena os pavilhões sagrados para se despedir de mim, como a me dizer: — Até breve!

Ergo o meu braço para a grande Nação, que me ama e me espera!

PLÍNIO SALGADO

Começado na Fortaleza de Stª Cruz,
e terminado a bordo do navio "General Artigas".

Diário de Bordo

22 de junho de 1939 (quinta-feira)

Após vermos a Fortaleza de Santa Cruz e demorarmos nossa vista nos últimos aspectos da terra, fomos ao salão onde tomamos café e recebemos várias cartas, presentes e telegramas que nos deixaram no navio, entre os quais uma caixa de flores do Adolfo Lopes e Sra. e um pacote de terra do Brasil.

Examinamos as malas e nos enternecemos com os presentes dos Integralistas, sempre tão solícitos e amáveis. Fizemos "toilette" para o almoço. Boa comida. Depois passeamos pelo vapor. Observamos os passageiros. Em frente à nossa cabine há um casal de portugueses velhos que nos cumprimenta com simpatia.

À tarde, começamos a ler no livro de Essad Bey, "Nicolau 2.º".

À noite passeamos pelo tombadilho. Dormimos cedo.

23-6-39 (sexta-feira)

Começa a vida monótona de bordo. De manhã, a oração, o café, os passeios, as leituras. Uma corneta anuncia as refeições. Depois do almoço, passeamos. Troquei 300$ brasileiros por 27 marcos alemães, porém, não marcos e sim vales de bordo, porque dinheiro alemão não sai da Alemanha.

Travamos conhecimento com a Sra. do Isaias Alves, que vai para a Bahia, onde o marido é Secretário do Interior e com duas primas suas que nos tiram fotografias. Palestramos, também, com o casal de portugueses, Sr. Reis e D. Castorina e com o Dr. Alcides Torres. Descansamos à tarde. Após o jantar, o passeio habitual pelo tombadilho.

24-6-39 (sábado)

Vamos chegar à Bahia. Como nos receberá a Polícia? Que ordens terá do Rio?

Avistamos o farol às 3½ da tarde. Vemos Amaralina e um trecho de São Salvador. A tarde está maravilhosa. O ar fino, diáfano, sobre as montanhas muito baixas, pouco acima da linha do horizonte das águas. Todo o céu com flocos de nuvens, se veste de rosa e de púrpura, resplandecendo num cenário de apoteose.

Contemplo longamente, silenciosamente, a terra baiana. Uma íntima emoção me invade. Sinto que um esquisito afeto me prende à Bahia. Na amurada, perto de mim e de minha mulher estão D. Amélia, suas duas primas e o Dr. Alcides Torres. Digo-lhes:

— A Bahia foi a primeira província que visitei quando vim do Sul, em 1933, pregando o Integralismo, e está sendo a última província que vejo, ao partir para o exílio.

Nesse momento reparamos a paisagem apoteótica da terra, do mar e do céu. O navio estava bem fronteiro à cidade.

O mar desdobrava-se num azul translúcido até à escarpa verde, de um verde vivo e cintilante, como um pedestal de pórfiro e esmeralda sustentando as silhuetas dos prédios e os perfis imponentes das torres de igrejas. O cenário majestoso destacava-se num céu de porcelana, esmaltado de tintas que iam desde o escarlate vivo da orla do horizonte, até aos tons de romã, de cereja, de rosa, de jasmim, esbatidos nos cúmulos de arminho, nas sedas e plumas claras dos estratos e nas gazes dos cirrus esgarçados que esvoaçavam no azul transparente. Os últimos raios do sol põem reflexos de ouro no alto da tela maravilhosa e, súbito, meu olhar se detém num símbolo grandioso.

— Vejam aquelas nuvens! — exclamo. Todos fixam o quadro que domina o panorama da cidade, recortada no fundo opulento do céu, sobre o azul encrespado do mar.

As nuvens formam um sigma alado, nítido em seus contornos, pousando sobre duas grandes asas exatamente iguais às asas da Vitória helênica, tal como eu a vira na célebre estátua de Samotrácia, no museu do Louvre. Destacando-se no panorama de púrpura e carmezim, de turquesa e de opala, esse grupo de nuvens é todo de ouro. São as únicas nuvens douradas no conjunto apoteótico da tarde.

A visão incomparável de majestade e esplendor faz-nos, a mim e Carmela, recordar-nos de um Sigma enorme, nítido, pormenorizado em suas minúcias gráficas, que vimos ao sair de Belo Horizonte em 1937. Naquela ocasião dezenas de pessoas o viram. Mas o céu era azul e as nuvens cor de aço.

Agora, o símbolo repetia-se, porém em ouro, num cenário fantástico de cores e acompanhado das asas da Vitória.

Não sou supersticioso de forma alguma e até costumo brincar com as crendices e os augúrios vulgares. Registro, entretanto, esse quadro que vimos na Bahia, porque estou registrando realidades neste diário; pode ter sido uma mera coincidência, mas não deixa de ser interessante anotar. Ele faz, pelo menos, pensar um pouco nessa terra da Bahia. Uma ocasião, em 1935, após a grande parada integralista que realizei em São Salvador, pronunciei um discurso dizendo que, um dia, eu ergueria em Canudos um monumento: o monumento da Raça, imortalizando a epopéia da Troia sertaneja como expresão da força e do heroismo do Brasil. O movimento integralista, na verdade, tem o sentido profundo e imperativo das energias do Sertão longamente adormecidas e agora por mim despertadas... Lembro-me de Euclides da Cunha. Preciso levar comigo um exemplar de "Os Sertões".

O navio aproxima-se. Vemos a cidade nova e a cidade velha. Caem as primeiras sombras da noite. O navio está atracando. Já entrou a Polícia. A Sra. Amélia Alves e as primas vêm despedir-se de nós, comunicando-nos que o Isaias Alves, apesar de ser Secretário do Interior, não pode receber a esposa, porque a Polícia não admite que ninguém se aproxime do navio, por minha causa. Peço-lhe dizer ao Isaias que me envie um exemplar de "Os Sertões".

Entregamos-lhe as cartas que devem seguir de avião: uma de Carmela para os pais, outra nossa para D. Alba e

Dr. Josetti, outra minha para minha filha Maria Amélia, uma carta longa, cheia de evocações...

O delegado, Dr. Altino, aproxima-se de mim, pedindo-me um particular: comunica-me que o navio está "interdito" para quem quer que seja e pede-me, para durante a permanência do mesmo no cais da Bahia, conservar-me no camarote.

Não lhe passo recibo... Eu poderia dizer-lhe que no Rio alguns amigos se despediram de mim. Entretanto, como percebo que as ordens vieram do Rio, onde a polícia de lá naturalmente se surpreendeu de alguns amigos meus estarem a bordo, trato de colocá-lo à vontade, pondo-me, também, à vontade... Deixo transparecer um bom-humor, pois todo o meu interesse está em que os Integralistas da Bahia fiquem sabendo em que condições vou viajando. O fato de ninguém poder se aproximar do navio, nem mesmo o Secretário do Interior, vai ecoar na Bahia inteira e repercutir no Brasil, ficando demonstrado que parto para o exílio debaixo de violência, de arbitrariedade, o que exclui a hipótese indigna de abandono a meus companheiros. Essa hipótese foi longamente acariciada pelo governo, quando Getúlio me ofereceu embaixadas; quando ante minha recusa, me ofereceu dinheiro; e, finalmente, quando, após minhas cinco negativas em aceitar recursos financeiros que julguei indignos, enviou-me conselhos no sentido de que eu fizesse uma viagem de recreio, até as "coisas melhorarem". Vendo que eu colocava, acima de tudo, a minha dignidade, mandou forjar um inquérito ridículo e efetuar minha prisão. Da Fortaleza de Santa Cruz fui levado ao navio. A Polícia entregou-me os passaportes e as passagens. Vim vigiado pela Polícia até a Bahia. Na Bahia, o navio foi "interditado"...

Compreende-se minha satisfação com as medidas da Polícia: equivaliam a um cartaz para o país inteiro, anunciando, oficialmente, que viajo contra a vontade. O medo que inspiro ao governo tirou-lhe, desta vez, a argúcia malévola e trapaceira que sempre o distinguiu.

Para tornar mais patente o arbítrio, o navio foi ocupado pela Polícia: 17 inspetores, sendo uma dúzia deles de aspecto repelente de bandidos e canalhas que se instalaram nos salões, corredores e tombadilhos. Três deles tinham por missão vigiar-me de perto, acompanhando-me os passos, os gestos, as palavras e os olhares. Além desses 17 havia um subdelegado de

cara fechada e olhar desconfiado. Havia, ainda, a Polícia Aduaneira, esta correta, de uniformes decentes, de modos discretos, delicados. Nesta Polícia Aduaneira descobri logo dois integralistas que me deram sinais quase imperceptíveis. Percebi que um dos guardas queria me entregar alguma coisa. De fato. Indo eu e minha mulher para o camarote, deixamos a janela aberta e ficamos à espreita. O guarda passou e viu-nos. Foi até o fim do tombadilho e, na volta, atirou-nos, pela janela, uma carta. Fechamos a janela e lemos uma linda mensagem dos Integralistas bahianos, narrando a pressão policial que reinava na capital bahiana e dizendo que do alto da colina, onde se erguia o Cristo Redentor e de onde se domina a barra, assistiram a entrada do navio e, com o pensamento em Deus e na Pátria, renovaram seu juramento de fidelidade às nossas idéias. Assina-a Vitor Hugo Aranha, chefe provincial. Veio também, no envelope, um abaixo-assinado da família Espinheira, no qual todos renovam seus juramentos.

Saímos para fora. O guarda diz em voz baixa: "Boa viagem e que Deus lhe permita construir uma grande Pátria". O outro guarda aproxima-se e, de passagem, diz: "Chefe, sou companheiro, desejo feliz viagem e breve regresso". Tudo isso os inspetores não perceberam porque foi feito habilmente. Entretanto, eles continuam, irritantemente, a nos vigiar. São feios, mal ajambrados e mal educados. Ao jantar, sentam-se às mesas e pedem tudo: vinhos, frutas, charutos. Vão depois ao bar e tomam chopp. Tudo por conta do navio. Noto que os oficiais de bordo estão rindo. É uma vergonha para o nosso país. Todo o problema do Brasil é mesmo educação.

Já noite, o Sr. Schmidt, tio do falecido Fernando e que é o agente, na Bahia, da companhia a que pertence o navio, traz-me uma carta do Dr. Raul Schmidt, pai do Fernando, e um retratinho de minha afilhada Ivone. Põe-se à minha disposição para tudo. Voltará amanhã pela manhã.

Quando estou tomando café no salão, chega novamente o Dr. Altino, 1.º delegado-auxiliar, desta vez para me trazer o exemplar de "Os Sertões", de Euclides, que mandei pedir ao Isaías Alves. O Isaías, apesar de Secretário do Interior não pôde trazer-me pessoalmente o livro e nem teve licença para colocar uma dedicatória...

A maioria dos passageiros desce para passear na cidade. Eu e minha mulher ficamos. É noite de São João. No espaço flutuam balões luminosamente.

25-6-39 (domingo)

Despertamos tarde. O navio está fazendo carga e descarga. Os secretas continuam a vigiar-me. Redijo um telegrama para minha filha, outro para os pais de Carmela, outro para Josetti e entrego ao Sr. Schmidt, para passar, dando-lhe 30$. Dou-lhe, também, uma carta para seu irmão, Dr. Raul Schmidt, na qual peço transmitir meus recados ao Vitor Aranha e integralistas da Bahia. O navio que ia partir ao meio-dia, adiou a partida para 3 horas da tarde.

Fico no tombadilho oposto ao cais, com Carmela. Os secretas vigiam-me. Nisto vejo uma canoa de esporte de dez remos, com cinco rapazes, que se dirijem para o navio. Devem ser integralistas. Ao se aproximarem, fazem-me sinais. Correspondo. São companheiros. Aproximam-se do navio. Conversamos com eles. Um bote também se aproxima com integralistas. Outras canoas vêm na mesma direção. O secreta que está perto de mim, corre para o outro tombadilho. Num instante surge uma dezena de inspetores alarmadíssimos. Os rapazes percebem e remam velozmente, despedindo-se. Vão sacudindo as mãos em adeuses. Os secretas estão furiosos. Dentro de meia hora, os rapazes voltam ao extremo do cais, na direção da península de Itapagipe. Ao frentearem o navio o secreta que está perto de mim, de terno claro riscado de quadrinhos azuis, apita sibilantemente e intima-os a se afastarem. Eles repetem os adeuses e se afastam. O bote também. Outras embarcações passam com olhares curiosos mas sem dar sinal. Uma lancha da Polícia põe-se em movimento e vai postar-se nas proximidades do navio para impedir que qualquer outro se aproxime. Mais tarde informaram-me que todos os que andaram em canoas e botes, próximos ao navio, foram presos.

O navio, finalmente, levanta ferros às 4 horas da tarde. A nossa cabine está cheia de presentes e cartões. O Espinheira mandou-nos um jacá de laranjas e um bauzinho de biscoitos e doces. Tudo isso nos tem chegado clandestinamente. Recebemos também adeuses furtivos e dissimulados à hora da partida. Um empregado da companhia, que desde ontem não tirava os olhos de mim, ao ponto que o julguei secreta ou comunista, manifestou-se agora, debaixo de uma escada, exclamando: "Chefe! Chefe! Chefe!", e saiu com os olhos cheios de lágrimas.

É esse integralista o único que está no cais enquanto o navio vai se afastando. O cais está repleto de polícias. Quando nos aproximamos do quebra-mar, vejo, escondido à esquina de um armazém, um braço erguido. É o do humilde companheiro que há pouco se despediu de mim chorando. Ergo também o meu braço.

Ficamos contemplando a Bahia enquanto o navio avança no mar. As casas vão ficando indistintas. Alvejam os morros entre o verde das árvores. Avistamos o farol, o Cristo Redentor, Amaralina. A paisagem da terra vai se acinzentando. A tarde vai caindo. Todos os sinos das igrejas bimbalham. Os ecos sonoros espalham-se na vastidão do mar. É a despedida da Bahia...

26-6-39 (segunda-feira)

Passamos a manhã lendo a vida de "Nicolau II", de Essad Bey. Como a política czarista se parece com a política de Getúlio! O Brasil está em pleno czarismo.

Após o almoço, conversamos com a filha do Sr. Reis, D. Maria Ester, e com o seu noivo, Sr. César, o qual me conta incríveis negociatas de homens no governo, no Rio.

À tarde voltamos à leitura.

Tínhamos acabado de jantar quando me chega um radiograma de Montevidéu, assinado pelos companheiros Barbosa Lima, Carvalhais e Contreiras. Enviam-me, em nome do "Núcleo Integralista de Montevidéu", "anauês pelo bem do Brasil".

Na melancolia em que me achava, aquele rádio me pôs em vivo contentamento. No Brasil, estamos proibidos de usar aquela fórmula de saudação tão grata para nós. Aqui, em alto mar, de uma cidade uruguaia para um navio além-mar podemos nos comunicar livremente através dos espaços.

Subo com Carmela até a estação radiotelegráfica de bordo e respondo, cheio de entusiasmo, àquelas palavras.

27-6-39 (terça-feira)

Continuamos a leitura de Essad Bey. Passo para o caderno as últimas impressões do meu diário da Fortaleza de Santa Cruz. Depois do almoço costumamos subir ao mais alto tombadilho para ver a amplidão do mar e do céu. O mar agora está um pouco agitado. É que devemos estar em frente à costa de Alagoas. À noite, contemplamos o céu para ver o Cruzeiro do Sul que desaparecerá logo seja transposta a linha do Equador. Lá está ele: iluminando a terra brasileira, onde se encontram nossos antes queridos...

28-6-39 (quarta-feira)

Há um mapa onde diariamente se afixam bandeirinhas marcando o caminho já percorrido no oceano. Vamos ver hoje, como fazemos todos os dias, o ponto em que nos achamos. Estamos em frente ao cabo de São Roque, extremidade oriental da terra brasileira. Amanhã deveremos passar perto de Fernando de Noronha, e essa idéia me leva a pensar nos 191 companheiros que se encontram presos naquela ilha. Poderemos ver a ilha? Dizem-nos que não.

O dia transcorre monotonamente, com os mesmos toques de corneta anunciando as refeições, as mesmas músicas — piano, violoncelo e violino — à tarde as mesmas saladas, os mesmos caldos, a mesma paisagem marinha, de azul encrespado e céu sem cor.

À noite, conversamos com a família Saas, o pai, a mãe, dois meninos e uma menina, que todos falam o português, pois o Sr. Saas está no Brasil há vinte anos e é negociante no interior fluminense. Carmela repara numa mulher magra, gretagárbica, de olhos compridos, que diariamente aparece de pijamas novos.

Deitamo-nos às 11 horas e dormimos escutando a música de baile no salão.

29-6-39 (quinta-feira)

Soubemos, de manhã, que os que estiveram acordados à meia-noite viram as luzes de Fernando de Noronha e isso nos entristeceu, pois queríamos ao menos ter visto de longe o lugar onde estão nossos companheiros; a informação que nos haviam dado era a de que passaríamos por muito longe, nada vendo.

Converso pela segunda vez com o senhor da casa Costa Guimarães & Cia., no Rio, que me informa da simpatia que gozo no comércio do Rio e da geral antipatia que há pelo Getúlio. Travo conhecimento com um português de Gôa, engenheiro da Siemens em São Paulo, que vai à Alemanha, terra de sua esposa, e em seguida às Índias, via Trieste, rever a cidade natal de onde saiu há trinta anos. Ele me dá para ler um livro, "A Índia dos Marajás".

Passo o dia lendo com Carmela a vida de Nicolau II, da qual estamos nas últimas páginas. Quando não leio com ela, vou devorando as páginas do "A Índia dos Marajás", de Jean Pellec. À tarde, ao café, mantemo-nos em conversação com o Sr. Reis, sua senhora D. Castorina, D. Maria Ester e Sr. César.

A vida, a bordo, continua a mesma monotonia, dos menús e da paisagem. À noite, tentamos ver o Cruzeiro do Sul para nos despedirmos dele. Mas o céu está nublado.

Não temos rezado juntos, como de costume, porque Carmela sente-se mal ajoelhando-se com o balanço do navio. Oro, mentalmente, todas as manhãs e todas as noites, pelos que ficaram, pelo Brasil, por nós.

30-6-39 (sexta-feira)

Pela manhã, passamos o Equador. Formou-se um préstito carnavalesco: Netuno, a esposa, tritões negros, um guarda-civil à frente e os neófitos na retaguarda, tudo acompanhado por uma sanfona. O bando percorreu os tombadilhos e, na piscina do convés, os rapazes, que pela primeira vez passavam pelo Equador, eram brochados de piche e óleo cru e atirados à água pelos tritões. Por fim, estes foram também atirados à água.

Começamos a leitura de "Os Sertões", de Euclides. É a quarta vez que o faço, de cabo a rabo, não se falando as muitas vezes em que li trechos esparsos. Terminamos ontem o livro de Essad Bey e estou quase no fim do livro de Pellenc.

Ao passar para o hemisfério boreal, tenho agora nas mãos o livro que condensa toda a descritiva geofísica, social e paisagística da minha Pátria. Não tenho mais no céu o Cruzeiro do Sul, mas tenho, entre as mãos, Euclides da Cunha.

Ao almoço, o *maitre-d'hotel* me avisa que de um navio em trânsito por estes mares, vindo da Europa, perguntaram se eu estava a bordo, e que foi respondido que sim.

O dia transcorreu com leitura de "Os Sertões". À tarde recebi um rádio do vapor cargueiro português "Cunene". É do Caruso e envia-me anauês. Ao jantar, recebo outro rádio mais expressivo, do mesmo vapor. É do Jair, e diz: "Certos sua permanência Brasil, embarcamos para Montevidéu. Renovamos juramento de fidelidade diante da vida e diante da morte. Anauê". Subo à estação radiotelegráfica de bordo e respondo às 10 da noite: "Jair e Caruso. Cunene. Gratíssimo, escreverei. Anauê". A estas horas, no alto mar, viajando num cargueiro moroso, os dois receberão minha palavra em resposta à que me enviaram. Será um conforto. Sobre a imensidade do Atlântico, cruzam-se, pelas ondas hertezianas, os votos indestrutíveis de nossa fé.

1-7-39 (sábado)

A paisagem marítima é de uma monotonia exasperante. O céu sempre branquicento, com tonalidades de cinza e chumbo e uma luminosidade ofuscante. O mar de aço com escamas negras e cintilações no dorso que dão a impressão de escamas de crocodilos.

Sempre o mar e sempre o céu. E o mar e o céu sem poesia, sem cor e sem vida.

Lemos Euclides. Quando Carmela se ocupa nos arranjos do *ménage* (a cabine) leio "A Índia dos Marajás". E o sábado escorre lentamente, monotonamente.

À noite, palestramos com o Sr. Reis, D. Castorina, Sr. César e D. Maria Ester. Até tarde. Deitamo-nos à meia-noite. Disseram-nos que iremos passar próximo às Ilhas de Cabo Verde entre seis e oito da manhã e eu quero ver estas ilhas. Estou ansioso por ver terra, ver árvores, ver pássaros, libertar-me deste mar, que agrava a minha melancolia, minha infinita melancolia. Minha saudade do Brasil e minha preocupação pelos meus. Quero ver uma nesga de montanha. Talvez seja uma doce manhã colorida. As manhãs têm sido tão feias! Tão sem cor!

Durmo sonhando com lindas ilhas esmeraldinas coroadas de auroras e de pássaros...

Despertaremos às seis, para participarmos da consoladora alegria da paisagem dessas ilhas de Cabo Verde, que devem ser bem verdes...

2-7-39 (domingo)

— Cabo Verde! Cabo Verde! — grito, despertando Carmela.

Pulamos da cama e corremos em "robe de chambre" para o passadiço.

Que decepção! Como um Briaréo deitado, estende-se um rochedo barrando todo o horizonte. Os pés em ponta, na extremidade meridional, têm no ressalto do calcanhar uma mancha branca, à maneira do selo na sola do sapato. À aproximação do navio distinguimos um farol, com a casita do faroleiro.

Como pode um homem subir ali! É uma rocha viva; não há caminhos. Deve subir em escadas de corda pelo mar...

Nutro a esperança de que esta ponta de rocha seja apenas uma sentinela avançada da terra, que parece estender-se para o norte. A esperança não chegou a ser uma ilusão. Verifico logo que todas as montanhas que se desdobram no primeiro e no segundo plano são gigantescos cenários, sem brilho, escalavrados de lures e crivos, lanhados, lascados, apresentando um aspecto purulento, de colossais blocos de hulha ou torrões ciclópicos de breo. Tudo é pedra. E pedra soturna, híspida, lúgubre, completamente diversa dos imponentes maciços basálticos do litoral brasileiro, que resplandece nas manhãs coloridas engrinaldadas de matas virentes, como aras gloriosas de altares floridos. Nenhuma silhueta de árvore, nem a tentativa de um arbusto, nem o heroismo do líquem, ou a mancha de um limo. É tudo negro-cinzento, num desdobrar de cumiadas em cerrilhas e ameias de cortes retilíneos sem ao menos a amabilidade de uma curva. Tem-se a impressão de um castelo de Atlantes e Cíclopes, de barbacans descomunais, largando após alguma batalha trovejante nos milênis mortos das eras primitivas.

O céu é aquele mesmo céu, desses mares africanos: pardo, e uma claridade ao mesmo tempo turva e ofuscante. A manhã não se atavia de flores. É tudo sombrio. Tudo feito a "crayon". Tudo marcado a traços lúgubres. O próprio mar reflete os tons negros dos píncaros severos.

E eis que, para completar o quadro onde não palpitou até agora um único sinal de vida animal ou vegetal, surge no espaço, descendo das rochas para o mar cor de bronze, um personagem estranho. É um corvo. Pequeno, preto, destaca-se de um ângulo das ameias sombrias como uma bandeira negra que se desfralda e cai num vôo sem altivez, sem *elan*, sem heroismo, sobre a superfície das águas sem cor. Põe-se a voejar rasteiro, a poucos metros do mar, o bico alongado, as asas paralelas à linha das ondas.

Não tem companheiros. É singularíssimo; porém está sozinho. E, assim isolado, afina-se ao conjunto trágico do panorama. Exprime-lhe a alma. Seria absurda a sociabilidade mesmo entre os abutres, neste cenário em que se esteriotipou na pedra todo o sentido da palavra solidão. Esse corvo esquisofrênico é o eremita alado, o pássaro sombrio da paisagem sombria. O seu próprio vôo sem altitude — o simples baixar da rocha sobre as águas e o simples soerguer das ondas para os píncaros negros — não exprime os ímpetos audaciosos das aves felizes; é um voejar de pássaro-mendigo, de salteador miserando ou de esquisito vagabundo que se tornou misantropo e enegreceu no escuro das grutas tenebrosas...

— Eis, talvez, um píncaro assustado da Atlântida, ainda sob a impressão de terro do cataclisma que abateu o continente lendário... — penso.

Fico a olhar angustiado, aflito, o panorama. E digo:

— É talvez um resto do material com que foi feito o mundo. No último dia, antes de descansar, Deus atirou estas rochas que sobraram e lavou as mãos no Atlântico...

* * *

O navio corre. Volvemos para o camarote. No meu pensamento, fica o imenso rochedo negro e, sobre a paisagem soturna, o corvo... O corvo, que é a própria alma dos rochedos de Cabo Verde...

* * *

O domingo todo é o dia de céu branco-pardo, com um mar cor de cimento e ondas agitadas. Fiz minhas orações esta manhã pedindo a Deus que vele por minha filha, pelos meus e de Carmela. Lemos muito "Os Sertões". Mais uma vez, maravilhei-me com as descrições de Euclides. O perfil do jagunço é admirável. Sinto que sou um jagunço, um sertanejo em todos os meus modos externos e no fundo do meu caráter: perseverante, tenaz, paciente, dissimulado, sem teatralidade, sem expansões inúteis, sem antecipações estéreis, sem dispêndio de energias antes dos momentos necessários. Euclides mesmo era um cabloco, como eu.

O navio joga bastante. À noite há divertimentos diversos no salão. Eu e Carmela ficamos passeando no tombadilho, com D. Maria Ester e o Sr. César.

Acabei de ler "A Índia dos Marajás". Amanhã escreveremos carta da ilha da Madeira.

3-7-39 (segunda-feira)

Lemos "Os Sertões" durante o dia. O céu continua nublado e o mar escuro. Dormimos de dia.

À noite, a lua surge vermelha e embaçada, por entre nuvens negras. Parece uma paisagem de outro planeta, ou então um panorama polar.

Fico longo tempo olhando o céu, observando a luta da lua para se desvencilhar das nuvens pretas. É uma visão trágica.

Recolhemo-nos. Leio o "Livro de San Michele", de Axel Munthe. Escrevo uma carta à minha filha, outra à Irene e um bilhete ao Henrique.

É com o pensamento em nossa gente que adormeço.

4-7-39 (terça-feira)

De manhã leitura de Euclides. Um vento de proa varre o navio. Abrigamo-nos no bar. O navio joga, trepida. Eu e Carmela sentimo-nos um pouco mal e vamos para o camarote. Ela dorme e eu, deitado, fico lendo Axel Munthe.

Resolvemos, ao almoço, tomar vinho branco para melhorar nossa disposição de ânimo. É bebida que tomamos raramente.

Após o almoço, palestramos no salão com vários passageiros. Voltamos ao camarote e dormimos. À tarde, abrigamo-nos no bar, à polpa, e lemos Euclides.

Anunciam-nos que os relógios se adiantarão hoje mais vinte e três minutos. A corneta anuncia o jantar.

Após o jantar palestramos com o Sr. César e D. Maria Ester. Voltamos ao camarote. Escrevo cartas. Registro estas impressões. Amanhã chegaremos à Madeira.

Faltam cinco minutos para 1 hora do dia 5 de julho.

5 de julho de 1939 (quarta-feira)

Li ontem, até tarde, o "Livro de San Michele", de Axel Munthe. Dormi mas não passei bem à noite, que transcorreu entre intermitências de insônia e meias sombras de sono, com sonhos misturando-se a pensamentos acordados, tudo numa sensação de inquietação e mal-estar.

Despertamos tarde. Passeei com Carmela pelos tombadilhos e, depois, lemos "Os Sertões". Informaram-nos de que não há correio aéreo em Madeira, de sorte que as cartas que escrevemos ontem terão de ser postas em Lisboa. A bandeirinha no mapa avança. Afirmaram-nos que chegaremos à ilha da Madeira às seis horas da tarde. Pretendemos ir a terra para conhecer Funchal. Se o telégrafo estiver aberto, passaremos um telegrama à minha filha que faz anos amanhã; caso contrário irá um radiograma de bordo.

D. Maria Ester deu um presente à Carmela: uma bolsinha, estojo de pó-de-arroz, adquirida na vitrine de bordo.

Passeamos bastante hoje após o almoço. O mar está bem melhor, readquirindo seus tons coloridos, e o céu mostra-se mais amável.

Agora, duas e meia da tarde, vamos ler um pouco um livro sobre "Ramakhrisna" que o português de Goa me emprestou.

Avistamos a ilha da Madeira às cinco e meia da tarde. Às 6 1/2 divisamos nitidamente a cidade de Funchal trepando pelo montanha.

Jantamos a bordo. O navio entra no porto. Numerosas embarcações vêm ao seu encontro. São botes com vendedores ambulantes de rendas e botes com rapazinhos que mergulham para ir buscar no fundo do mar as moedas atiradas pelos passageiros. Eles rejeitam moedas brasileiras... Primeiro sinal de *prestígio* do Brasil no exterior...

Contratamos com um agenciador de "The English Touring Company Ltd." uma ida e volta de lancha e uma hora e meia de automóvel a 50 escudos por pessoa, ou seja, 45$ cada uma em moeda brasileira. Vamos com D. Maria Ester e Sr. César.

A ponte de desembarque está repleta de gente. Subimos a escada, vendo "guardas republicanos" (guardas-civis) e agenciadores de hotéis e de casas de rendas e vinhos.

O automóvel nos conduz pela rua onde se erguem os prédios do governo civil e do governo militar da ilha. Começamos a galgar ruas estreitas de prédios coloniais com uma fisionomia de Ouro Preto. As ladeiras têm qualquer coisa de Santa Teresa e da Glória, no Rio. Os muros prolongam-se cobertos de flores que se debruçam para o passeio. A noite vai-se fechando de todo. Isso impede que apreciemos a cor destas velhas árvores e latadas virentes, destes pesados portões ensombrados de galhadas e trepadeiras. Galgamos uma encosta íngreme. Chegamos ao pico chamado Barcelos, dali divisamos toda a cidade iluminada, cintilando seus focos elétricos pelas faldas das montanhas como emaranhados colares de luz. A paisagem de dia deve ser maravilhosa porque a praça das vivendas alpestres, o colorido dos pomares e dos jardins, o verde vivo dos morros e o azul do mar, tudo deve combinar-se em efeitos surpreendentes. Agora, só vemos o brilho das luzes que se multiplicam num amplo hemiciclo. O céu está límpido e suave. O ar é transparente e doce. As estrelas palpitam como gotas puríssimas de luz. Não são numerosas neste hemisfério. O céu no Brasil é uma superpopulação de astros e a Via Láctea é uma estrada de sóis em turbilhão, como as areias do mar. Aqui, desde que passamos o Equador, o céu é sereno e parece até silencioso, com estrelas esparsas e solitárias. Que diferença do firmamento brasileiro, que parece uma metrópole formigante de multidões siderais, um tumulto estrelar, turbilhões de planetas e de sóis, procissões de mundos em marcha, massas populares de rútilas constelações superpostas nos planos do infinito, a tal ponto que dão a impressão de rumores e clamores etéreos, que parece percebermos nos êxtases que arrebatam...

Esta evocação me acode no alto de Barcelos, sob um céu claustral e místico, de uma beleza serena. O automóvel desliza pelas ladeiras entre vastas fileiras de parreirais. O vago perfumes das vides e das flores embalsama o ar transpa-

rente. Sopra uma viração como asas de seda imponderável. Atingimos o Lido (todas as cidades do mundo têm "lidos"...) e volvemos pelas ruas estreitas até ao cassino. O cassino guarda o estilo uniforme das casas da Madeira. Entramos. Adquirimos alguns postais. Admiramos o lindo parque. Pelas ruas convinzinhas, erguem-se, belos e aprazíveis, os hotéis de Funchal. São convidativos ao repouso. Informam-nos que o número de ingleses na ilha é muito grande. Realmente, observamos que até as crianças falam um pouco de inglês.

O automóvel entra agora pelo centro da cidade. Aspectos de Ouro Preto. Ruas estreitas e casas coloniais. Paramos numa casa de vinhos. Oferecem-nos cálices de vários tipos-Madeira. É o vinho clássico, que conhecemos há tanto tempo. Não me parecem superiores ao Madeira R e ao Madeira M, marca Izidro, que tomávamos em São Paulo. O caixeiro, entretanto, encarece o valor desses vinhos que nos dá a provar. Carmela manifesta a D. Maria Ester o desejo de levar para bordo uma garrafa para D. Castorina. Eu aprovo com muita satisfação e manifesto o desejo de levar uma também para nós. Com grande espanto nosso o caixeiro diz-nos o preço: 50$ cada garrafa... Estou habituado a pagar, em São Paulo, no máximo 24$, notando-se que há a tarifa de alfândega muito elevada para vinhos no Brasil, o lucro do importador, o lucro do varejista, o transporte e os impostos de comércio, o que significa tudo deduzido, que uma garrafa de bom vinho Madeira vai para o Brasil por 8$ ou 10$ no máximo. E note-se que se trata de vinho bom, pois sou algo conhecedor... Pois bem: aqui na terra da sua produção, pedem-nos 50$! Preço de turistas e para ingleses. "Os ingleses pagam", diz o caixeiro. É boa. Os ingleses pagam, primeiro, porque não são inteligentes como os brasileiros; segundo, porque ganham dinheiro fácil, explorando a hulha que não temos. Mas... como se trata de um presente à D. Castorina e já dissemos à D. Maria Ester, pago os cem escudos pelas duas garrafas e saímos arrenegando, principalmente Carmela...

Vamos ao telégrafo para passar o telegrama à minha filha pelo seu aniversário amanhã. Deve ser mais barato por cabograma do que pelo rádio a bordo. Diremos, assim, maior número de palavras. Pergunto o preço: 23$ por palavra! Recuo assustado. Resolvemos passar pelo rádio, a bordo.

Levamos outro susto no telégrafo. O relógio está marcando 10,20 e o navio vai levantar ferro às 10 e 30.

Saímos correndo, mas o chofer ri e nos mostra a torre da Igreja. São 9,20. Nossos relógios também marcam essa hora. Nos cafés ,também.

Diante disso passeamos mais um pouco. Encontramo-nos com grupos de alemães de bordo, que bebem garrafas sobre garrafas de vinho Madeira. Na ponte o Dr. Lino, um médico português que vem de Santos, informa-me que um repórter de Funchal anda à minha procura; já foi ao navio, e pergunta aos passageiros de que cor é o meu chapéu...

Voltamos ao navio. Deixamos a Madeira. Há agora vários passageiros a mais para Lisboa: um casal (ele gordo, ela magra) com uma criança; uma velha, tipo de *lady*; um padre; uma moça, tipo literata, algo máscula; uma senhora idosa com uma velhinha simpática; um casal (ele magro, ela gorda); um senhor velho que parece militar à paisana; outro com cara de deputado ou fazendeiro próspero.

Subimos à estação radiotelegráfica e passo o seguinte despacho para minha filha, cujo aniversário é amanhã. "Maria Amélia Salgado Loureiro — Rua Duque de Caxias, 636 — apartamento 2 — São Paulo — Brasil. Bênçãos e abraços meus Carmela — Papai".

Informaram-me que ela o receberá amanhã de manhã. Que bom! Chega no dia em que ela faz aniversário! Terá uma palavra minha!

Descemos, tomamos um chopp com sanduíche e vamos para o quarto.

6 de julho de 1939 (quinta-feira)

Aniversário de minha filha! Minha primeira preocupação é dirigir uma longa prece a Deus. Minha oração matinal é hoje dobrada. De joelhos, oro longamente pela felicidade de minha filha. Deus sabe tudo quanto conversei com Ele, com a Virgem, com os santos e anjos de minha devoção!

O dia hoje é de arrumação de malas. Amanhã chegaremos a Lisboa. Carmela, diligente como sempre, admirável nos seus misteres de boa esposa, trabalha, retirando tudo dos guarda-roupas e colocando pacientemente nas malas.

Quantas malas! Duas, tipo armário; uma enorme, debaixo da cama; a chapeleira quadrada; um grande saco de lona; a mala pesadíssima de livros; duas valises "nécessaire"; numa caixa da papelão, a máquina de escrever; a minha pasta de couro e embrulhos diversos...

Eu trato de arrumar os livros e papéis. Carmela cuida das roupas. Abafados na cabine, percebemos que o mar se agita. É a proximidade da corrente marítima que entra por Gibraltar. Carmela começou a sentir-se mal. O esforço do trabalho, acrescido do movimento do navio deu-lhe tonturas e os sintomas clássicos de enjôo. É a primeira vez que tal lhe acontece em viagem. Ela deita-se. Eu também não me sinto bem, com dores no estômago e de cabeça. Repousamos um pouco, até à hora do almoço.

Após o almoço prosseguimos a nossa faina. Com que sacrifício! "Fazemos das tripas coração", como se diz vulgarmente. À tardinha está quase tudo pronto. Tratamos de nos vestir. O jantar hoje é de gala e haverá baile, despedida aos passageiros que descem em Lisboa.

Vamos para o jantar: Carmela com um vestido preto que minha filha lhe deu; e eu com o terno mescla que meu

sogro me deu; ponho a gravata azul de cocadinhas brancas, presente de minha filha em meu último aniversário. Festejamos o aniversário dela coincidindo com a festa do navio. O menú é especial. Mando vir uma garrafa de vinho St. Emilion, tinto. Bebemos à saúde, vida, felicidade, alegria de Maria Amélia. Penso nela cheio de saudades. São 8 horas e é dia claro. No Brasil são cinco horas da tarde. Daqui a algumas horas, minha filha estará jantando com os nossos e pensará em mim, imaginando que eu e Carmela estaremos em alto mar. Mentalmente renovo a Deus meus pedidos por ela.

Após o jantar, tentamos andar pelo tombadilho. É impossível, sopra um vento terrível e frio. Vamos para o bar e jogamos uma partida de xadrez. Carmela joga bem até certa altura, depois começa a distrair-se e perde.

O baile já começou. Descemos para o vasto salão de jantar. Numa mesa, onde estão sentados o padre (o que entrou ontem) e um madeirense grisalho e prosa, ficamos assistindo às danças.

Subimos, depois, para completar a arrumação das malas. Somos previnidos de que devemos adiantar o relógio de uma hora.

Arrumamos tudo. Pouquíssima coisa ficou para amanhã. Ajudei bastante a Carmela porque ela não se sente bem com a trepidação e oscilação do navio, que range ao furor das ondas. O vento sopra no mar.

NOTA: O passaporte, por engano da polícia portuguesa, registrou nossa chegada a Lisboa às seis horas.

7 de julho de 1939 (sexta-feira)

Carmela sente-se mal desde cedo. Faz um esforço e vai comigo até à sala de jantar onde tomamos o nosso café.

Voltamos e ultimamos a arrumação. Fechamos as malas à chave. Chamamos o camareiro para levá-las para o corredor.

Peço as minhas contas a bordo. Que disparate! O aluguel de duas cadeiras em que líamos no tombadilho, 10 marcos! A lavagem de menos de uma dúzia de peças de roupas, 16 1/2 marcos! O cabeleleiro (um corte meu e um penteado de Carmela e uma loção) 7 1/2 marcos! As bebidas foram baratas: 4 1/2 marcos. Corresponde tudo a 360$000. Calculei as gorjetas: camareira, camareiro, ajudante, homem dos banhos, garçon do salão, ajudante, garçon do refeitório, ajudante. Fiz o cálculo de dar 3 marcos aos principais e dois marcos aos ajudantes, o que ia tudo em 21 marcos, ou seja, 168$.

Tratei de comprar marcos no comissário. Marcos é o modo de dizer. Nos navios circulam *coupons* que convencionalmente se chamam marcos, mas não valem um vintém lá fora.

No comissário, passei por outra surpresa: o dinheiro brasileiro valia mais do que as famigeradas libras inglesas! O meu patriotismo rejubilaria, se eu não visse nesse fato uma exploração verdediramente judaica feita por estes arianos puros... É que eu só possuía libras. As libras tinham de ser transformadas em dinheiro brasileiro e este, em seguida, traduzido em marcos. Pois bem: a cotação de bordo para libra é de 85$000! Eu tinha comprado libras a 103$000 no Brasil; logo perdia nessa química do câmbio de bordo 18$000 em cada libra. Por conseguinte os 58 marcos que eu precisava e que me deviam custar, em moeda brasileira, 464$000, custaram-me £ 5,30,9, ou seja (pela cotação da libra no Rio e Londres) 575$700!!

Saí do comissário apreensivo com nossas despesas. Temos gasto a bordo e na passagem em Madeira um dinheirão! Há dias comprei 27 marcos ou seja 232$000. Pagas as despesas forçadas de telegramas (Barbosa Lima, Jair, Caruso), sobraram-me 8 marcos com os quais vou completar os 66 de que preciso juntando-os aos 58 que acabo de adquirir. Quer dizer que a minha despesa hoje vai ser de 629$000!!! E temos feito vida de economia. É uma barbaridade. Somando-se essa quantia os 210 escudos em que nos ficou o passeio e a burrada do presente na Ilha da Madeira temos: 629$000 + 168$000 ou seja: 797$000...

É com certa tristeza que vamos para o quarto, tendo Carmela desistido de arrumar as unhas a bordo porque disseram que fica em 1 1/2 marcos, fora a gorjeta: praticamente 16$000.

Vamos distribuir as gorjetas: começamos pelo camareiro, que está passando nossas malas para o corredor com um sorriso tão gentil... Tiro 3 marcos e Carmela entrega ao homem, com a satisfação de colher um "muito obrigado", expressivo de reconhecimento, como é habitual no Brasil. O camareiro pega os 3 marcos e pergunta em bom português: "Para mim?" Leio na fisionomia dele que está zangado. Talvez não se use dar gorjeta na Alemanha de Hitler, que é uma Alemanha, além de disciplinada, cheia das idéias de Nietzsche, anti-cristã até por ensinar o orgulho do homem, o amor próprio que não se rebaixa, a dignidade que impede de receber favores...

Saímos da cabine para tomar um pouco de ar. Ao regressar, encontramos sobre a cama — os 3 marcos!

Estou admirado. O que consegue a educação de um povo! Na Alemanha não acontece como nos países minados por outros ensinamentos, que destroem a sensibilidade moral dos homens... Para melhor me edificar, chamo o garçon do salão, que fala um pouco de português e pergunto por que motivo o camareiro havia deixado os 3 marcos sobre a cama. O garçon explicou-me que 3 marcos eram... muito pouco! O camareiro queria mais gorjeta.

Perguntei então ao garçon que significava um marco na Alemanha, pois na minha terra 3 marcos eram 24$000, uma quantia com que se fazia muita coisa. Pedi-lhe que me desse

um exemplo, dizendo-me o que se poderia fazer com um marco.

O homem sorriu com superior desdém e disse-me:

— Ora! Um marco... um marco são dois chopps...

Como um bom germânico, não poderia ter escolhido unidade melhor, imagem mais étnica: o chopp!

E profundamente desolados eu e Carmela consideramos a nossa situação. A camareira vem à cabine (tínhamos chamado, ingenuamente, para presenteá-la com os nossos míseros 3 marcos) mas Carmela diz-lhe que viesse mais tarde.

Resolvemos dar a gorjeta à tarde; talvez ao mordomo para distribuí-las... Estamos vexados. Com certeza todos passageiros dão mais.

Aliás, o garçon, a título de gentil informação, segredou-me que aqui os mais sovinas costumavam dar 5 marcos; os parcimoniosos, 7 ou 8; e os mais, daí para cima.

Tenho a impressão de que caí na caverna de Luigi Vampa.

Com a cabeça pendida como o "pensador" de Rodin, medito sobre estes camareiros e garçons, procurando penetrar-lhes a psicologia. Conclui, dizendo à Carmela:

— O camareiro tem nos servido com os mais amáveis sorrisos, e já o Raul Bopp uma vez me disse, em Paris, que nós, viajantes, não devemos ter a presunção de obter sorrisos de graça... Os sorrisos pagam-se... Ora, este amável camareiro, durante quinze dias nos sorriu. Chego, afinal, a perceber o que ele pretende, aliás com justiça. Imaginava ele que, ao cabo da viagem eu lhe dissesse: "Prezado amigo; em agradecimento aos sorrisos que me prodigalizou e inenarrável solicitude com que me encantou nesta transitória passagem, resolvi contemplá-lo em meu testamento, na qualidade de herdeiro de minha avantajada fortuna"... Ora, em vez disso eu, avarentamente, lhe entrego 3 *coupons* de um marco cada um, sendo de notar que se estes marcos me custaram quase 10$000 ao câmbio destes bravos anti-semitas, é certo que à porta das agências de viagens no Rio, estes mesmos *coupons* custam 5$000... Pratiquei pois, um ato de sórdida exploração...

Em seguida, descemos para o almoço. Descemos desapontados, humilhados, tendo a impressão de que todos os dez

mil garçons e cinqüenta mil camareiros nos apontavam com os olhos dizendo: "Lá vão os forretas, os sovinas, os munhecas de samambaia..."

Após o almoço, conversávamos com o Sr. César e D. Maria Ester, perguntando quanto haviam dado de gorjeta.

Informaram-nos que o Sr. Reis dera 1 1/2 marco a uns, e 3 a outros.

Retemperamo-nos...

O dia transcorreu entre a expectativa da chegada e os aborrecimentos das caras dos garçons que desejam fortunas. Um alemão-brasileiro-getulista, amigo do Luís Simões Lopes, nos informou que a tabela são 40 marcos para os camareiros, idem para os garçons de mesa e uns 20 para os outros: total, 800$000 de gorjeta. Resolvi dar o que tinha estabelecido e nada mais, o que tudo importou em uns 200$000.

Avistamos terras de Portugal. Entramos no Tejo. Aproxima-se Lisboa.

O cais de Alcântara. As despedidas. Não vemos ninguém no cais para nós... Eis que surge D. Rosa[1] com um ramalhete de flores; e o marido, o Lins, com um grupo de moços. Alguns são jornalistas, está-se vendo.

Atracação. Torcida. Apresentações. Os jornalistas fazem perguntas. É o "Século", é o "Diário de Notícias", é a "United Press", são os "Diários Associados" do Brasil, é "A Voz". Evito falar em política.

O Lins[2] e D. Rosa apresentam-nos vários rapazes da nova geração portuguesa, entre eles o médico Luís Albano,[3] que trouxe o automóvel para nos levar. Apresentam-se os membros da família Duarte: o Sr. Duarte (proprietário do hotel Tivoli e irmão do José Duarte, do Rio), a esposa, a irmã e um sobrinho.

Chegamos ao hotel. Tipo Rex, de São Paulo. Acomodamo-nos. Volto ao salão onde fazemos uma roda com as visitas. Quando estas se retiram, eu e Carmela saímos com Lins e D. Rosa para um ligeiro passeio até o Rocio e ao café brasileiro, onde encontramos D. Maria Ester e Sr. César.

---

1 — D. Rosa Dottori Lins e Albuquerque.
2 — Hermes Malta Lins e Albuquerque.
3 — Dr. Luiz Albano Coelho de Campos.

8 de julho de 1939 (sábado)

Todos os jornais noticiaram a minha chegada. Entretanto, pelo modo em que estão redigidas as notícias e pelas localizações das mesmas percebe-se *que a censura* trabalhou. Tenho impressão de que o Governo Brasileiro (sic), o ditador Vargas, fez sentir, através do Martinho Nobre de Mello, qualquer coisa ao meu respeito junto ao Governo Português. O jornal que se estendeu mais na notícia foi "A Voz", órgão católico.

Poema da Fortaleza de Santa Cruz

Quando os pátios da velha fortaleza,
como pratos de pedra, abrem-se ao luar,
um fantasma passeia,
passeia devagar...

Tudo é silêncio. Ao longe,
como visões estranhas:
a silhueta das ilhas...
o perfil das montanhas...

Fulgura a noite. A sombra espectral das guaritas,
uma voz... outra voz... todo um coro reboou:
— Sentinela alerta!
— Alerta estou!
Estes muros parecem mais antigos
As pontes mais esquálidas! O mar,
mais solene... E, solene, o fantasma passeia,
devagar... devagar...

A terra está sonhando. A terra veste
o vestido de luar. Põe a grinalda:
a Via-Láctea. E o esplendor sideral do Infinito
sobre o seu corpo o véu das estrelas desfralda!

Desdobram-se na sombra as arcarias,
da cidadela secular.
E o fantasma passeia,
devagar... devagar...

Bramindo sobre a rocha, o mar cresce, acomete
a muralha, e entra, a uivar, nas velhas casamatas...
Um coro sepulcral a equórea voz repete
pelas abóbadas sombrias.

Em frente à Casa da Ordem, a pupila
verde de uma lanterna está desperta.
E eis que, o espaço cortando, ergue-se o grito insone:
— Sentinela alerta!

Sobre o terraço mais alto, ao céu aberto, ao luar,
olhando estes velhos muros, e a cidade que, ao longe, cintila,
e escutando os rugidos do mar, e passando invisível,
junto às sentinelas, que sentem arrepios estranhos,
porque passeia o fantasma,
devagar... devagar...?

Quem é? E de onde veio? E que pretende,
afagando estes antigos canhões, cuja voz se calou
para sempre? Estes veneráveis dragões, cujos bramidos,
outrora o mar da Pátria, arrepiado, escutou?

Sim... Noutros tempos, naqueles tempos agora olvidados,
nossos avós erigiram, pedra a pedra, estas muralhas
sobre os rochedos que cingem a terra do Brasil, como
[um braço
que, dos ombros do Pico, desce para a baía,
abrindo a mão de granito sobre as ondas...

Naqueles tempos de virtudes heróicas,
os pulsos da Raça arrastaram para estas casamatas,
como elefantes de ferro, estas peças gigantescas
de artilharia. E, sobre as carretas pesadas,
alongando o pescoço pelas aberturas das canhoeiras,
estes monstros puseram-se a perscrutar o oceano,
a perquirir os espaços, a sondar os navios errantes,
a vigiar nossa Terra!

(Além da barra,
na indecisão da luz e das sombras incertas,
quando uma nuvem cobre a alta efígie lunar,
parece que passam, imponderáveis, misteriosas,
as almas das caravelas belicosas:
corsários de Cavendish, marujos de Duclerc,
de Nicoláu Villegaignon; navios portugueses

de Mem de Sá; e, esbatido ao palor do plenilúnio,
o espectro de Duguay-Trouin, com sua longa cabeleira...
São as almas das audazes fragatas dos mares austrais;
dos brigues, das canhoeiras francesas e inglesas,
e os altivos perfis de nossas esquadras,
quando iam para o Rio da Prata, e o Brasil era grande,
e o Brasil falava alto, e não pedia auxílio a ninguém!
Nosso Brasil!)

Sobre os pátios da velha fortaleza,
qualquer cousa de subtil anda suspensa no ar...
Tudo, em redor, se transcendentaliza...
E o fantasma passeia devagar...

Dir-se-ia que inspeciona as baterias mortas;
as abóbadas sonoras; as passagens subterrâneas;
os muros, que as mãos dos séculos pintaram
de fuligem, de musgo e de limo;
a velha cisterna esborcinada
do Senhor Conde de Bobadela; e as pontes em arco;
e os vetustos paióis da pólvora;
e os alojamentos silenciosos;
e as tétricas ladeiras que dão para o buraco da onça,
para as prisões tumulares que lembram histórias
do Conde de Monte Cristo;
e o fosso, rasgado no basalto, e sobre cujo abismo
alcandorava-se a ponte levadiça
deste castelo roqueiro;
e as penumbras da Casa Forte;
e a igrejinha, toda azul, de um azul ingênuo e delicado,
onde há o sepulcro de um defunto desconhecido
e a imagem milagrosa de Santa Bárbara;
e os pátios, com reflexos verdes
de lampeões coloniais pelos oitões de pedra;
e as sentinelas, de fuzil ao ombro,
nos recantos sombrios, na boca das guaritas,
ou no alto das muralhas, com as cabeças
coroadas de estrelas...

Os soldados, em vigília, repetem o grito misterioso,
que talvez nem eles entendam, porque significa muito mais,
muito mais do que podem supor,
neste instante da vida da Pátria:
— Sentinela alerta!
— Alerta estou!

*
* *

As constelações inclinam-se para o ocidente.
O fantasma olha a imensa terra que se desdobra
do outro lado, estadeando na fímbria do horizonte,
à luz da lua, além do Pão de Açúcar,
da Urca, do Corcovado, onde o Cristo, de braços em cruz,
[resplandece,
além, muito além,
quase invisíveis,
a Serra dos Órgãos, a Cordilheira do Mar como um
[pano de boca
das amplidões continentais...

É o Brasil, que lá está, com seus rios, suas florestas,
suas montanhas, seus vales em flor, suas cidades,
seu povo, sua poesia!

Porém a alma, onde está, desse Brasil enorme?
Dessa terra que, ao luar, tem-se a impressão que dorme?

O Espírito da Raça, em que lugar se esconde?
E a consciência das velhas tradições?
E a altivez dos antigos, que lutaram pela Independência,
e morreram pela Independência, a sustentaram a
[Independência,
e ergueram esta velha fortaleza,
como um perfil de asceta,
como um eremita, áspero e soturno, sobre a rocha,
pensando no Futuro, pensando em nós, pensando
no Brasil?

*
* *

O fantasma caminha. Procuro decifrá-lo.
Figuro-me um colóquio e, figurando, falo:

"Sentinelas que andais às horas mortas,
sob a luz do luar e das estrelas,
junto aos muros antigos
de Santa Cruz!
Não temais o abantesma da velha fortaleza,
as histórias arrepiantes do anspeçada
que surge entre os velhos canhões,
ou a legenda fúnebre do Cabeleira
que aparece na boca negra da quinta prisão..."

(Lá no alto, o espectro lentamente avança...)

"A sombra que nos contempla,
do alto terraço onde estavam outrora as baterias
a céu aberto,
é um fantasma invisível,
desconhecido de muitos,
pressentido, entretanto, por nós,
que amamos nossa Pátria,
porque ele é a alma do Brasil!

É um povo morto, um povo sem memória!
A alma de um povo é todo o seu passado!
Como pode existir a Pátria sem a História?
Sem tradição não pode haver soldado!

Quando o luar resplandece,
em estilhas de prata no mar, em centelhas vibrantes
nas arestas das rochas, nas quinas graníticas,
nas amuradas da velha fortaleza,
— é a alma de nossa Pátria, a nossa própria alma,
isto, que bate, aqui em nosso peito, fremindo
de amor pela terra onde dormem nossos Maiores,
onde crescem nossos filhos e envelhecem nossos pais,
é isto, é este sentimento, esta consciência nacional,
que se corporifica em nossos devaneios,
sobre este cenário de muros venerandos e terraços ilustres,

em noturnos, silentes e espectrais passeios,
à luz evocadora do luar!"

*
* *

O mar estruge. E, agora, entrando pelas abertas
das casamatas, a sua voz se multiplica pelas abóbadas,
e parece voltar pela boca das canhoeiras,
como a própria voz das grandes peças valetudinárias...
São os canhões que estão falando. Falando para o mar.
Falando para o céu. Falando para a terra imensa. Falando
para o nosso coração.

(Sobre o peito da colina, além do recinto murado
e da aldeia que trepa, como um pequeno rebanho
de cabras selvagens, pela encosta de árvores pensativas
na paisagem lunar,
as baterias modernas espiam
dos seus abrigos de aço...)

Cresce o clamor do mar na silenciosa terra,
na paisagem de ilhas embuçadas e de montanhas escuras.
Galopam as ondas coroadas de espuma e de luar.

E os velhos canhões da velha fortaleza,
esclerosados de ferrugem,
o pescoço alongando-se para o horizonte,
a boca aberta como "ohs!" de admiração e de eloqüência,
falam, pela voz do oceano que estoura nas abóbadas
e multiplica mil vozes de batalhas
pelas arcarias seculares.

Na sinfonia wagneriana que retumba pelos átrios,
pelos corredores, pelas galerias ao lume d'água
e pelos terraços à flor do céu,
como que se escuta o ritmo das antigas marchas selvagens
dos Tamoios, com seus borés clamantes e o baque surdo
[dos tacapes:
o troar das escopetas francesas e dos mosquetes lusitanos;
os tropéis de Ararigbóia, de Salvador e de Estácio de Sá;

e, crescendo na noite, os clarins, os tambores
dos tempos dos Capitães-Mores e dos Governadores-Gerais;
e as salvas de artilharia saudando o senhor D. João Sexto;
e a coroação do senhor D. Pedro Primeiro;
e, marcando a cadência dos ribombos históricos,
a Regência do Império e a passagem do século dezenove,
pela Quinta da Boa Vista e pelo Terreiro do Paço,
com aqueles vultos inolvidáveis da Monarquia.

Surgem, dentro da noite, as visões do Passado!
Passam... processionais, grandiosamente!
E, no estrondo do Atlântico, sob os arcos sombrios
desta velha praça de guerra,
clamam, num coro imponente,
todas as páginas mortas, todos os episódios
de outrora, na augusta sinfonia
de uma espectral ressurreição!

Nos intervalos, nas tréguas do mar, quando as ondas recuam,
gota a gota caem, sobre os velhos canhões, pelas estalactites,
as lágrimas brancas das pedras.

As pedras estão chorando sobre os velhos canhões...

*
* *

Não é assim nas manhãs de sol, quando a viração desfralda
nossa linda bandeira verde-amarela no céu azul.
As gaivotas cortam o espaço, em bandos que vão e vêm,
da ilha Rasa à ponta do Imbuí. As velas brancas
aflam, palpitam, na amplidão do mar.
Passam navios majestosamente,
e, sobre as frondes da alta escarpa, cresce
a música dos pássaros festivos.

Na radiosa alegria matutina,
estes anciões de ferro, de pescoços de touros
avermelhados de ferrugem,
esquecem-se da sua velhice gloriosa,
porque as andorinhas, os paredes e os canários,
que moram nas copas das amendoeiras no pátio central

[do forte,
vêm voar sobre as muralhas, entram pelas arcadas de pedra
das antigas baterias,
e pousam chilreando,
irreverentemente, infantilmente,
nos colos, nos ombros, nos peitos
destes velhos soldados do Brasil.

Então, eles contam as histórias bonitas que sabem,
à maneira desses encanecidos veteranos,
que deram baixa quando se usavam ainda aqueles uniformes,
aquelas dragonas, e aquelas espadas
que estão em panóplias, nos museus de armas,
entre os retratos de almirantes e generais
de grã-cruzes e colares da Ordem da Rosa.
Falam daqueles tempos em que os nossos navios
saíam, para impor ordem no Continente
e proclamar a augusta soberania da Pátria.

"Era uma vez"... Os passarinhos escutam.
Os velhos canhões contam a história
dos sofrimentos nacionais:
— o cruzeiro dos navios ingleses;
a famosa questão Christie;
a reconstrução desta velha fortaleza;
conversas com o Duque de Caxias
sobre esses casos em que púnhamos a nossa honra;
intimidades com o senhor D. Pedro Segundo...

Falam da República. Do velho Deodoro. (Estes canhões
conheceram, pessoalmente, o Marechal Floriano Peixoto...)
Descrevem tanta cousa, narram tantos fatos,
como esses avós patriarcais que viveram muito e viram tudo.
Contam... Mas, nem é bom repetir o que contam
aos pássaros cantores, nas manhãs de sol!

É por isso, talvez, que estas abóbadas de pedra
estão chorando, na noite de luar, sobre os velhos canhões...

*
* *

Agora o mar calou. As ondas recuaram
para essas regiões insondáveis e misteriosas do Atlântico
onde moram os mágicos maestros
que ensaiam, perenemente, as baladas da primavera,
as barcarolas das noites serenas.
as marchas fúnebres e os noturnos de Chopin,
as fugas de Bach, ao esplendor sideral,
as sinfonias de Beethoven, pela orquestra das marés,
e a alma, a própria alma, revolta aos ventos eternos,
de Wagner, grandioso e cósmico,
nas explosões retumbantes das ressacas.

Pesa o silêncio. E, no silêncio,
a Alma da Pátria está desperta,
tão viva, como o fantasma que passou.
Pelas muralhas, sobe um grito: "Alerta!"
E outro grito responde: "Alerta estou!"

O espectro do Passado vela insone
sobre o nosso Presente, tão incerto;
sobre os erros dos bons; a fraqueza dos tíbios;
a indiferença criminosa dos maus;
sobre essa geral incapacidade de entusiasmo
pelas cousas nobres e belas;
sobre os vícios, os crimes, as indecisões,
as tolerâncias, as transigências;
sobre a melancolia dos inspirados,
dos poetas, dos sonhadores;
sobre o letargo de todos os que se esqueceram
dos deveres supremos e das supremas renúncias!

*
* *

Como Hamleto, no castelo da Dinamarca,
os que sofrem pela Pátria reconhecem,
na sombra errante e sobrenatural,
que passeia nos altos terraços, à fria luz da lua,
— a trágica majestade de um Espírito Imortal!

*
* *

Abre os olhos, sentinela!
Fica bem acordado!
Bem firme!
Bem vivo!
Bem atento,
soldado do Brasil!

Guarda,
no recesso das casernas,
no átrio das fortalezas,
no seio dos navios,
esse Princípio Eterno,
essa Sagrada Essência,
esse implacável, transcendental sentimento
que se chama
— a Consciência da Grande Nação!

Já no Oriente aponta o alvor da aurora...
Desmaiam as estrelas. Esvaem-se as sombras dos espectros.
O Cruzeiro se afasta para as ignotas regiões siderais.
Sobre os pátios desertos, pesa um silêncio enorme...
Dorme a cidade, ao longe, e a terra inteira dorme...

Só tu, sentinela, estás desperta!
Só tu, porque ninguém, na Pátria imensa, despertou!
Só tu, que gritas: "Sentinela alerta!"
ao teu irmão que brada: "Alerta estou!"

Alerta pelo Brasil, por nossa Pátria!
Alerta, como estiveram estes velhos canhões, em
[outros tempos,
despedindo trovões sobre as ondas do mar!
Alerta, como o Espírito Imortal das tradições antigas
que, nos pátios da velha fortaleza,
à hora morta da noite, passeia devagar...

Alerta, sentinela, porque o teu grito simboliza
a própria voz do Exército, a bradar,
a dizer a todos os tristes,
a todos os amargurados,
a todos os que se inquietam porque amam o Brasil,
— que a alma da Pátria não morreu;

e está tão viva nos quartéis, nas fortalezas,
como esteve nas guerras de outros tempos,
quando
com o sangue dos bravos se escreveram
as luminosas páginas heróicas!

Grita
para as trevas da noite!

Grita
para a amplidão!

Grita! Grita! porque só assim saberemos
que Osório está vivo!
Que Caxias está vivo!
E, mais vivo, o Brasil em nosso coração!
À força de vigiar, hás de acordar a Pátria!
À força de bradar, hás de vê-la desperta!

Brasil! Acorda! Acorda!
A aurora já desponta!
Daqui a pouco, ouvirás os toques da alvorada
pelas cornetas triunfais!
Responde, nestas últimas sombras da noite,
à voz que grita nestes pátios:

— Sentinela alerta!

Responde, do fundo dos teus sertões, das tuas florestas,
das tuas campanhas,
das margens dos teus rios, do alto de tuas montanhas,
nas amplidões continentais:
— "Alerta estou!" "Alerta estou!"

Fortaleza de Santa Cruz, 11 de junho de 1939.
Rio de Janeiro.